



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

RAFAEL SILVA DA CÂMARA

CONCEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE A MEMÓRIA:
ANÁLISE DAS BIBLIOGRAFIAS DAS DISCIPLINAS DOS PROGRAMAS DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL

Recife
2015

RAFAEL SILVA DA CÂMARA

**CONCEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE A MEMÓRIA:
ANÁLISE DAS BIBLIOGRAFIAS DAS DISCIPLINAS DOS PROGRAMAS DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco no Curso de Mestrado em Ciência da Informação como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação, memória e tecnologia

Linha de Pesquisa: Comunicação e visualização da memória

Eixo Temático: Visualização da Informação

Orientadora: Profa. Dra. Leilah Santiago Bufrem.

**Recife
2015**

Catálogo na fonte
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

C172c Câmara, Rafael Silva da
Concepções teóricas sobre a matéria: análise das bibliografias das disciplinas dos programas de pós-graduação em ciência da informação no Brasil / Rafael Silva da Câmara. – Recife: O Autor, 2015.
125 f.: il., fig.

Orientador: Leilah Santiago Bufrem
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Ciência da Informação, 2015.

Inclui referências e apêndices.

1. Ciência da informação. 2. Bibliografia. 3. Universidades e faculdades – Pós-graduação. 4. Memória. 5. Universidades e faculdades - currículos. I. Bufrem, Leilah Santiago (Orientador). II. Título.

025.4 CDD (22.ed.) UFPE (CAC 2015-71)



Serviço Público Federal
Universidade Federal de Pernambuco
Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação - PPGCI

RAFAEL SILVA DA CÂMARA

*Concepções teóricas sobre a memória: análise das bibliografias das disciplinas
dos Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Aprovada em: 27/02/2015

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª D^{ra} Leilah Santiago Bufrem (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Fábio Mascarenhas e Silva (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª D^{ra} Eliane Braga de Oliveira (Examinador Externo)
Universidade de Brasília



Dedico esta dissertação a minha bisavó Amália (in memoriam).

À minha família: Zaira, Francisco, Priscila e Daiany.

À minha orientadora Leilah.

AGRADECIMENTOS

Na elaboração desta dissertação de mestrado, eu agradeço carinhosamente a minha orientadora, a Professora Doutora **Leilah Santiago Bufrem**. Mais do que pela sua orientação, eu sou muito grato por cada momento de trabalho, de lazer e de alegria que pude vivenciar ao seu lado nesta jornada. Grato pela sua dedicação em compartilhar conhecimentos de sua admirável inteligência. Pela paciência que tem em meu processo de atividades e de aprendizado. Pelo apoio e colaboração que recebi nos trabalhos que apresentei em eventos científicos como mestrando. Por acreditar e confiar no meu esforço e dedicação com os trabalhos que me proponho a realizar. Por me incentivar a buscar os meus sonhos no ambiente acadêmico. Pelo carinho e amizade que muito me faz bem. Por me inspirar com sua personalidade exemplar, seu modo de se relacionar, ensinar e fazer pesquisa.

Agradeço as colaborações, sugestões e participação dos professores titulares de minha banca examinadora: o Professor Doutor **Fábio Mascarenhas e Silva**, por ser um ótimo professor com seu jeito exigente e ao mesmo tempo divertido, pela assistência, atenção aos discentes e pela agradável disciplina que tive a oportunidade de ser aluno; e a Professora Doutora **Eliane Braga de Oliveira**, da Universidade de Brasília, pela gentileza em aceitar o convite para compor a Banca Examinadora de minha dissertação e pela sua tese que desde o início esteve presente no referencial teórico do meu projeto de pesquisa, ajudando-me a repensar o posicionamento da memória na Ciência da Informação.

Agradeço ao acolhimento e apoio do **Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, da Universidade Federal de Pernambuco**. Antes mesmo de eu me tornar aluno desta universidade, foi por causa deste programa e sua área de concentração que eu me senti estimulado a aprender sobre a temática da memória na Ciência da Informação. Concluindo esta etapa de minha trajetória acadêmica no programa, sinto que aprendi bastante sobre a minha área de formação. Assim, o desejo de aprofundar e transmitir conhecimentos só aumenta.

Agradeço ao corpo docente por sua dedicação aos alunos e ao programa. Em especial, agradeço aos professores **Fábio Assis Pinho, Nadi Helena Presser, Raimundo Nonato Macedo dos Santos, Maria Cristina Guimarães Oliveira e**

Anna Elizabeth Galvão Coutinho Correia por suas colaborações, direta e indiretamente, muito significativas em minha formação de Mestre.

Agradeço ao importantíssimo apoio que recebi da **Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco – FACEPE**, durante o período do curso de mestrado.

Agradeço aos programas de pós-graduação e professores de diversos lugares do Brasil que me ajudaram na coleta e levantamento de dados da pesquisa.

Agradeço a minha família que eu tanto amo: minha mãe **Zaira**, meu pai **Francisco** e minhas irmãs **Priscila** e **Daiany**, por acreditar e me apoiar incondicionalmente em todos os meus passos, mesmo diante das dificuldades.

Agradeço a Professora Doutora **Andréa Vasconcelos Carvalho**, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Por sua amizade, pelo incentivo e por sempre torcer pelo meu sucesso.

Agradeço ao amigo **Rafael Alves de Oliveira**, que muito me ajudou em minha preparação para ingressar no mestrado, bem como no início da minha vida de estudante em Recife. Companheirismo que guardo muito bem em minhas memórias.

É gratificante estudar e fazer parte de uma ótima turma. Assim, agradeço aos amigos e colegas de minha turma do programa. Pelas boas doses de amizade, coleguismo, tolerância, compartilhamento de ideias e outros momentos memoráveis.

Por último e não menos importante, eu agradeço a **Deus** por iluminar o meu caminho ao longo de minha vida universitária, me dando a saúde, a força e a fé de que eu tanto preciso para seguir em frente na trajetória acadêmica. Conhecendo melhor do que ninguém os meus sonhos, potenciais, dificuldades e limitações, Ele têm me abençoado nos momentos mais oportunos.

Muito obrigado!

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.”

(Paulo Freire)

RESUMO

Estudo de caráter exploratório e analítico das vertentes teóricas perceptíveis nas bibliografias das disciplinas sobre memória em universo composto pelos Programas de Pós-graduação de nível acadêmico em Ciência da Informação no Brasil para identificar as concepções de memória adotadas no ensino. Define um *corpus* de análise constituído pelas ementas e bibliografias referenciadas nos planos de ensino das disciplinas que apresentam o uso do termo Memória em sua nomenclatura. Na metodologia, por meio de pesquisa de campo, identifica estes programas no site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Por meio de instrumentos de organização do conhecimento e de estudos métricos, relaciona as propostas das disciplinas, analisa a tipologia material das referências bibliográficas, os periódicos referenciados e suas áreas de conhecimento. Por meio de pesquisa bibliográfica, analisa os autores recomendados e a literatura pertinente para a compreensão dos conceitos e pressupostos, necessária à análise de conteúdo fundamentada em Bardin (2011). Parte do pressuposto de que a bibliografia representa uma seleção de conteúdos registrados, cognitivos e simbólicos a partir de elementos constantes em domínios construídos historicamente e deliberadamente transmitidos pelos professores aos seus alunos, cuja organização é institucionalizada em forma de disciplinas, com a intenção de garantir ao estudante acesso ao conhecimento pertinente. Nos resultados, a pesquisa identifica uma forte influência de autores franceses nas bibliografias para o ensino da Memória. Conclui que a interdisciplinaridade do tema é perceptível nas disciplinas que discutem a memória em contextos específicos que as diferenciam. Constata que as concepções teóricas sobre a memória mais evidentes nas bibliografias selecionadas pelos professores são a memória individual, a memória coletiva e a memória social, sendo estas concepções diretamente relacionadas em seus pressupostos teóricos, e que as bibliografias indicadas pelos professores são selecionadas a partir de um repertório pessoal, mas construído coletivamente em meio à cultura, na qual se destacam autores dominantes. Essa premissa permite compreender como as indicações bibliográficas têm legitimado conteúdos, conhecimentos, autores e orientado a formação na pós-graduação sobre os aspectos constitutivos da conceituação de memória.

Palavras-chave: Ciência da Informação. Memória. Bibliografias. Disciplinas. Ensino.

ABSTRACT

This is an exploratory and analytical study about the theoretical currents perceptible in the bibliographies of the disciplines about memory in the academic post-graduation programs in information science in Brazil. The objective is to identify the conceptions about memory used for teaching. The *corpus* of analysis consists of the syllabi and bibliographies referred in the teaching plans of the disciplines which present the use of the term memory in their terminology. The methodology of field research identified these programs in the website of the Secretariat for the Improvement of Higher Education Staff. Through the use of knowledge organization instruments and metrical studies, the research compares the disciplines' proposals and analyzes the material typology of the bibliographic references, referred journals and knowledge fields. Through the use of bibliographical research, it analyzes the recommended authors and literature in order to comprehend concepts and assumptions, which is necessary to proceed with the content analysis based on Bardin (2011). The study is supported by the assumption that the bibliography represents a selection of registered, cognitive and symbolic contents, based on elements from historically constructed domains. These contents are deliberately transmitted by teachers to their students, through an institutionalized organization in the form of disciplines, with the aim of guaranteeing students the access to relevant knowledge. The results identify a strong influence from French authors in the bibliographies related to the teaching of memory. The study concludes that the interdisciplinarity of the theme is visible in the disciplines which discuss memory in specific contexts. It verifies that the most evident theoretical conceptions about memory in the bibliographies selected by professors are *individual memory*, *collective memory* and *social memory*, which are directly related to the theoretical assumptions. It is also verifies that the bibliographies indicated by the professors are selected based on a personal repertoire, which is at the same time collectively constructed amidst a culture where dominant authors are highlighted. This premise enables the comprehension of how bibliographic references have legitimated contents, knowledge and authors, and have guided post-graduation education about the constitutive aspects of concepts about memory.

Keywords: Information science. Memory. Bibliography Disciplines. Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Disciplinas dos PPGCIs com o termo “Memória” nos títulos.....	41
Quadro 2 – Referências dos vinte autores mais citados nas bibliografias sobre Memória nos PPGCIs	54
Quadro 3 – Autorias e suas concepções de Memória nas principais obras referenciadas nos PPGCIs.....	60

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa conceitual do ensino da Mémória nos PPGCs.	43
Figura 2 – Rede de relação entre autores recomendados nas bibliografias sobre memória e os PPGCs.	50

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Incidência de referências sobre Memória nas disciplinas de Memória nos PPGCs	45
Gráfico 2 – Periódicos referenciados nas bibliografias das disciplinas sobre memória nos PPGCs	48
Gráfico 3 – Áreas de conhecimento dos periódicos e artigos referenciados nas bibliografias das disciplinas sobre memória nos PPGCs	49
Gráfico 4 – Autorias mais citadas nas bibliografias das disciplinas sobre Memória nos PPGCs	52
Gráfico 5 – Idioma das referências sobre memória nos PPGCs	54
Gráfico 6 – Categorias temáticas das concepções de memória nas bibliografias	88

LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Tipologia documental das referências sobre Memória nos PPGCs.

.....46

LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ANCIB	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CI	Ciência da Informação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
PPGCI	Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação
PPGCom	Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNB	Universidade de Brasília
UNESP	Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 A MEMÓRIA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	19
3 BIBLIOGRAFIA E CURRÍCULO ESCOLAR	25
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	36
4.1 Modalidades de análise	36
4.2 Universo da pesquisa	39
4.3 Corpus da pesquisa	39
5 ANÁLISE DOS DADOS	40
5.1 Mapa conceitual do ensino da Memória na Ciência da Informação	42
5.2 Análises bibliométricas	44
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	92
APÊNDICE A – Instituições, disciplinas e bibliografias sobre Memória nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil	104
APÊNDICE B – Disciplinas dos PPGs interdisciplinares com a CI cadastrados no portal da ANCIB com o termo “Memória” nos títulos.....	123
APÊNDICE C – Área de concentração dos PPGCs que apresentam disciplinas com o termo “Memória” nos títulos	124

1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação (CI), sendo uma ciência que toma a informação como objeto principal de estudo, apresenta-se com uma natureza interdisciplinar enquanto área do conhecimento, uma vez que estudos relativos a outras áreas integram-se aos saberes constituídos relativos à informação. Deste modo, os processos informacionais presentes em diversos campos do conhecimento permitem no âmbito da CI o estudo de temáticas afins com outras áreas, como é o caso do tema memória, que apresenta reflexões em evidência na CI.

Assim como ocorre com o conceito de Informação, o conceito de memória é polissêmico e as concepções teóricas a ele relacionadas apresentam diversidade quando consideramos os domínios que o fundamentam, tais como Educação, História, Psicologia e, no caso deste estudo, a Ciência da Informação.

O tema memória tem sido eventualmente analisado como objeto de estudo e pesquisa no âmbito da CI, especialmente nos Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) ou por pesquisadores atuantes nessa área.

Oliveira e Rodrigues (2011, p. 327) constatarem que o conceito de memória ainda não foi trabalhado de forma efetiva no âmbito da Ciência da Informação. Isto sugere que as áreas de conhecimento que compõem a CI como a Biblioteconomia, a Documentação e a Arquivologia apresentam concepções diversas sobre a memória. Deste modo, uma análise dessas concepções presentes nas bibliografias adotadas, disseminadas e recomendadas nas disciplinas dos PPGCI no Brasil é recomendável, ensejando reflexões que colaboram com o diálogo e a compreensão das ideias por elas veiculadas.

A premissa de que a CI, enquanto área do conhecimento de caráter interdisciplinar, também faz uso dos conhecimentos provenientes de outras áreas para formular as suas próprias posições sobre a memória conduz à pertinência em investigar quais as concepções teóricas fundadoras na pesquisa deste tema no âmbito da Ciência da Informação.

Conseqüentemente, esta pesquisa analisa as vertentes teóricas perceptíveis na bibliografia selecionada pelos professores das disciplinas relacionadas ao conceito de memória nos PPGCI para identificar as concepções teóricas sobre a memória neles adotadas.

Parte-se do pressuposto de que os conteúdos cognitivos e simbólicos são selecionados e deliberadamente transmitidos pelos professores das disciplinas aos

seus alunos. Essas informações e conteúdos encontram-se não apenas nos momentos de transmissão oral, mas também são registrados nas referências dos textos escolhidos. Assim, as escolhas dos conteúdos pelo professor contribuem não somente com as suas condições de formação superior e produção científica, mas também com as condições do ambiente acadêmico, como a missão e objetivos de um programa de pós-graduação, e as características dos materiais didáticos, pois o conhecimento sobre um assunto contido nos materiais didáticos fundamentam as pesquisas realizadas pelos educandos em um programa de pós-graduação.

O professor, ao indicar uma referência num plano de ensino, tem como objetivo tanto a formação básica quanto a construção continuada do conhecimento. Embora durante as práticas pedagógicas o docente não utilize todas as obras indicadas nos planos, **oferece um rico referencial ao aluno**, num documento que pode ser consultado durante todo o processo educacional e mesmo depois dele. (BRAMBILLA; STUMPF, 2005, p. 38)

As bibliografias representam, portanto, além de um referencial mais amplo e, em alguns casos, universal, o acervo desses professores, assim como suas ideias sobre memória. Grifa-se, no texto citado, a afirmação sobre a riqueza do referencial com base na convicção de sua relatividade, pois o valor dado ao referencial bibliográfico depende da apropriação pelo aluno. Assim, a possibilidade de analisar as concepções sobre memória veiculadas aos estudantes nos textos selecionados por esses professores apresentou-se como um desafio especial, pois atualmente a definição de memória apresenta elementos difusos na literatura, revelando incipiência na discussão relacionada aos conceitos que a compõem em outras áreas do conhecimento.

A ausência de um consenso sobre o conceito de memória na CI decorre da saudável diversidade de ideias entre os próprios professores e pesquisadores atuantes na área da Ciência da Informação, por sua vez oriunda de concepções sociais, políticas e ideológicas presentes na cultura do grupo.

Evidentemente, essa prática intelectual está ligada também a sistemas de crenças e valores. É natural que não haja unanimidade entre intelectuais e pesquisadores. Trabalhar com maneiras diferentes de pesquisar é uma condição necessária à riqueza e à multiplicidade do pensamento e da produção do conhecimento. (ABREU, 2005, p. 30)

Embora a falta desse consenso não se constitua em situação problema segundo a posição que se adota nesta pesquisa, vale salientar as correntes fundantes nessa diversidade de concepções, decorrente dos conhecimentos teóricos e empíricos dos professores sobre o assunto, de suas formações acadêmicas, das pesquisas que realizam sobre o tema e dos ensinamentos em sala de aula.

O mesmo se pode dizer sobre os Programas de Pós-graduação (PPGs), cujas áreas de concentração e linhas de pesquisa convergem para a criação de disciplinas e ementas representativas dos seus fundamentos teóricos e epistemológicos. Parte-se da compreensão de que as obras recomendadas pelos professores são elementos explícitos das ementas e dos programas das disciplinas, coincidindo ou não com os referenciais teóricos de suas reflexões, pesquisas e consequente produção científica. Essa premissa permite compreender como essas indicações bibliográficas têm legitimado conteúdos, autores e orientado a formação na pós-graduação.

Para chegar a essa compreensão, busca-se conhecer quais as vertentes teóricas sobre a memória presentes nos conteúdos das disciplinas e das bibliografias recomendadas sobre o tema no âmbito da CI.

Evita-se partir de hipóteses sobre o predomínio ou não de determinada vertente teórica, pois este estudo reveste-se de caráter exploratório, ou seja, encontra-se na fase de reconhecimento de seu objeto, que é histórico e, como defende Minayo (2008, p. 28), construído pela sociedade e sob a influência das suas instituições, comunicações e construções teóricas, assim como marcado pelo seu passado. Portanto, é objeto dotado de consciência histórica, ou seja, não é apenas o pesquisador que lhe dá sentido como resultado de seu trabalho intelectual, mas ele, enquanto objeto, adquire significados no conjunto da sociedade.

Os estudos de domínios relativos ao tema Memória na CI são perceptíveis em publicações periódicas, comunicações em eventos científicos e na criação do grupo de trabalho Informação e Memória na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ANCIB), que objetiva divulgar pesquisas transdisciplinares que envolvem conceitos, teorias e práticas sobre informação e memória. Assim, muito ainda poderá ser discutido sobre este tema como um objeto de estudo na CI e novas pesquisas a serem divulgadas, de modo a obter-se também uma melhor visualização dos desafios e perspectivas de pesquisa e ensino. Neste contexto, esta pesquisa apresenta-se como outra forma de se perceber um comportamento de escolhas conceituais. Portanto, justifica-se por oferecer uma

contribuição aos estudiosos e pesquisadores da área para que reconheçam as concepções vigentes na atual conjuntura dos conhecimentos sobre a Memória apresentadas nas bibliografias, assim como seus relacionamentos com as propostas apresentadas nas disciplinas que ensinam sobre o tema.

Importa salientar que os professores tendem a ensinar e divulgar as obras coincidentes com seus referenciais, interesses e motivações. Essas contribuem para o ensino e compõem elementos para a construção do currículo e de uma identidade programática institucional que deve ser reconhecida pelos pesquisadores e alunos.

Parte-se, portanto, do seguinte problema: **quais as concepções teóricas sobre a memória presentes nas bibliografias utilizadas pelos professores, em disciplinas dos Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil?**

A partir deste questionamento, tem-se como objetivo geral apresentar as concepções teóricas sobre a memória utilizadas como referências pelos professores nas disciplinas que ensinam este tema nos programas de pós-graduação de nível acadêmico em Ciência da Informação no Brasil. Como desdobramentos, apresentam-se como objetivos específicos:

- a) identificar os programas de pós-graduação em CI cujas disciplinas incluam o termo memória em sua nomenclatura;
- b) elencar as referências bibliográficas contidas na bibliografia constante dos programas das disciplinas selecionadas;
- c) representar, por meio de mapa conceitual, os termos e conceitos relacionados à memória nessas disciplinas, bem como as proposições existentes;
- d) analisar a partir de estudos métricos, o tipo de material utilizado, os autores e as obras mais citadas;
- e) analisar, por meio do método de análise de conteúdo, as principais concepções teóricas dos autores nas obras mais indicadas pelas bibliografias das disciplinas sobre memória nos programas de pós-graduação em CI.

A análise dessas bibliografias procura evidenciar como as discussões sobre o tema memória ocorrem no contexto do ensino na CI, concebendo-se essas escolhas como representativas da trajetória do próprio conceito e dos fundamentos que auxiliam a sua construção. Procura-se, assim, estabelecer relações entre as vertentes teóricas visualizadas nas indicações bibliográficas e os aspectos de conteúdos considerados simbólicos para a conceituação de memória em disciplinas que complementam a estrutura curricular de cursos de pós-graduação em CI.

2 A MEMÓRIA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A Ciência da Informação apresenta-se como um campo do conhecimento de caráter interdisciplinar, com ênfase na missão de resolver os problemas, questionamentos e fenômenos relativos à construção, à transmissão e ao uso da informação. Wersig e Nevelling (1975) apontam que a CI desenvolveu-se em razão dos problemas informacionais para a sociedade, em que "atualmente, transmitir o conhecimento para aqueles que dele necessitam é uma responsabilidade social, e essa responsabilidade social parece ser o verdadeiro fundamento da CI". Diante dessa interdisciplinaridade, destaca-se aqui em sua origem a responsabilidade com o armazenamento, a conservação e preservação da informação em ambientes e espaços físicos, os quais Nora (1993) define como lugares de memória, com ênfase nas bibliotecas, arquivos e museus, que "guardam materialmente a memória de um povo, de uma cidade, de um país [...]" (MONTEIRO; CARELLI; PICKLER, 2008).

Com o decorrer do tempo, os ambientes virtuais e digitais também se tornaram importantes para investigação, com ênfase nas tecnologias de informação e comunicação, às quais "têm uma relação estreita com o conceito de memória" (MONTEIRO; CARELLI; PICKLER, 2008, p. 14), pois a preservação é a garantia de sua guarda e recuperação, o que permite "várias possibilidades de pesquisa na área de ciência da informação, incluindo a memória [...]" (SILVA; HOLANDA, 2012, p. 8).

A teoria de recuperação da informação foi uma das correntes teóricas que consolidaram a CI como um campo do conhecimento, entre outras correntes (ARAÚJO, 2009). Foi por algum tempo considerada como sinônimo ou núcleo central da área:

Certamente, a recuperação da informação não foi a única responsável pelo desenvolvimento da CI, mas pode ser considerada como principal; ao longo do tempo, a CI ultrapassou a recuperação da informação, mas os problemas principais tiveram sua origem aí e ainda constituem seu núcleo. Segundo, a recuperação da informação influenciou a emergência, a forma e a evolução da indústria informacional. Novamente, a recuperação da informação não foi o único fator, mas o principal. Como a CI, a indústria da informação atualmente não é apenas recuperação da informação, mas esta é o seu componente mais importante. (SARACEVIC, 1996, p. 45)

Dessa forma, os profissionais da informação apresentam, como competências a serem exercidas, a preocupação com a recuperação da memória científica presente nos acervos, nas coleções de livros e em outros materiais informacionais, ou seja, as bibliografias. Tem-se assim, além da memória individual na mente do homem, a própria informação registrada ou referente ao passado como uma memória a ser armazenada, conservada e preservada.

Oliveira e Rodrigues (2009) realizam um estudo sobre a ocorrência do tema memória na literatura científica especializada na área da Ciência da Informação e seus reflexos na produção dos cientistas da informação no Brasil. A fase inicial dessa análise constatou a baixa ocorrência do tema no material consultado. Posteriormente, as autoras (2009, p. 229) consideraram “a hipótese de que o conceito de memória seria periférico na produção científica em CI e isso se refletiria na produção bibliográfico-científica da área no Brasil”.

As autoras (2009) também analisaram as teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação em CI no Brasil, artigos de periódicos ligados a estes programas de pós-graduação e os Anais dos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação (Enancib). Para elas, o levantamento dos dados coletados na pesquisa evidencia uma baixa preocupação com a temática da memória nas teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação. No entanto, identificaram uma tendência de crescimento do tema na produção científica da área como em artigos, dissertações e teses.

Uma segunda publicação das autoras (2011) apresenta resultados mais precisos em pesquisa do doutorado de Eliane Braga de Oliveira, sob a orientação de Georgete Medleg Rodrigues, sobre como a Ciência da Informação se apropria e reformula o conceito de Memória na produção científica da área no Brasil. A pesquisa fez uso da análise de conteúdo das teses e dissertações dos programas de pós-graduação em CI no país.

Os resultados mostram também que, embora todos os autores sejam egressos dos programas de pós-graduação em CI, os mais produtivos em trabalhos sobre memória não atuam nesses programas.

Desse modo, colocam em pauta uma reflexão sobre a participação dos programas de pós-graduação em CI nas pesquisas sobre Memória quando dizem que “tendo em vista o baixo número de pesquisas identificadas, podemos questionar se os programas de pós-graduação em CI constituem-se em espaços favoráveis à produção científica sobre memória”. (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2011, p. 324).

Oliveira (2010, p. 112) identificou a memória social como a concepção de maior relevância na CI. Considerada essa importância, após as considerações finais em sua tese de doutorado, a autora inclui a análise das bibliografias indicadas nos programas de pós-graduação em CI como uma das perspectivas de novos estudos sobre o tema.

Sobre a memória social, Gondar e Dodebei (2005, p. 7) afirmam que os conceitos desse campo de estudo se produzem no entrecruzamento ou nos atravessamentos que ocorrem entre as disciplinas. Contudo, ressaltam:

Nosso presente apresenta outros problemas, convocando conceitos que lhe façam face. As novas tecnologias da informação, as políticas midiáticas, o mercado mundial, a hibridação cultural, todos esses fenômenos impõem outros contornos de mundo. Os pesquisadores do campo da memória, entre os quais incluímos nossos alunos, trazem questões que nem sempre podem ser respondidas com os conceitos tradicionais dessa área de estudos: questões relativas ao patrimônio imaterial, aos novos usos da linguagem, à crise das instituições, às novas estratégias de resistência nas esferas do trabalho, da subjetividade e da criação artística. Mesmo que já disponhamos de considerável bibliografia sobre memória social, os conceitos que ela apresenta emergiram, na maior parte das vezes, de perguntas diferentes daquelas que hoje formulamos. (GONDAR; DODEBEI, 2005, p. 9)

É reconhecida a complexidade do referencial sobre o conceito de memória, decorrente, nas palavras de Gondar (2008), da polissemia do termo, o que torna problemática a própria distinção entre memória individual, coletiva e social. Atribuindo a Halbwachs a constituição da disciplina memória social, para que se pudesse distingui-la da memória individual, a autora argumenta que essa diferenciação tem sido colocada em xeque por outros autores. Além disso, o próprio critério usado para distinguir a memória social da coletiva varia conforme os autores enfocados. Assim, o repensar sobre essas distinções faz-se necessário quando se deseja explicitar os conceitos em jogo na constituição de um corpo de conhecimentos curriculares.

A construção do campo teórico-metodológico de conhecimentos entre memória e informação já foi objeto de estudo para Dodebei e Orrico (2011). Quanto às afinidades, relações e aproximações das diversas disciplinas na construção do modelo discursivo conceitual sobre memória, as autoras (2012, p. 3) ressaltam a necessidade de profundo conhecimento dos traços distintivos e relacionais dos

conceitos que circundam um campo de estudo, para ser possível propor uma clara representação de um domínio, sobretudo quando se situa na interdisciplinaridade.

Sendo a memória social apenas uma das concepções de memória, a sua ênfase na CI parece aproximar-se da própria CI enquanto uma ciência interdisciplinar, pois

a rede de sentidos à qual esses sujeitos estão subordinados ajuda a construir um universo simbólico que, por sua vez, reforça as concepções do próprio campo. Quando se trata de campo interdisciplinar de conhecimentos, os enquadramentos conceituais vão demandar um posicionamento teórico a respeito dos diversos pontos de vista pelos quais um domínio de conhecimento pode ser analisado e, conseqüentemente, um rearranjo conceitual que redimensiona a própria rede de sentidos. (DODEBEI; ORRICO, 2012, p. 3)

A princípio, a memória sempre será uma informação referente ao passado, uma capacidade de armazenamento para posterior recuperação de informações, trazendo-as para o tempo presente. A informação apresenta-se como um elemento a ser recuperado mentalmente ou em suportes materiais, os quais incluem os documentos. A presença da bibliografia e do documento como suporte de registro, recuperação e preservação da memória sempre aparece evidente no surgimento da Ciência da Informação, que tem dupla raiz: de um lado a Bibliografia/Documentação e, de outro, a recuperação da informação. Na primeira o foco é o registro do conhecimento científico, a memória intelectual da civilização e, na segunda, as aplicações tecnológicas em sistemas de informação, proporcionadas pelo computador. (PINHEIRO, 2005, p. 16).

É de se esperar que as bibliografias indicadas nas disciplinas de um currículo escolar, em especial nos cursos de pós-graduação, universo desta pesquisa, revelem conhecimentos curriculares selecionados como necessários, prioritários, importantes ou valiosos. As bibliografias se inserem no contexto de duas vertentes analisadas por Bittencourt (2006) como materiais didáticos: os suportes de informações e os documentos.

Diversos campos do conhecimento que estudam a memória, tais como a História, a Psicologia, a Educação, a Antropologia e a Comunicação, contribuem para a compreensão de fenômenos, características, e problemas relativos a semelhanças entre conceitos e concepções que se aproximam. Essa constatação é acompanhada de problemas na construção teórica a ser selecionada para uma

disciplina, para a cultura institucional e para a identidade de um programa de pós-graduação. Abreu (2005) destaca parâmetros que são essenciais para discutir as relações entre teoria e pesquisa na academia, em particular na memória social, e que apresentam questionamentos muito relevantes, inclusive muito próximos da problematização apresentada aqui, que estende as indagações para além da memória social.

É possível misturar tradições teóricas diferentes quando nos dedicamos a um determinado tema de pesquisa? Como trabalhar com os autores que nos antecederam? De que modo estabelecer interlocuções com pensadores que muitas vezes são divulgados de forma precária, em pequenos fragmentos de texto? Quais as formas de estabelecer diálogos com autores que jamais lerão nossos textos? Como citar os autores com os quais dialogamos? É possível avaliar se nossas interpretações e traduções sobre determinados autores correspondem de fato àquilo que eles quiseram dizer? (ABREU, 2005, p. 29)

Quando um professor seleciona obras para a construção de uma bibliografia, deve levar em conta aspectos como o quadro de referência teórica dos autores selecionados, o tempo em que esses autores escreveram as suas teorias, os projetos e ideias, de modo a perceber a relevância do que pretende repassar como essencial para o conhecimento aos alunos. Essa relevância é construída historicamente na CI, pois quando se fala de memória, entram em pauta os conceitos, sempre objetos de reflexão nas teorias e nas pesquisas realizadas pela comunidade da área. Por isso, não se deve colocar todos os autores identificados na mesma linha de pensamento, bem como os conceitos, em razão das características polissêmicas.

A relação entre teoria e pesquisa pode parecer complexa mas, graças ao constante diálogo entre o que se instituiu como científico e as questões que se apresentam a partir das contradições entre o instituído e a realidade, estão sempre em constante diálogo. Necessidades de pesquisa e ensino surgem a partir de problemas percebidos quando se combinam as leituras recomendadas e utilizadas, o que se pode considerar como as bibliografias, com os fenômenos que ocorrem em nosso cotidiano e em nossa cultura.

Essas reflexões servem de suporte teórico para fundamentar o problema aqui apresentado, surgindo as indagações sobre como a memória é ensinada no âmbito da CI em sala de aula nos programas de pós-graduação e as concepções presentes

nas bibliografias mais indicadas. A memória surge como um tema de estudos para pesquisadores de diversas áreas e que usam diversos referenciais teóricos. Nesse entendimento, as concepções teóricas selecionadas influem no processo de construção curricular, da memória científica de uma disciplina, de um campo do conhecimento e de uma instituição, ainda que, como afirma Gondar (2005, p. 26) a memória como processo não signifique a exclusão das representações coletivas, mas a inclusão da invenção e produção do novo. Assim, a memória aparece como um conhecimento transdisciplinar, que não privilegia uma ou outra teoria, mas que trabalha com teorias diversas em sua pluralidade, ciente das fronteiras de cada disciplina, mas unindo-as para atuar em conjunto no interior dos currículos (MORAIS; ALMEIDA, 2013, p. 184).

O crescente interesse pelo tema memória entre pesquisadores na área de CI faz com que estudiosos reflitam sobre o seu conceito, uma vez que a mistura de ideias pode caracterizar uma fragilidade teórica no planejamento das disciplinas na área da CI e nas bibliografias recomendadas. Essa combinação de ideias por parte dos professores para o ensino da memória na CI aproxima-se também da crença defendida por Breda e Bufrem (2008, p. 42), de que um objeto de conhecimento constrói-se na medida em que os estudiosos contribuem para sua inserção em determinado campo científico.

Além disso, a bibliografia de uma disciplina permite verificar o diálogo entre o professor e os autores por ele adotados na composição do marco teórico das disciplinas que ministram, suas orientações e interesses científicos, as correntes filosóficas que as fundamentam, as concepções e os valores assumidos em sua relação com o programa da disciplina. O estudo dessa bibliografia contribui, também, para o conhecimento da literatura que tem se mostrado relevante para a formação da área.

3 BIBLIOGRAFIA E CURRÍCULO ESCOLAR

Para Silva (2005, p.15), o currículo é sempre o resultado de uma seleção, a partir de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes do que vai constituir, precisamente, o conjunto de atividades a serem desenvolvidas. Após decidir quais conhecimentos devem ser selecionados, busca-se justificar por que “esses conhecimentos” e não “aqueles” devem ser selecionados.

Assim como a produção científica pressupõe a ação intencional do pesquisador e que este, consciente das suas condições e limitações, incorpora concepções e seleciona procedimentos em situações estruturais concretas que dão sentido e significado a sua práxis (BUFREM, 2013), a construção de um plano de estudos e de uma bibliografia requer também incorporação e seleção.

Uma das etapas na elaboração dos planos de ensino em uma disciplina escolar consiste na seleção das referências bibliográficas que serão apresentadas no programa da disciplina, o documento que será disponibilizado aos estudantes para conhecimento dos conteúdos que serão trabalhados no decorrer da disciplina.

Se na CI Pinheiro (2002) menciona a bibliografia como “aspecto de registro, memória do conhecimento científico, desvinculada dos organismos, entre os quais arquivos e bibliotecas, e não relacionada a acervos e coleções”, essa afirmação se complementa com o raciocínio de que a memória do conhecimento também está presente nos conteúdos ensinados em sala de aula. Por isso, é perceptível a que várias áreas do conhecimento humano já realizaram estudos sobre a bibliografia básica ou mínima de seus cursos, conforme afirma Figueiredo (1978, p. 3).

Segundo Cunha e Figueiredo (1967, p. 18) as bibliografias são obras de pesquisa ou de consulta que visam facilitar o trabalho científico, técnico e cultural. Também têm como função fornecer dados relativos à produção bibliográfica de um país ou conjunto de países e informar sobre a atividade intelectual internacional e nacional em cada um dos ramos do conhecimento humano.

Na concepção de Castro (2000), até mesmo a biblioteconomia, campo de prática profissional vinculada à CI, por muito tempo foi identificada com a bibliografia, como prática que se faz essencial no desenvolvimento e registro científico. As primeiras bibliografias datam do século XV e a primeira bibliografia universal foi feita na metade do século XVI.

Com o aumento do número de acervos, passaram a ser elaboradas as bibliografias gerais e as bibliografias especializadas. As bibliografias gerais são

aquelas que juntam documentos que versam sobre todos os assuntos nos mais variados níveis, enquanto as especializadas se referem a documentos sobre um único assunto ou assuntos correlatos também em níveis diversos.

A bibliografia corresponde a um repertório bibliográfico ou relação de livros e outras publicações científicas. É um conjunto de determinados textos escritos sobre um assunto ou matéria científica baseada na descrição de seus exemplares. Ressalva-se que se diferenciam de referências bibliográficas, em que somente são indicadas as referências que realmente foram utilizadas nas aulas ou utilizadas em trabalhos, enquanto que a bibliografia apresenta uma abrangência maior, podendo incluir indicações bibliográficas e autores que não são utilizados em uma atividade da disciplina, mas que contribuem para o aprofundamento dos estudos.

As bibliografias selecionadas pelos professores são fontes de informação e tal quais, podem ser classificadas em primárias, secundárias e terciárias. Em 2001, Cunha (p. 35) apresenta a bibliografia como uma fonte de informação secundária em ciência e tecnologia. Para Cunha (2001, p. 36) a Bibliografia é uma lista de referências bibliográficas relativas aos diversos tipos de fontes de informação sobre determinado assunto ou pessoa. Contudo, na pós-graduação enfatizam-se as bibliografias como fontes de informação primárias, pois correspondem as novas informações e ideias pertinentes ao produto de informação elaborado pelo autor. Para Brasiliano (2005, p. 6), as fontes de informação primária “[...] são fatos vindos diretamente da fonte e não adulterados [...]. É uma informação que não pode ser mudada, alterada ou disfarçada por opiniões ou seleções”.

A bibliografia também é disciplina que suporta a teoria e a metodologia científica. Gera significados, por ser uma fonte de conhecimento e cultura. Por isso, é um símbolo de sabedoria que se transmite por várias gerações.

As bibliografias são fontes de informação para a aprendizagem. São recursos informacionais que respondem as necessidades de informação e conhecimento para os professores e alunos, influenciando a estrutura de um currículo escolar. Na comunidade da pós-graduação, as questões referentes ao currículo devem se constituir em alvo de atenção dos gestores, professores, estudantes e demais envolvidos. Da mesma forma, as obras indicadas, sejam livros, artigos ou comunicações, científicos ou não, constituem-se no resultado de processos de seleção que muitas vezes privilegiam aqueles indivíduos ou grupos, detentores de maior poder e acabam identificando seus conhecimentos como legítimos.

Os livros didáticos têm, seguramente, uma importância própria. Eles, por seu conteúdo e forma, significam construções particulares da realidade, modos particulares de selecionar e organizar um vasto universo de conhecimento possível. Incorporam o que Raymond Williams chamou de tradição seletiva: uma seleção feita por alguém, com sua particular visão sobre o conhecimento legítimo e a cultura, uma seleção que no processo de privilegiar o capital cultural de um grupo desprivilegia o de outro. (APPLE, 1997, p. 77)

Assim como os livros, as bibliografias incorporam a tradição seletiva, seleção feita por um professor, com sua visão, conceitos e preconceitos. Esta tradição seletiva considera aspectos como a representatividade dos conteúdos, a influência que deverão ter nos estudos e pesquisas dos alunos em formação, a estrutura material e os seus significados para os alunos.

A quantidade crescente de literatura publicada nas diferentes áreas do conhecimento, aliada à especialização inerente ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia, reflete decisivamente no processo de seleção e domínio das informações mais significativas e relevantes constantes dos diversos documentos que caracterizam a estrutura de uma área de estudo. (BUFREM; PEREIRA, 2002, p. 197)

As bibliografias auxiliam na construção do conhecimento tratado na sala de aula como um reflexo de como um determinado tema é trabalhado e recepcionado na formação acadêmica dos professores. Para Manzo (1971, p. 32), “[...] a bibliografia pertinente oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas nas quais os problemas não se cristalizaram suficientemente”.

Em um programa de pós-graduação, os atos de leitura das bibliografias são atividades permanentes no trabalho, no ensino e na pesquisa dos professores e alunos. A leitura de textos de diferentes gêneros e esferas discursivas é importante para atender a propósitos e interesses variados, o que torna a bibliografia um dos focos do processo de ensino-aprendizagem, sendo um material escrito que constitui um todo unificado e coerente em uma situação discursiva.

Com a bibliografia, um professor promove conhecimentos, competências e habilidades, guiando os alunos para enfrentar novas descobertas e adquirir aprendizagem. Ler a bibliografia pressupõe, entre outras coisas, o ato de interpretar uma questão.

Os conteúdos necessitam ser contextualizados, a fim de proporcionarem significado ao que se pretende ensinar para o aluno. Na visão de Ricardo (2003, p. 11), essa contextualização auxilia na problematização dos saberes e no ensinar, fazendo com que o aluno sinta a necessidade de adquirir um conhecimento que ainda não tem.

As bibliografias são objetos da cultura escolar, o que Forquin (1993, p. 167) define como o conjunto de conteúdos cognitivos e simbólicos que, selecionados, organizados, “normalizados”, “rotinizados”, sob o efeito dos imperativos de didatização, constituem habitualmente o objeto de uma transmissão deliberada no contexto das escolas. Assim, como materiais didáticos em um programa de pós-graduação, os enfoques temáticos expressos nas bibliografias revelam a seleção de conteúdos considerados relevantes para o ensino e a pesquisa, contribuindo para o desenvolvimento da aprendizagem, da identidade cultural e curricular.

Os conteúdos e conhecimentos contidos nas bibliografias atuam sugerindo temas, propondo modelos, estilos, legitimando conteúdos, concepções e discursos na formação acadêmica, influenciando fortemente os estudantes e imprimindo características às disciplinas e currículos relacionados com a memória.

Para a construção das bibliografias componentes do currículo, a escolha parte do professor da disciplina, uma vez que os elementos curriculares incluem as ementas como invariáveis, enquanto que os programas, seleção de conteúdos e de objetivos são previstos pelos professores. Ao selecionar um texto, o professor exerce um trabalho educativo e assume uma postura diante do seu contexto e dos discentes e, invariavelmente, se fundamenta numa ou noutra forma de pensar os objetos e conteúdos de ensino, os fatos, os acontecimentos e o próprio conhecimento (SCALCON, 2008, p. 38).

A noção de currículo escolar no vocabulário anglo-saxão também é destacada por Forquin (1993, p. 22) como:

um percurso educacional, um conjunto contínuo de situações de aprendizagem (“learning experiences”) às quais um indivíduo vê-se exposto ao longo de um dado período, no contexto de uma instituição de educação formal. Por extensão, a noção designará menos um percurso efetivamente cumprido ou seguido por alguém do que um percurso prescrito para alguém, um programa ou um conjunto de programas de aprendizagem organizados em cursos.

Essa percepção de currículo como prescrição ou plabejamento a ser seguido, compreendendo as bibliografias como elementos dessa organização sequencial, é reafirmada por ele como:

o conjunto daquilo que se ensina e daquilo que se aprende, de acordo com uma ordem de progressão determinada, no quadro de um dado ciclo de estudos ou um programa de formação, mas considerado em sua globalidade, em sua coerência didática e em sua continuidade temporal, isto é, de acordo com a organização sequencial das situações e das atividades de aprendizagem às quais dá lugar. (FORQUIN, 1996, p. 188)

O currículo conseqüentemente é elaborado a partir dessa contextualização. Ele deve incorporar informações concretas sobre conteúdos a serem trabalhados, modos de produção do conhecimento na instituição, espaço e tempo de construção desse conhecimento, motivos para fazê-lo e modos de avaliar esse processo. O currículo complementa-se com e no processo e é elemento a ser revisto periodicamente, uma vez que, ao se realizar concretamente, ele incorpora e transforma conteúdos, conceitos e princípios, não somente coordenando atividades como documento organizado com vistas aos propósitos mencionados, mas como modo ativo de tradução desse documento em ação, de incorporação de valores e de modos de valorizar. É, portanto, modificado pela cultura, além de modificador de cultura.

Os programas curriculares, organizados por disciplinas, apresentam, portanto, peculiaridades em relação aos propósitos dessas disciplinas, em uníssono com os princípios que orientam o programa de pós-graduação. Essa programação, orientada por sua vez à epistemologia da área de conhecimento e da linha ou das linhas de pesquisa, apresenta as opções conceituais e metodológicas a serem selecionadas pelos docentes quando constróem seu plano de curso e seus planos de aula.

Essa construção deve ser coletiva, não somente quando da mobilização para a aprovação de um programa ou curso, mas periodicamente, como forma de manter atualizados programas, bibliografias e atividades a cumprir, assim como avaliar o processo e os resultados. Do ponto de vista de sua organização, os componentes do programa curricular devem ser os objetivos, as estratégias de ensino, uma visão comum sobre processos de aprendizagem e a interação entre estes e os materiais

didáticos selecionados como suporte do trabalho cotidiano. Contudo, o programa deve ser coeso e coerente.

Entende-se como programa curricular aquele em que se estabelece a interrelação entre o desenvolvimento dos conceitos e dos métodos para sua compreensão pelos estudantes. As novas ideias a serem construídas pelos estudantes certamente o são graças às ideias anteriormente apresentadas e desenvolvidas durante o processo de ensino.

Para Coll (2007), uma proposta curricular deve considerar aspectos imprescindíveis, tais como relacionar o currículo a um projeto social e cultural, dentro do contexto da sociedade atual. Ou seja, o currículo não deve ser apenas de natureza puramente técnica, mas também social e cultural em um determinado local. Deve montar uma concepção construtivista de como se ensinar e dar atenção à diversidade de capacidades, interesses e motivações dos alunos. No contexto de um programa de pós-graduação, essa diversidade precisa ser levada em conta em razão de algumas características como a formação superior dos alunos, muitas vezes uma turma em sala de aula é formada por alunos de formações diversificadas. Esse detalhe também contribui para a diversidade quanto aos objetivos de pesquisa que cada aluno pretende alcançar em sua tese ou dissertação. Desse modo, uma proposta curricular deve abrir espaço para a elaboração de soluções que se aproximem das circunstâncias particulares de um programa de pós-graduação.

Volta-se assim aos principais objetivos da análise bibliográfica, que são: verificar o estado da literatura que está sendo utilizada em trabalhos que abrangem os temas em sua competência. Nesse aspecto, consideram-se os livros, as literaturas cinzentas como teses e dissertações, os trabalhos e comunicações orais apresentados em encontros científicos e publicados em anais de congressos e os artigos publicados em revistas ou periódicos. Analisar esses aspectos proporciona uma visão mais abrangente pela qual se pode perceber os conteúdos relevantes para os alunos e simultaneamente oferecer um referencial bibliográfico para o meio acadêmico e pessoas interessadas no tema.

Assim, entende-se que a visão geral do processo, tanto para os professores quanto para os estudantes, redundará em compreensão e adequação de saberes não exclusivos de apenas uma disciplina, mas da coerência entre as disciplinas e entre as disciplinas e os conteúdos que lhes são inerentes na bibliografia. Mas como essa coerência parte de diferentes interpretações e visões, supõe-se que um programa de pós-graduação pode ser visto como um plano para atingir propósitos

relacionados ao ensino e à pesquisa, a partir de uma realidade histórica e, principalmente, a partir do envolvimento do quadro universitário, em sua elaboração.

Ao selecionar conteúdos e organizá-los, o professor conta, portanto, com o apoio desse material concreto construído coletivamente, mas também faz opções e estabelece prioridades em relação aos conteúdos, modos de implementar sua disciplina e elementos complementares selecionados a partir dos elementos culturais e seu próprio referencial teórico.

A posição que ocupam os professores ao fazerem suas escolhas é aqui valorizada, pois como sujeitos da ação educativa, eles realizam essas opções e valorizam textos, no caso das escolhas de livros e material didático complementar que serão mais ou menos valorizados, conforme a recepção que tenham por parte dos estudantes.

A posição que ocupam esses materiais, como vias de mão dupla, a partir das referências e experiências, tanto dos estudantes como deles próprios, produz e transforma modos de pensar e agir, que passam a circular como partícipes da cultura institucional, proporcionalmente a intensidade que provocam em forma de estímulos e motivações.

Os textos passam a ser discutidos, os autores reconhecidos e uma espécie de contaminação repercute e transmite vida ao ambiente universitário, sejam quais forem as experiências e vivências já instituídas. Isso ocorre tanto com textos clássicos já reconhecidos e até sacralizados, pois visões diferentes se interpõem como modos de aguçar certos comprometimentos anteriores, quanto com textos recentes e até desconhecidos, cujo impacto pode produzir reações também divergentes.

Construídos e consolidados pelo conjunto da diversidade de experiências e enfoques, os textos complementam disciplinas também assim constituídas.

Essa percepção, entretanto, não nos libera de uma responsabilidade mais abrangente, como exigência da sociedade que demanda um trabalho coletivo sobre as metas e objetivos de aprendizagem dos estudantes, por parte de formuladores e implementadores de programas. Se todos os aspectos estruturais e conjunturais estão presentes, isso não implica a coerência e a adequação do currículo e dos programas que o compõem à realidade. Essa qualidade orgânica depende do comprometimento dos professores em adequá-los à sua realidade, aplicá-los e avaliar seus resultados e repercussões, com permanente atitude crítica e investigativa, revendo e adaptando permanentemente seus conteúdos, metodologias

e, neste caso especialmente, bibliografias. Para isso, todos os envolvidos no processo de reorientação curricular precisam ser ouvidos, sentirem-se partícipes e coautores e terem garantido o apoio necessário para a resolução de problemas.

Assim, a relação da proposta com outras disciplinas define o grau de sucesso e aplicabilidade dos textos escolhidos, como em qualquer proposta disciplinar. O trabalho com eles passa a ser valorizado na medida em que as práticas forem críticas e intencionais.

Tanto ao praticar leitura individual ou coletiva do texto, quanto ao criticá-lo, o professor deve se fazer ouvir, não somente, mas principalmente. Embora todos leiam, a responsabilidade da proposta do que deve ser lido é do professor. Como leitor primeiro, ele define e administra a leitura, fazendo sobressair ou questionando sobre o que considera mais significativo. Se cada texto indicado partiu de uma motivação intencional, foi planejada sua leitura para momento adequado de acompanhamento do programa e cumprimento da ementa, o conjunto funcionará como peça de uma construção que é coletiva, mas para a qual contribuem as escolhas e os esforços de trabalho individuais.

A noção de currículo apresenta uma peculiaridade importante, pois como elemento histórico, que se constrói a partir da realidade. É também uma construção política e ideológica, conforme explicitam Moreira e Tadeu (2011, p. 14) em suas reflexões sobre a impossibilidade de conceber o currículo como “elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social”. Da mesma forma, embora professores possam selecionar de modo aparentemente “neutro” as obras que incluirão na sua bibliografia, elas na verdade fazem parte de seu referencial ou acervo de sua memória teórica. A bibliografia, assim como o currículo, portanto, está implicada em “relações de poder, transmite visões sociais particulares e interessadas”. Assim como o currículo, ela “produz identidades individuais e sociais particulares”, não é um “elemento transcendente e atemporal”. Tendo sua história, a bibliografia está vinculada às formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação.

Partindo-se do pressuposto de que a bibliografia expressa o referencial teórico necessário para complementar o ciclo de estudos necessários ao acompanhamento das disciplinas e de que o currículo é um elemento em constante transformação, tem-se como decorrência que as obras indicadas para leitura dos estudantes devem ser revistas e selecionadas periodicamente. Sendo assim, devem-se levar em conta as determinações e os espaços que mobilizam e

transformam a instituição universitária, além de organizadora de currículos em órgão vivo de produção intelectual. Além de uma visão meramente burocrática da constituição da bibliografia sugerida nas disciplinas, a ideia defendida é que ela representa não só objetivos, pressupostos e modos de entender os conteúdos disciplinares, mas também ideologias, visões vinculadas à organização social e educacional, conflitos e relações de poder.

O conjunto de elementos constitutivos de um currículo legitima concepções coletivas e abrangentes graças à socialização diferenciada na apropriação e consequente produção dos conteúdos, segundo as condições culturais das pessoas. Assim, embora diferenciadas, essas formas de organização e reorganização de conhecimentos individuais se forjam na cultura coletiva, reunindo os sujeitos sob laços sociais.

Entre esses sujeitos, o professor orienta e dirige o processo de ensino, inclusive modificando o currículo de acordo com as aptidões, os interesses e as características culturais dos educandos. No contexto do ensino, o currículo é composto pelo conjunto de disciplinas, matérias e atividades que são consideradas pelo professor como pertinentes ao que deve ser ensinado e aplicado aos alunos. Portanto, corresponde à seleção do conhecimento que deve ser aprendido por eles, considerando a premissa de que nas bibliografias os professores e alunos encontrarão o conhecimento que é considerado necessário para a aprendizagem dos conteúdos. Nas bibliografias, o professor encontra também um instrumento útil que orienta a prática pedagógica.

O conceito de tradição seletiva de elementos culturais, forjado por Williams (2003), refere-se ao modo como a cultura seleciona os conhecimentos, escolhendo aqueles mais significativos pelo seu valor, portanto merecedores de conservação. Por outro lado, segrega os que podem ser excluídos e acabam sendo “esquecidos” ou permanecem fora da memória.

Neste sentido pode-se dizer perfeitamente que a cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificação última: a educação não é nada fora da cultura e sem ela. Mas, reciprocamente, dir-se-á que é pela e na educação, através do trabalho paciente e continuamente recomeçado de uma ‘tradição docente’ que a cultura se transmite e se perpetua: **a educação realiza a cultura como memória viva, reativação incessante e sempre ameaçada, fio precário e promessa necessária da continuidade humana** (FORQUIN, 1993, p. 13).

A presunção da complexidade na criação de um currículo deriva da multiplicidade de fatores que concorrem nesse processo, incluindo um elemento aqui considerado fundamental, a bibliografia selecionada para uma disciplina, elemento complementar dos programas disciplinares que constituem o currículo.

Aceitando-se a noção de currículo, diferenciada da de programa ou de elenco de disciplinas, concorda-se com a concepção de Saviani (1991, p. 23), de que “currículo é o conjunto das atividades nucleares desenvolvidas pela escola”. Desse modo, ele passa a ser entendido, como o conjunto de fatores que contribuem para a transmissão de conhecimentos organizados por meio de um processo didático-pedagógico, viabilizando o processo de aprendizagem em qualquer nível escolar, organizando e sequenciando o conhecimento.

A definição de um foco de abordagem e o estabelecimento de fontes documentais pertinentes vão sendo modificados durante a elaboração, entrecruzados com novas possibilidades interpretativas nascidas das interfaces temáticas. Enquanto Williams (1979) defende que as ideias estão comprometidas com práticas que dão substância ao processo de formação, marcado por pressões e conflitos, também alerta para que não se considere o passado de modo fixo.

A organização do conhecimento na universidade se realiza, portanto, pela escolha de textos como forma de estruturação de conteúdos proposta pelo professor, tornando-os assim objeto de leitura e estudos. Se os professores definem histórias de vida pessoais e profissionais únicas, construídas a partir dos diferentes processos de formação acadêmica e continuada, essas se forjam nas relações sociais que estabelecem, nas trocas e aprendizados com seus pares no ambiente escolar, traduzindo-se na experiência com o processo de escolarização (TEIXEIRA, 2012).

Considerando que a prática curricular, segundo Giroux (1997), tem sido marcada por uma escolarização tradicional, fundamentada na eficácia, com foco no consumo do conhecimento e na reprodução do existente e considerando também que essa situação tem sido criticada, mas ainda não suplantada, seriam as decisões seletivas em relação às obras indicadas em bibliografias elementos cruciais para essa transformação? Seriam as escolhas críticas e intencionadas dos professores formas alternativas de ensino aprendizagem? Provavelmente, sim.

Ressalva-se que a reflexão sobre currículo, aqui, se limita apenas ao propósito de contextualizar o tema com o conceito de cultura escolar, com respaldo na concepção de Forquin, considerando-se as bibliografias como elementos dessa

cultura. As bibliografias são localizadas nas disciplinas ministradas em cada PPG e estas são ofertadas no âmbito de um currículo. Pensar no currículo com maior aprofundamento na seleção de bibliografias e conteúdos que organizam e representam o conhecimento se fez importante na problematização da pesquisa, pois concorda-se com Paraskeva (2002) quando representa o pensamento de Apple (1979), ao sintetizar que:

Para Michael Apple, a problemática do conhecimento veiculado pelas escolas (e não só) [cujas raízes devem ser procuradas tanto no seu trabalho de mestrado como no de doutoramento] é a pedra angular para o estudo da escolarização como veículo de selectividade. A manutenção [errônea e perigosa] da ideia de conhecimento como um artefacto relativamente neutro tornando-o apenas num objecto psicológico ou num processo psicológico tem permitido uma falaciosa e letal despolitização [quase integral] da cultura que as escolas distribuem. Para Michael Apple era fundamental o questionamento das formas de conhecimento difundido – de quem é esta cultura?, a que grupo social pertence este conhecimento? e de acordo com o interesse de quem é que se transmite determinado conhecimento (factos, destrezas, propensões e disposições) em instituições culturais como as escolas? [...] (PARASKEVA, 2002, p. 113)

Portanto, não se constitui em objetivo desta pesquisa discutir sobre como o tema memória é inserido nos aspectos curriculares das propostas político-pedagógicas de cada PPG incluído no universo da pesquisa, mas sim aos aspectos de concepções de memória identificadas nas principais bibliografias das disciplinas seleccionadas pelos professores.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Considerando-se a dimensão prática da pesquisa, ou seja, a dinâmica que “permite a relação entre a construção do objeto científico e o mundo dos acontecimentos” (BUFREM, 2013), foram recolhidas as informações sobre a realidade e essas convertidas em contribuições pertinentes, face à problemática da investigação. A indagação do problema apresentado sugere uma pesquisa de nível exploratório. Quanto aos meios, a pesquisa apoia-se no levantamento bibliográfico e na análise de conteúdo apoiada em estudo bibliográfico sobre um *corpus* para definir características e tendências relacionadas ao tema escolhido.

A primeira etapa foi a realização de uma pesquisa de campo no site da CAPES e no site da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação – ANCIB em 2013, para verificar os programas de pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) e selecionar aqueles que apresentam disciplinas cujo título incluía o termo Memória. Para identificar as disciplinas, foi observado a estrutura curricular de cada PPGCI. A próxima etapa foi a recuperação dos documentos com a ementa e o programa completo da disciplina, para verificação e seleção das bibliografias sobre memória indicadas.

Selecionadas, entre as obras indicadas, apenas aquelas cujo conteúdo seja sobre o tema memória, optou-se pela análise de conteúdo como procedimento para examinar o material empírico deste *corpus*, fundamentada em Bardin (2009). Segundo a autora (2009, p. 30), os métodos de análise de conteúdo objetivam superar a incerteza e enriquecer a leitura a respeito do material a ser investigado. Ela (2009, p. 40) diz ainda que a análise de conteúdo se baseia na inferência, ou seja, na dedução dos resultados sobre as proposições existentes nos dados, entre quem emite a mensagem e o conhecimento anterior já adquirido por quem realiza a pesquisa.

4.1 Modalidades de análise

Entre as modalidades de análises e práticas metodológicas selecionadas para a realização desta pesquisa, foram escolhidas a análise bibliométrica, a análise de conteúdo e o uso de mapas conceituais na representação do conhecimento.

As atividades de ensino e pesquisa científica implicam em uma seleção criteriosa de dados e informações para a mensuração da informação. No ensino, o

processo de comunicação se faz atuante na disseminação de materiais ou de conteúdos que são trabalhados na construção do conhecimento e que podem ser inseridos em um processo de análise, o que inclui a bibliometria e a cientometria.

Por meio da bibliometria e da cientometria é possível construir indicadores destinados a avaliar a produção científica de indivíduos, áreas de conhecimento e países. Reunidos sob a égide de estudos métricos da informação, tais indicadores tem sido largamente empregados na avaliação de pesquisadores e áreas de conhecimento. (SILVA; HAYASHI; HAYASHI, 2011, p. 111)

Aliado à análise bibliométrica, o processo de análise de conteúdo pode incidir em comunicações orais, escritas ou imagéticas, sendo então uma metodologia aplicável a todos os campos do saber, apresentando os dados de modo que podem ser visualizados e interpretados de um ponto de vista científico e crítico.

Para Bardin (2011, p. 27), toma-se consciência de que a principal função ou objetivo da análise de conteúdo é a inferência. Uma vez que esta inferência se realiza tendo por base os indicadores de frequência, ou cada vez mais assiduamente com a ajuda de indicadores combinados, toma-se consciência de que os resultados das análises podem revelar causas ou características das comunicações, o que no caso desta pesquisa se aplica às bibliografias. Assim, Bardin (2011, p. 37) apresenta a análise de conteúdo como um instrumento único, mas reforça que é marcado por uma grande disparidade de formas e adaptações a um vasto campo de aplicação na descrição do conteúdo e das mensagens.

Bardin (2011, p. 44) lembra que o interesse não está apenas na descrição dos conteúdos, mas no que esses conteúdos podem nos ensinar após serem tratados relativamente a “outras coisas”, como, por exemplo, a classificação.

Este tratamento de classificar as obras das bibliografias, adjetivando a memória a qual os autores do *corpus* se referem, bem como mapear as adjetivações de memória nas ementas das disciplinas é o que se insere nos objetivos do presente estudo, conforme ressalva Bardin (2011, p. 44) sobre a necessidade de evidenciar a finalidade implícita ou explícita de qualquer análise de conteúdo.

[...] o analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula para inferir (deduzir de maneira lógica) conhecimentos sobre o emissor da mensagem ou sobre o seu meio, por exemplo. Tal como um detetive, o analista trabalha com índices cuidadosamente postos em evidência por procedimentos mais ou

menos complexos. Se a descrição (a enumeração das características do texto, resumida após tratamento) é a primeira etapa necessária e se a interpretação (a significação concedida a estas características) é a última fase, a inferência é o procedimento intermediário, que vem permitir a passagem, explícita e controlada, de uma à outra. (BARDIN, 2011, p. 45)

Assim, a dedução de conhecimentos para identificar ou classificar as concepções de memória nos estudos bibliométricos desta pesquisa também recebe contribuições da organização da informação e do conhecimento, cuja necessidade de colaborações entre esses tipos de estudos já tem sido levantada anteriormente.

É crescente, portanto, a consciência de que os estudos da ciência não podem se orientar por critérios meramente quantitativos. A incorporação da sociologia e da história da ciência inaugura a aproximação entre estudos quantitativos e estudos qualitativos. Atualmente, os trabalhos de mapeamento cognitivo da ciência se colocam como tendência importante para aprofundar a compreensão sobre a dinâmica da ciência. Como o texto científico se expressa pela linguagem, parece ser imprescindível incorporar, ao campo dos estudos métricos, as teorias e métodos da área da organização da informação e do conhecimento para construir os corpora de análise. (SANTOS; KOBASHI, 2009, p. 169)

Assim, em relação ao estudo das bibliografias e das ementas, a pesquisa envolve um procedimento de classificação categorial observando semelhanças, analogias e segue critérios previamente estabelecidos ou definidos, conforme recomenda Bardin (p. 147, 2011) e Moraes (1999). A análise de termos, ideias semânticas e léxicas nas concepções de memória proporcionou a construção de categorias temáticas, pois se acredita que

as informações encontradas por meio das análises de citação e de conteúdo extrapolam o conteúdo disponível no nível dos textos, identificando tendências de desenvolvimento da área em estudo e dispersão e agrupamento da literatura científica no tempo e no espaço físico. (MEIRELES; CENDÓN, 2010, p. 78)

Sobre os mapas conceituais, Lima (2004) afirma que são úteis na compilação das ideias geradas na análise de informações para estabelecer relacionamentos entre conceitos.

O mapa conceitual tem sido utilizado em diversas áreas do conhecimento como técnica formal ou semi-formal de diagramação. Na área de educação, ciência política, lingüística e filosofia da ciência, essa técnica tem sido usada para apresentar visualmente a estrutura do conhecimento e suas formas de argumentação. (LIMA, p. 137, 2004).

Os mapas conceituais podem apresentar diversas finalidades na organização e representação do conhecimento. No ensino, eles podem ser um instrumento didático para facilitar o aprendizado do conteúdo sistematizado em conteúdo significativo. Na aprendizagem, podem complementar as anotações de conteúdo e servir de instrumento para avaliação de aprendizagem. Na análise de conteúdo, podem ser úteis nas revisões e sínteses para organizar as ideias e conceitos presentes em textos, livros e documentos. Do mesmo modo, também são relevantes para a análise de currículo, facilitando o diagnóstico, a visualização do conhecimento organizado e auxiliando no planejamento de conteúdos.

Os mapas conceituais podem ser construídos para o conteúdo de uma aula, de uma disciplina, de um conjunto de disciplinas ou de um programa educacional inteiro que conduza à obtenção de um diploma profissional. Tudo depende da generalidade ou da especificidade dos conceitos, do nível de inclusividade dos conceitos que estão no mapa. Conceitos abrangentes, integradores, podem servir de base para o planejamento curricular de um determinado curso, enquanto conceitos mais específicos, pouco inclusivos, podem orientar a seleção de materiais e atividades instrucionais específicos. (MOREIRA, p. 26, 2006)

4.2 Universo da pesquisa

O universo da pesquisa é composto pelos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Ciência da Informação recomendados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) nas universidades públicas brasileiras.

4.3 Corpus da pesquisa

A pesquisa tem como *corpus* as bibliografias e leituras sugeridas nos programas das disciplinas que apresentam o termo memória no seu título.

5 ANÁLISE DOS DADOS

O procedimento de coleta dos dados teve início em 13 de maio de 2013, por meio do acesso ao portal eletrônico da CAPES, para consulta dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em CI recomendados e reconhecidos que trabalham com o tema da Memória em suas disciplinas. Foram localizados quinze registros de programas de pós-graduação em CI, sendo quatro com cursos de mestrado profissional e onze com cursos de nível acadêmico.

Em seguida foi realizada uma busca nos portais eletrônicos de cada um dos onze programas com cursos de nível acadêmico para verificar a estrutura curricular dos cursos, buscando-se as disciplinas que fizessem uso do termo Memória em sua nomenclatura.

Sendo a presença do termo Memória na disciplina uma condição básica adotada para o levantamento do *corpus*, apenas dois programas de pós-graduação em CI não estão incluídos no universo da pesquisa por não apresentarem disciplinas com o termo: Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Após o levantamento deste portal, no dia 22 de julho de 2013 foi consultado o Portal da ANCIB para que se confirmassem as informações obtidas sobre os cursos de pós-graduação em CI recomendados pela instituição. Nesta segunda consulta foram localizados quatorze programas de pós-graduação em CI.

As listas de programas de pós-graduação na área de CI apresentadas na CAPES e na ANCIB apresentam algumas diferenças. Em termos de confiabilidade e atualização das informações, a CAPES aparenta um nível maior de segurança quando comparada à ANCIB, pois apresenta os cursos de pós-graduação recomendados atualmente, incluindo os mestrados profissionais que não fazem parte do universo desta pesquisa.

Entretanto, a lista da ANCIB considera também outros dois programas de pós-graduação *stricto sensu* como áreas relacionadas com a CI: o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCom) e o Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Memória Social-UNIRIO).

Assim, foram consideradas as seguintes razões para que as disciplinas destes dois programas não tenham sido incluídas no universo e *corpus* da pesquisa.

A primeira razão foi a escolha da inclusão desses programas entre aqueles de Ciência da Informação pela CAPES, agência de fomento que disponibiliza com maior confiança as informações sobre os PPGCIs atualmente em atividade. Nesse contexto, para a CAPES esses dois programas mencionados não são abrangidos pela área da CI. Na Área de Avaliação da CAPES, o Programa de Pós-graduação em Memória Social da UNIRIO classifica-se como Interdisciplinar. Quanto ao PPGCom da UFRGS, embora se classifique em Ciências Sociais Aplicadas, como a CI, a CAPES o enquadra na área de Comunicação, diferenciando-o, assim, da CI. A segunda razão é que as disciplinas desses dois programas, se somadas às disciplinas dos Programas de Pós-graduação em CI, totalizariam a metade do *corpus*, o que causaria um desvio significativo na análise das concepções teóricas da memória no contexto da CI e comprometeria a observação das bibliografias utilizadas nos PPGCIs, conforme se pode verificar no apêndice 2.

Assim, dos onze programas de pós-graduação com cursos *stricto sensu* identificados no portal eletrônico da CAPES, nove oferecem uma ou mais disciplinas que fazem uso do termo “Memória” no seu título, tratando deste tema em suas ementas. Foram totalizadas quatorze disciplinas, das quais apenas seis apresentam nos portais o programa completo da disciplina, incluindo a bibliografia. Destes nove, programas, seis oferecem cursos de doutorado. Os resultados dessa busca podem ser visualizados no quadro 1.

Quadro 1 – Disciplinas dos PPGCIs com o termo “Memória” nos títulos

Instituição	PPGCI	Nome da disciplina	Programa completo da disciplina no site, em 2013?
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)	Mestrado e Doutorado em Ciência da Informação	Cultura, Memória e Sociedade	Não
		Patrimônio, Memória e Identidade	Não
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB)	Mestrado e Doutorado em Ciência da Informação	Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação	Não
		Memória e Identidade	Não
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)	Mestrado em Ciência da Informação	Informação, Memória e Sociedade	Não
		As novas mídias e a memória cultural	Sim
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)	Mestrado e Doutorado em Ciência da Informação	Memória e Informação	Não

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUISA FILHO" (UNESP)	Mestrado e Doutorado em Ciência da Informação	Gestão do conhecimento: tecnologias de preservação da memória e de bens culturais	Sim
		Imagens e Memória	Sim
		Memória e patrimônio em unidades de informação	Sim
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)	Mestrado e Doutorado em Ciência da Informação	Tópicos Especiais - Tecnologia & Memória	Sim
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (UEL)	Mestrado em Ciência da Informação	Memória Organizacional e Informação	Não
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA (UFRJ-IBICT)	Mestrado e Doutorado em Ciência da Informação	Informação e Memória	Não
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)	Mestrado em Ciência da Informação	Informação, Cultura e Memória	Sim

Fonte: O autor (2013)

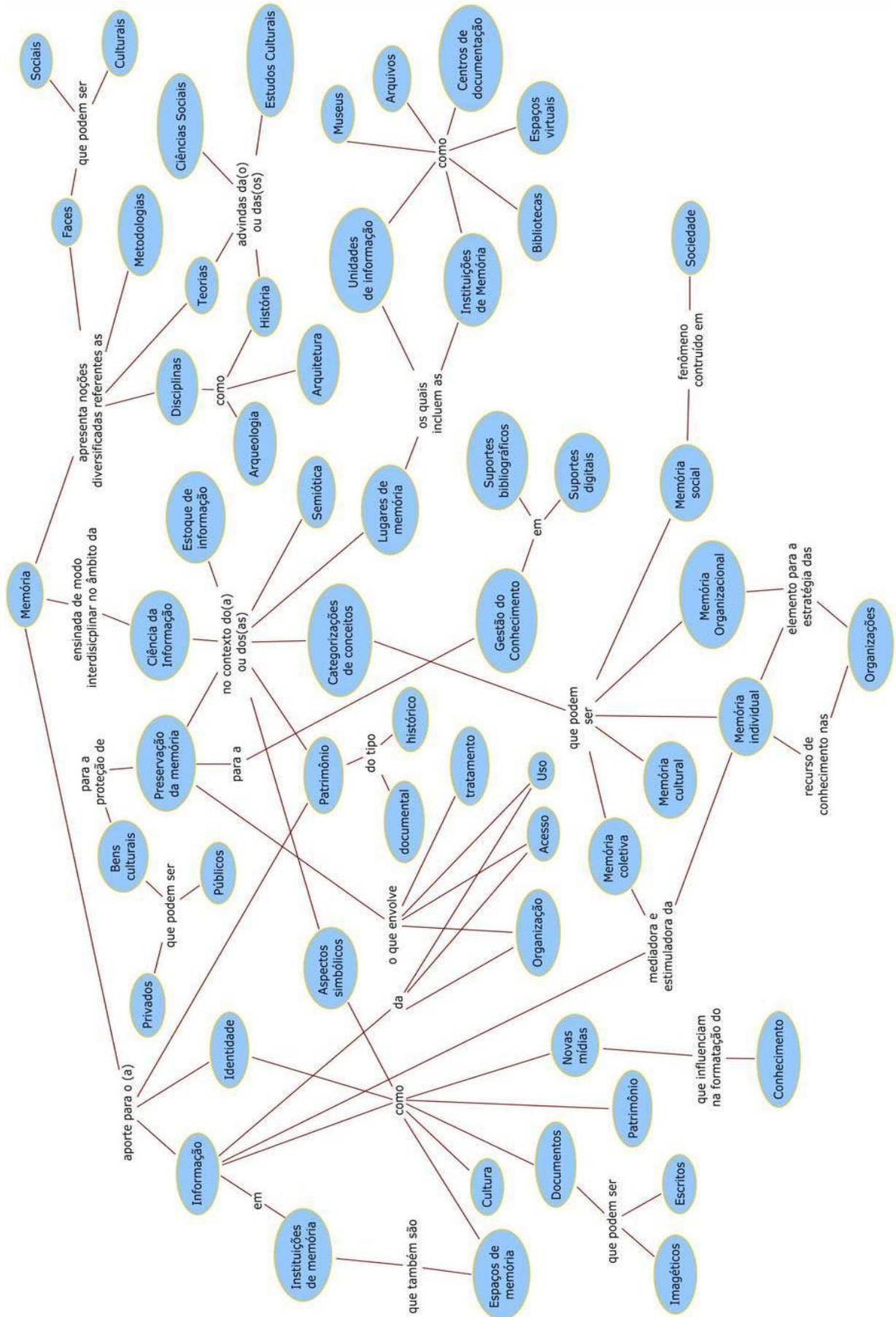
Conforme já mencionado, o fato de apenas seis disciplinas apresentarem as bibliografias implicou a necessidade de buscar outras formas de recuperação das bibliografias das disciplinas nas quais estavam em falta. Para tanto, foram feitos contatos com os PPGCIs ou com os professores que lecionaram as disciplinas. Após a recuperação dos programas das disciplinas em CI, incluindo as ementas e bibliografias, foi dado início às tabulações dos dados e análises.

5.1 Mapa conceitual do ensino da Memória na Ciência da Informação

A análise dos conteúdos das ementas das disciplinas teve como finalidade a criação do mapa conceitual. Para auxiliar nesta criação, os dados foram inseridos no CmapTools¹, um software livre para a criação de mapas conceituais. Após a seleção dos conceitos, dos termos significativos, das frases e das expressões textuais de relevância, foram interligados os conceitos, em um processo cognitivo e de interpretação das relações existentes.

¹ Disponível no endereço: <http://cmaptools.br.uptodown.com/>

Figura 1 – Mapa conceitual do ensino da memória nos PPGICs



Fonte: O autor (2014)

A parte inicial das análises foi a leitura flutuante das ementas das disciplinas com o intuito de identificar os conceitos, termos, frases e outras expressões textuais relevantes. Segundo Bardin (2011, p. 126), a leitura flutuante corresponde a parte da pré-análise dos documentos, deixando-se invadir por impressões e orientações. Os mapas conceituais, quando bem utilizados, tornam-se ferramentas que facilitam o entendimento das relações entre conceitos para um campo do conhecimento.

A proposta de uso de mapas conceituais para a organização e representação do conhecimento nos estudos sobre memória na CI apresentou-se como instrumento importante para compreender a dinâmica no processo de concepção de conceitos num dado fenômeno, independente do suporte no qual está inserido. (CÂMARA; BUFREM, p. 6, 2013).

Entre os 57 conceitos selecionados, a principal observação relevante refere-se às adjetivações de memória identificadas na leitura das ementas: memória social; memória cultural; memória organizacional; memória individual e memória coletiva. Enquanto a memória cultural e a memória organizacional puderam ser identificadas já no título na disciplina, as adjetivações de memória social, memória individual e memória coletiva foram identificadas com a leitura das ementas. A memória social e a memória individual, por sua vez, aparecem em mais de uma disciplina entre os PPGCIs da UFPE, UFF, UFRJ, UEL e UNB, sendo assim as mais expressivas. Já a memória organizacional, a memória cultural e a memória coletiva aparecem apenas no PPGCI da UEL, no PPGCI da UFPE e no PPGCI da UNB, respectivamente.

5.2 Análises bibliométricas

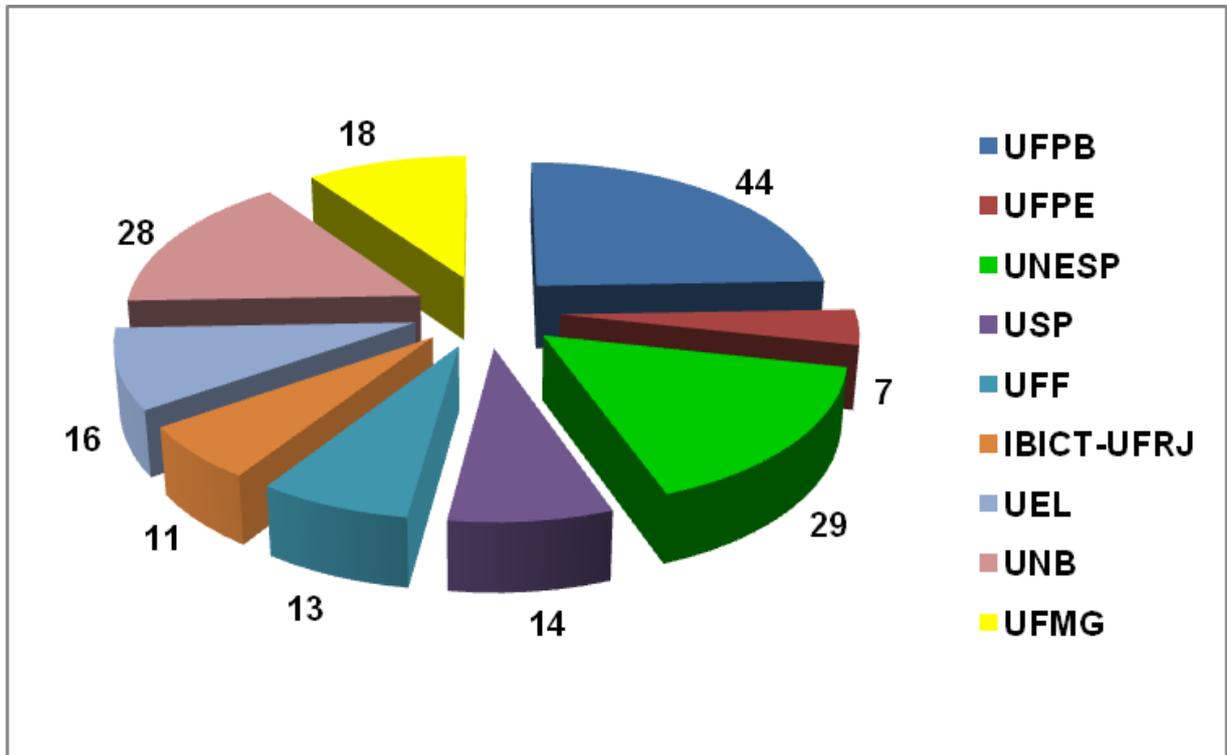
Após a análise das ementas para criação do mapa conceitual, foram analisadas as bibliografias de cada uma das 14 disciplinas. Para tanto, utilizaram-se os softwares Microsoft Excel², Dataview e Ucinet³. O Microsoft Excel é um popular editor de planilhas para sistemas operacionais em computadores e dispositivos móveis, indicado na elaboração de cálculos, estatísticas e gráficos, entre outras atividades para rotinas administrativas, educativas e de pesquisa. O Ucinet é um software que auxilia na criação de redes sociais para posterior análise.

² Disponível no endereço: <https://products.office.com/pt-br/Excel>

³ Disponível no endereço: <https://sites.google.com/site/ucinetsoftware/home>

Segundo Fachin, Santos e Rodrigues (2010, p. 82), o Dataview é um software desenvolvido pelo Centre de Recherche Retrospective de Marseille da Univerité de Aix-Marseille III (CRRM), na França e apoia-se em métodos bibliométricos, gerando elementos para uma análise estatística.

Gráfico 1 – Incidência de referências sobre Memória nas disciplinas de Memória nos PPGCIs



Fonte: O autor (2014)

O gráfico acima mostra a quantidade de referências bibliográficas sobre memória em cada PPGCI. Pode-se ver que, embora o PPGCI da UNESP tenha apresentado a maior quantidade de disciplinas sobre Memória conforme o quadro 2, não necessariamente terá uma quantidade maior de bibliografias sobre o tema. Nesta análise, este PPGCI se aproxima do PPGCI da UNB que tem apenas uma disciplina, enquanto que o PPGCI da UFPB foi o que apresentou a maior bibliografia sobre o tema.

O que se pode compreender com esses dados é que, independente da quantidade de disciplinas ofertadas em cada PPGCI, as referencias bibliográficas somente são utilizadas conforme as necessidades de cada professor ao recomendá-las. Entretanto, essa quantidade não influencia no nível de profundidade com que cada PPGCI realiza as suas pesquisas. Como exemplo de reforço para esta compreensão, ao acessar o portal eletrônico de cada um dos nove PPGCIs é possível visualizar sua área de concentração e linhas de pesquisa. Assim, não se

considerando as linhas de pesquisa de cada PPGCI, mas somente as áreas de concentração, que podem ser visualizadas no apêndice C, o único PPGCI que tem a sua área de concentração com ênfase na memória é o PPGCI da UFPE, intitulada “Informação, Memória e Tecnologia”. Mas o levantamento da bibliografia evidencia que esse programa foi o que apresentou menor quantidade de referências em suas duas disciplinas identificadas no portal da CAPES e no site do programa.

A Tabela 1 indica a tipologia documental dos materiais referenciados e a frequência em cada PPGCI.

Tabela 1 – Tipologia documental das referências sobre Memória nos PPGCIs

TIPOLOGIA MATERIAL	PPGCI - INSTITUIÇÃO									TOTAL	%
	UFPB	UFPE	UNESP	USP	UFF	IBICT-UFRJ	UEL	UNB	UFMG		
Livro	25	5	27	7	6	3	2	5	9	89	49,44
Capítulo de livro	10	1	0	5	1	6	2	3	5	33	18,33
Artigo de periódico nacional	7	1	0	1	5	0	3	15	4	36	20,00
Artigo de periódico estrangeiro	0	0	0	0	1	0	4	0	0	5	2,78
Periódico nacional	0	0	2	0	0	1	0	2	0	5	2,78
Tese	1	0	0	0	0	0	2	0	0	3	1,67
Dissertação	0	0	0	0	0	0	2	1	0	3	1,67
Trabalho apresentado em evento nacional	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0,56
Outros	1	0	0	1	0	1	0	2	0	5	2,78
TOTAL	44	7	29	14	13	11	16	28	18	180	100

Fonte: O autor (2014)

O levantamento consta de 180 referências bibliográficas, que não necessariamente significam referências diferentes umas das outras. Isso porque algumas referências bibliográficas se repetem em outras disciplinas ou programas. Os livros são o tipo de material mais referenciado nos programas das disciplinas com uma porcentagem de 49,44% do total. É também o único tipo de material presente na bibliografia de todas as disciplinas. Essa observação reforça o livro como principal instrumento de apoio ao professor no ensino e nas recomendações

de pesquisa e leitura, o que enfatiza a importância de uma boa seleção e recomendação de livros.

Para Dodebei (2009, p. 130), o livro parece ser o objeto adequado para investigar como a sociedade pensa o processo de transmissão de conhecimentos para o futuro, neste cenário de conflitos que envolvem a produção de subjetividades e a constituição de memórias. Assim, compreende-se que mais do que um referencial, o livro apresenta-se como instrumento de transmissão dos conhecimentos e ciência, da linguagem, do estímulo à imaginação e à criatividade na investigação científica, sendo importante por seu aspecto político e cultural, na medida em que produz valores na sociedade. O livro universitário, intimamente vinculado ao contexto medieval e ao momento em que surgiram as primeiras *universitas*, sempre esteve, segundo Bufrem, a serviço do ensino, como instrumento vital para a pesquisa e a própria existência da instituição. (BUFREM, 2001, p. 37).

No computo total, o artigo de periódico nacional obteve um percentual de 20%, sendo o segundo tipo de material mais referenciado. Em contrapartida, o periódico nacional como um todo e os artigos de periódicos estrangeiros foram pouco referenciados na bibliografia, com percentual de 2,78% cada.

Ainda que o livro tenha a sua importância como meio de comunicação científica, em algumas áreas do conhecimento a revista científica tem se tornado o principal marco da constituição e estrutura da comunicação científica, cuja consolidação foi acompanhada pela institucionalização da ciência, especialização dos saberes e autonomização do campo científico (WEITZEL, 2006, p. 84). Desse modo, o fluxo da informação e comunicação científica passou por mudanças significativas na ciência. A criação de periódicos científicos, especialmente nos programas de pós-graduação, e as publicações em periódicos científicos têm sido muito relevantes não somente na divulgação de novas pesquisas e conhecimentos, mas também na promoção da carreira acadêmica de professores e no desenvolvimento dos alunos enquanto futuros pesquisadores.

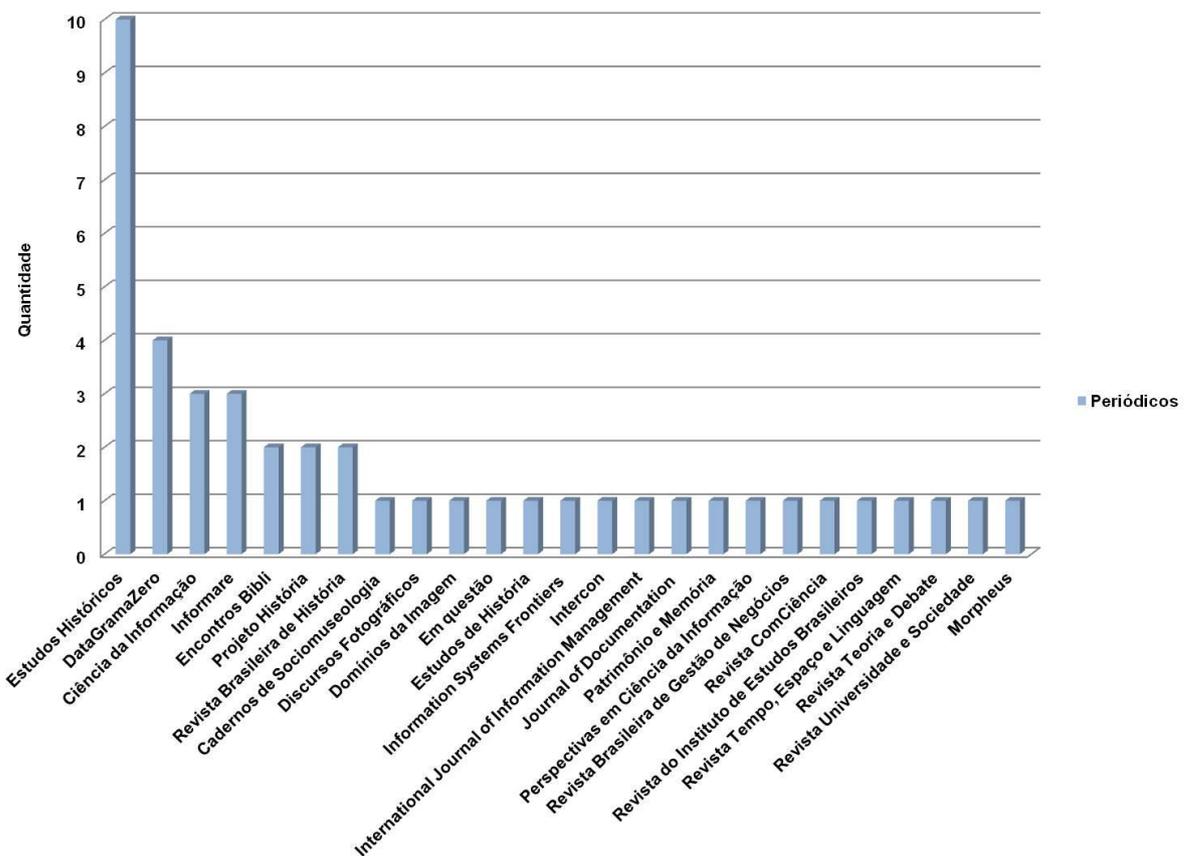
Em seguida vêm os capítulos de livros com percentual de 18,33%. Cinco referências de caráter específico ficaram na categoria “Outros”, representando 2,78%: dois filmes, um relatório de Grupo de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), um vídeo de longa duração de um evento acadêmico internacional e um ensaio extraído de um periódico nacional.

Assim, percebe-se que os tipos de materiais mais referenciados são os que os professores e pesquisadores naturalmente devem considerar como obras de

maior impacto de importância na comunicação científica, nas pesquisas realizadas no âmbito da pós-graduação e na construção do perfil curricular de quem segue a carreira acadêmica, como é caso dos livros, dos artigos de periódicos e dos capítulos de livros.

Enquanto isso, percebe-se que os tipos de materiais pouco utilizados são aqueles que se enquadram em obras menos convencionais. Esses tipos de materiais apresentam informações valiosas para a comunidade científica e acadêmica, mas pouco foram referenciados pelos professores no ensino em sala de aula para os alunos da pós-graduação. É o caso das teses, dissertações, trabalhos apresentados em eventos e relatórios de pesquisa.

Gráfico 2 – Periódicos referenciados nas bibliografias das disciplinas sobre memória nos PPGCIs

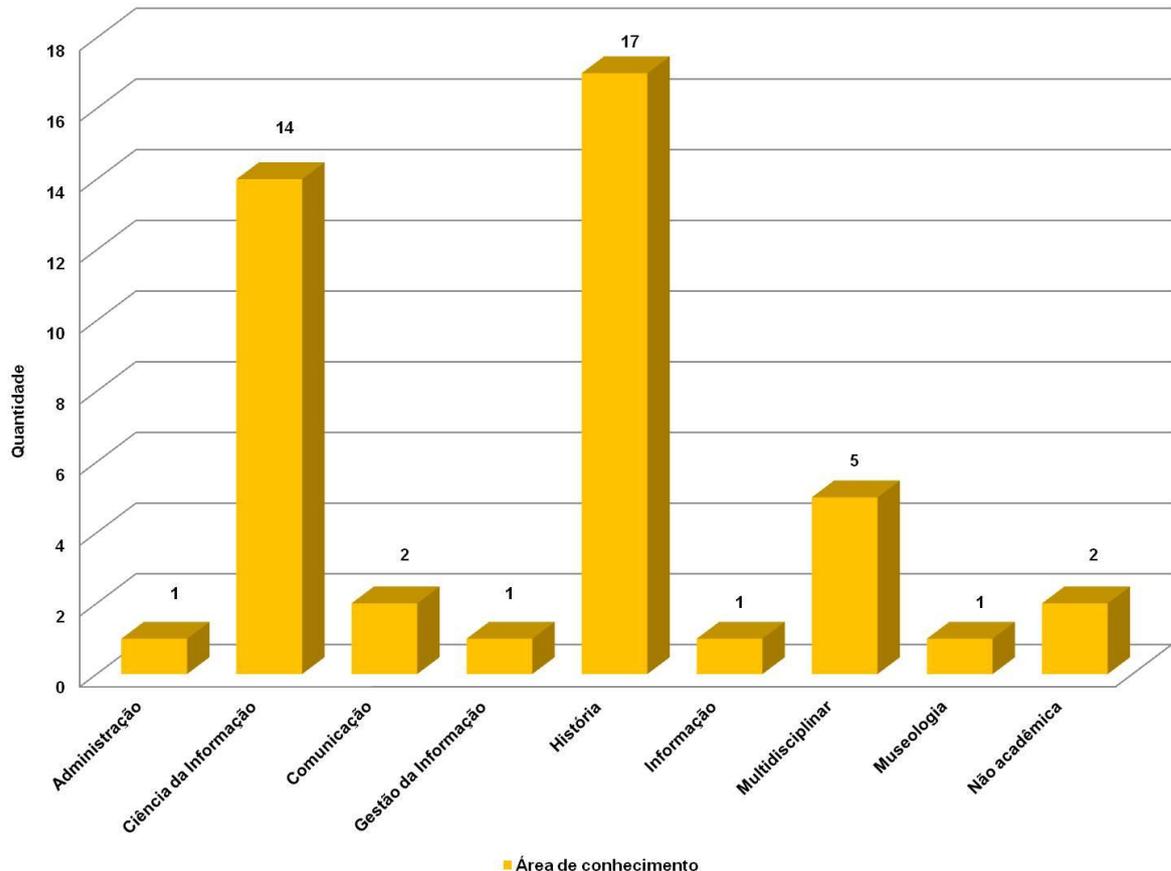


Fonte: O autor (2014)

O periódico Estudos Históricos é editado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, que é a Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas. A revista publica assuntos relacionados principalmente a história do Brasil vista em uma perspectiva interdisciplinar. Embora tenha sido o que apresentou maior quantidade de referências, o mesmo foi

referenciado em apenas quatro PPGCI's, aproximando-se assim, em termos de ocorrência, dos periódicos *Datagramazero* e *Ciência da Informação*, ambos na área de CI e que foram referenciados em três PPGCI's. Outras áreas de conhecimento identificadas nos periódicos são visualizadas no seguinte gráfico.

Gráfico 3 – Áreas de conhecimento dos periódicos e artigos referenciados nas bibliografias das disciplinas sobre memória nos PPGCIs

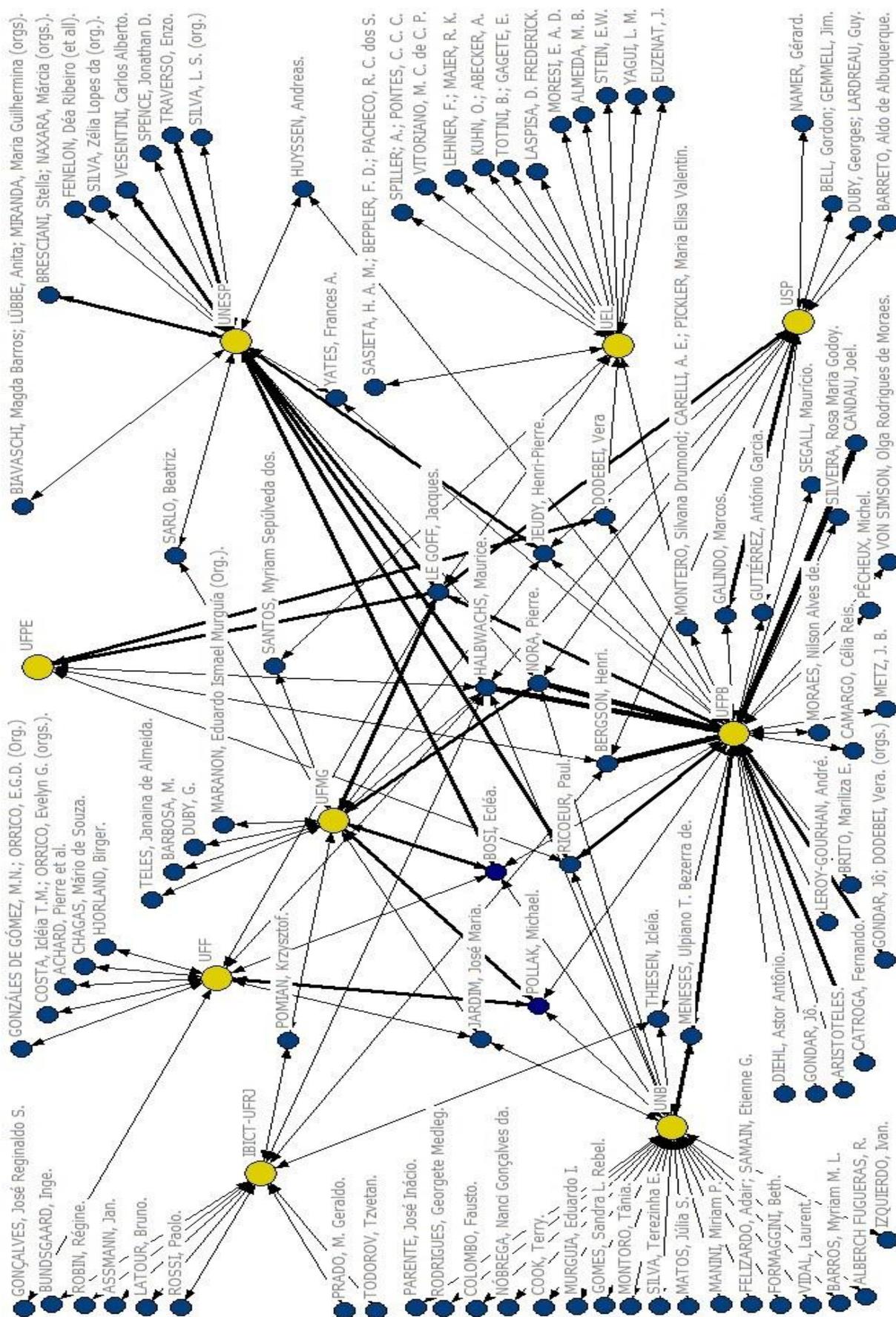


Fonte: O autor (2014)

A área de História é a mais evidente nos periódicos e artigos de periódicos recomendados nas bibliografias, aproximando-se da *Ciência da Informação*, a segunda área mais referenciada. Essas duas áreas se distanciam das outras, presentes no gráfico, embora a terceira categoria tenha sido de caráter multidisciplinar.

A classificação das áreas foi feita por meio da leitura das informações disponíveis nos editoriais de cada um dos periódicos e em informações sobre os periódicos disponíveis na internet, a respeito das pesquisas e áreas de conhecimento que cada um destes periódicos prioriza em suas publicações.

Figura 2 – Rede de relação entre autores recomendados nas bibliografias sobre memória e os PPGCIs



Fonte: O autor (2014)

Foram identificadas 93 autorias em 180 referências bibliográficas. A construção dessa rede de relação entre as obras e os PPGCIs foi possível com o uso do Ucinet, um software que auxilia na construção de redes sociais ou de relacionamento entre dados para posterior análise. Os círculos em amarelo representam as instituições de ensino às quais os PPGCI`s estão vinculados e os círculos em azul representam os autores referenciados. Os círculos em azul que se concentram no centro da figura correspondem aos autores comumente mais referenciados em mais de um PPGCI e os círculos em azul que se apresentam mais periféricos correspondem a autores referenciados particularmente por um único PPGCI.

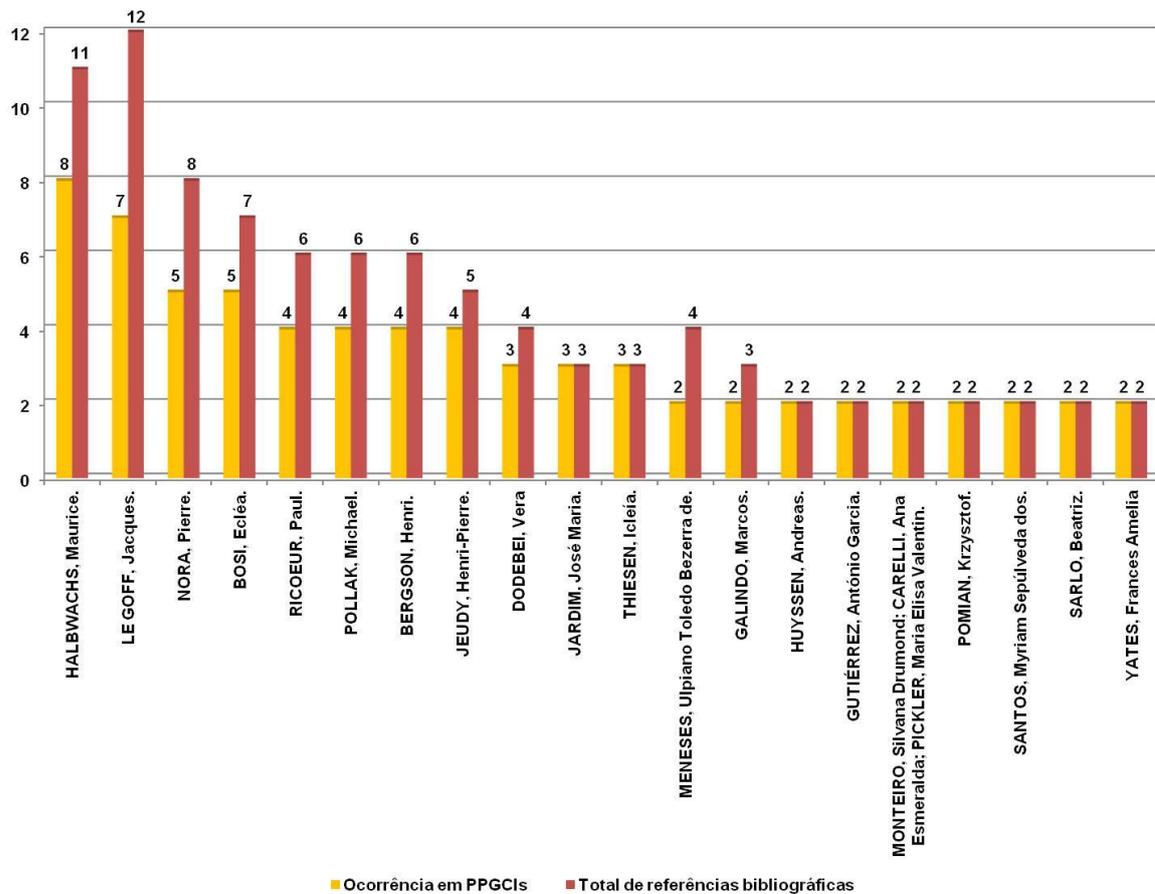
Dessa grande quantidade de referências bibliográficas e autorias, observou-se que apenas 20 autorias aparecem em mais de um PPGCI e os outros 73 autores aparecem em um único PPGCI. Assim, há pouca concentração de autores predominantes, visto que os PPGCIs em sua maioria apresentam uma expressiva diversidade de autores referenciados.

Entende-se que as 20 autorias mais referenciadas apresentam obras mais reconhecidas pelo grupo dos professores, pelas suas contribuições teóricas ou relevantes para a área da memória, fazendo com que os professores utilizem essas obras em suas disciplinas. Contudo, ao se notarem essas 73 autorias, cada uma delas referenciada em um único PPGCI, percebe-se que a grande maioria dos PPGCIs busca a atualização de novos referenciais por meio da inclusão de outros autores e materiais bibliográficos para as disciplinas, o que possivelmente reflete em conteúdos que acrescentam outras reflexões para os estudos realizados em cada disciplina.

Esse dado pode reforçar o pressuposto de que as bibliografias são selecionadas pelos professores das disciplinas com base em um percurso pessoal decorrente de suas afinidades com o tema ou ainda com os aspectos culturais e ideológicos do currículo de cada PPGCI, proporcionando diversidade quanto a concepções e autores adotados.

O gráfico 4 apresenta os autores mais referenciados por total de referências bibliográficas.

Gráfico 4 – Autorias mais citadas nas bibliografias das disciplinas sobre Memória nos PPGCIs



Fonte: O autor (2014)

No que diz respeito ao total de referências bibliográficas, percebe-se a forte influência de autores estrangeiros nas concepções teóricas da Memória para a CI, especialmente autores oriundos de países do continente europeu. Dos onze autores estrangeiros, sete são franceses, entre historiadores, sociólogos e filósofos. O sociólogo Michael Pollak é austríaco, porém radicado na França, vindo a falecer no ano de 1992. O sociólogo francês Maurice Halbwachs e o historiador francês Jacques Le Goff são os dois autores mais referenciados no total de todos os PPGCIs. Halbwachs foi o que apresentou o maior número de ocorrências. O autor apresenta as lembranças que são reconstruídas a partir dos pontos de vista individuais dentro de um grupo e destaca-se por trazer um conceito de memória além do indivíduo, ou seja, a memória coletiva, comentada também em obras de Le Goff. Este, por sua vez, como pesquisador, dedicou-se principalmente aos estudos sobre a antropologia histórica do ocidente medieval. O historiador Pierre Nora destaca-se por seus conceitos de lugares de memória e estudos sobre a identidade

cultural da França. Paul Ricoeur associou a hermenêutica à fenomenologia da memória. O pensamento de Henri Bergson destacou-se na filosofia moderna, trazendo a ideia de tempo vivido, ou duração interna que é o passado vivo no presente e aberto ao futuro no espírito que compreende o real de modo imediato. Tais concepções relacionam-se com a memória como agente possível. O filósofo Henri-Pierre Jeudy trata da memória e do patrimônio como elemento social.

Contudo, em contrapartida, a América do Sul também teve um número significativo de ocorrência de autores, dos quais apenas a autora Beatriz Sarlo é de nacionalidade argentina e os demais são brasileiros. Entre estes, Ecléa Bosi foi a que teve o maior número de ocorrências, visualizada em cinco PPGCIs. Ela é psicóloga e pesquisadora com ênfase em psicologia social, memória e cultura. Com menor número de ocorrências, destacam-se os três brasileiros, Vera Dodebei, José Maria Jardim e Icléia Thiesen.

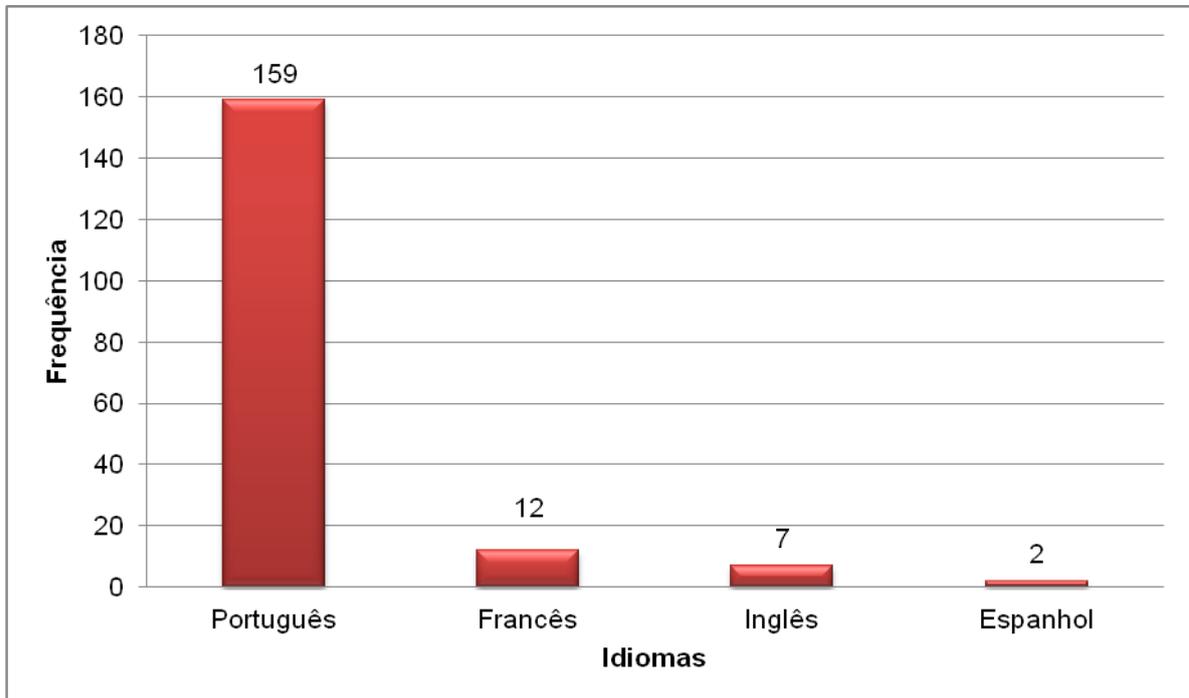
Vera Dodebei é bibliotecária, professora e pesquisadora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, no Programa de Pós-graduação em Memória Social. Dodebei desenvolve pesquisas com ênfase em cultura digital, memória e patrimônio. José Maria Jardim é historiador, mas fez mestrado e doutorado em Ciência da Informação, pesquisando temas ligados principalmente à Arquivologia. Assim como Jardim, Icléia Thiesen fez mestrado e doutorado em Ciência da Informação, mas é graduada em Biblioteconomia e Documentação e também em Museologia. Como pesquisadora, destaca-se na discussão sobre questões epistemológicas que relacionam a informação, memória, instituição e documentos sensíveis.

Embora Le Goff tenha sido o autor com a maior frequência de citações nas bibliografias, tendo apenas uma a mais que Halbwachs, esses dois autores podem juntos ser considerados os mais notórios, quando se analisa sob o ponto de vista da ocorrência de autores em cada PPGCI. Assim, enquanto Halbwachs é citado em oito PPGCIs, Le Goff é citado em sete, o que leva a se concordar com Dodebei, para quem

[...] qualquer estudo que se proponha a enveredar no campo tumultuado da memória social há de - em algum momento - mencionar a obra de Maurice Halbwachs. Seja para opor-se a ela ou para reconhecer-se como parte de uma linha investigativa devedora dos estudos inaugurais desenvolvidos pelo sociólogo francês. A obrigatória referência aos estudos desenvolvidos por Halbwachs não significa que haja um consenso sobre a nomenclatura ou interpretações [...] (2011, p. 38)

Mesmo com a forte influência dos autores franceses, os textos em língua portuguesa têm se mostrado os preferidos nas referências das disciplinas.

Gráfico 5 – Idioma das referências sobre memória nos PPGCIs



Fonte: O autor (2014)

Esta observação é compreensível graças ao desenvolvimento da indústria do livro e das traduções de autores seminais, cujas obras são representativas das principais correntes teóricas sobre os temas tratados no mundo acadêmico. Preferência também causada pelas dificuldades de acesso a línguas estrangeiras, de modo especial o francês, pouco difundido entre os discentes da atual geração.

Para a análise de conteúdo, foram escolhidos os 20 autores mais citados nas obras referenciadas nas disciplinas.

Quadro 2 – Referências dos vinte autores mais citados nas bibliografias sobre Memória nos PPGCIs

AUTORES	OBRAS	PPGCI
LE GOFF, Jacques.	LE GOFF, Jacques. História e memória . 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p.423-553.	UFPB
	LE GOFF Jacques. História e memória . 4. ed. Campinas: UNICAMP, 1996.	UFPB
	LE GOFF, J. História e memória : escrita e litaratura. Campinas: Ed, Unicamp, 2003.	UFPE
	LE GOFF, Jacques. História e memória : escrita e literatura. Campinas: Unicamp, 2003.	UFPE
	LE GOFF, Jacques. História e memória . trad. Bernardo Leitão et al.: Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.	UNESP

LE GOFF, Jacques.	LE GOFF, Jacques. História e memória . trad. Bernardo Leitão et al.: Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.	UNESP
	LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. (Coord.). Memória e história . Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984a, p. 95-106. (Enciclopédia Einaudi, 1.)	USP
	LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. (Coord.) Memória e história . Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984b. p. 11-51. (Enciclopédia Einaudi, 1).	USP
	LE GOFF, Jacques. Memória. In: Enciclopédia Einaud. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. p.11-50. (Brasil: História e Memória, Campinas, Unicamp, 2005.)	UFF
	LE GOFF, J. História e memória . 5.ed. Campinas: UNICAMP Editora, 2003.	UEL
	LE GOFF, Jacques. História e Memória . Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.	UFMG
	LE GOFF, J. História e Memória . Campinas: UNICAMP. 1992.	UFMG
HALBWACHS, Maurice.	HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva . Nova tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.	UFPB
	HALBWACHS, Maurice. Les cadres sociaux de La mémoire . Paris: Les Presses universitaires de France, 1952	UFPB
	HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva . São Paulo: Vértice, 1990. (Biblioteca Vértice, Sociologia e Política).	UFPB
	HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva . SP: Centauro ed, 2004.	UFPE
	HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva . trad. de Laurent Leon Schaffer. São Paulo:Vértice, 1990.	UNESP
	HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva . trad. de Laurent Leon Schaffer. São Paulo:Vértice, 1990.	UNESP
	HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva . São Paulo: Vértice, 1990. (Biblioteca Vértice, Sociologia e Política).	USP
	HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva . São Paulo: Vértice, 1990.	UFF
	HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva . São Paulo: Centauro, 2004.	UFRJ IBICT
	HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva . Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.	UNB
HALBWACHS, M. A memória coletiva . São Paulo: Vértice. Ed. Dos Tribunais. 1990.	UFMG	
NORA, Pierre.	NORA, Pierre. <i>Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux</i> . In: NORA, Pierre (dir.). Les Lieux de mémoire . Paris: Gallimard, 2008.	UFPB
	NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História . São Paulo, n. 10, p. 07-28, dez. de 1993.	UFPB
	NORA, Pierre (Org.) Les lieux de mémoire . Paris: Quarto Gallimard, 2008. 3v.	UFPB
	NORA, Pierre. Les Lieux de mémoire . Paris: Éditions Gallimard, 1997.	UNESP
	NORA, Pierre. Les lieux de mémoire . Paris: Gallimard. 1984. v. 1.	USP

NORA, Pierre.	NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Trad. Yara Aoun Houry. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História , São Paulo, PUC, p. 7-28, v. 10, dez. 1993.	UNB
	NORA, P. Entre memória e história : a problemática dos lugares. Projeto História, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.	UFRMG
	NORA, P. <i>Mémoire collective</i> . In: LE GOFF et al. La nouvelle histoire . Paris: Retz. 1978.	UFMG
BOSI, Ecléa.	BOSI, Ecléa. Memória e sociedade : lembranças de velhos. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.	UFPB
	BOSI, Ecléa. Memória e sociedade : lembranças de velhos. São Paulo: T.A.Queiroz, 1979.	UNESP
	BOSI, Ecléa. Memória e sociedade : lembranças de velhos. São Paulo:T.A.Queiroz, 1979.	UNESP
	BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade : lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.	UFF
	BOSI, Ecléa. Memória e sociedade : lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz editor/EDUSP, 1987.	UNB
	BOSI, Ecléa. Memória e sociedade : lembrança de velhos. SP: T. A. Queiroz, 1979, reimpressão 1983.	UFMG
	BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória : ensaios de psicologia social. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.	UFMG
RICOEUR, Paul.	RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento . Campinas, SP: UNICAMP, 2007.	UFPB
	RICOEUR, Paul. A memória, a história e o esquecimento . Campinas: UNICAMP, 2007.	UFPB
	RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento . Campinas: Unicamp, 2007.	UFPE
	RICOEUR, Paul. <i>La mémoire, l'histoire, l'oubli</i> . Paris: Éditions du Seuil, 2000.	UNESP
	RICOEUR, Paul. <i>La mémoire, l'histoire, l'oubli</i> . Paris: Éditions du Seuil, 2000.	UNESP
	RICOEUR, Paul. A memória, a História, o esquecimento . Campinas: Unicamp, 2007.	UNB
POLLAK, Michael.	POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos , Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.	UFPB
	POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos Históricos , Rio de Janeiro: FVG, v.5, n.10, p.200-212, 1992. Disponível em: < http://www.cpdoc.fgv.br/revista/ >.	UFF
	POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos , Rio de Janeiro, v.2, v.3, p.3-15, 1989. Disponível em:< http://www.cpdoc.fgv.br/revista/ >.	UFF
	POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: Estudos Históricos , v. 2, n. 3, p. 3-15, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1998. http://www.cpdoc.fgv.br/comum/html/	UNB
	POLLAK, Michael. Memória e identidade social . Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200–212, 1992.	UFMG
	POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio . Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.	UFMG
	BERGSON, Henri.	BERGSON, Henri. Matéria e memória : ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

	BERGSON, Henri. Matéria e memória . São Paulo: Martins Fontes, 1990.	UFPB
	BERGSON, Henri. Memória e vida . São Paulo: Martins Fontes, 2006.	UFPB
	BERGSON, Henri. Matéria e memória : ensaios sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.	UFPE
	BERGSON, Henri. Matéria e Memória . São Paulo: Martins Fontes, 1990.	USP
	BERGSON, Henri. Matéria e memória : ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. [2. ed.], São Paulo: Martins Fontes, 1999. [aula expositiva] Disponível em: < http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/Mat%C3%A9ria-e-Mem%C3%B3ria-Bergson.pdf >. Acesso em 06 jul. 2013.	UFRJ IBICT
JEUDY, Henri-Pierre.	JEUDY, Henri-Pierre. Memórias do social . Rio de Janeiro: Florence Universitária, 1990.	UFPB
	JEUDY, H-P. Memória do social . Rio de Janeiro: Forense, 1990.	UNESP
	JEUDY, H-P. Memória do social . Rio de Janeiro: Forense, 1990.	UNESP
	JEUDY, Henri-Pierre. Memórias do social . Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.	USP
	JEUDY, Henri-Pierre. Memórias do social . Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1990.	UFMG
JARDIM, José Maria.	JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. Ciência da Informação , Brasília, v.25, n.2, 1995. Disponível em: < http://www.ibict.br/cienciadainformacao/viewarticle.php?id=480&layout=abstract >.	UFF
	JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. In: Ciência da Informação , Brasília, v. 25, n. 2, p. 1-13, 1995.	UNB
	JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. Ciência da Informação , vol. 25, nº 2, 1995. p. 1-13.	UFMG
THIESEN, Icléia.	THIESEN, Icléia. Informação, memória e história: a instituição de um sistema de informação na corte do Rio de Janeiro. Enc. Bibli : R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis, n. esp., 1º sem. 2006.	UFPB
	COSTA, Icléia Thiesen M. Memória institucional e representação: do mundo das formas (árvores) ao universo do pensamento (rizoma). Informare - Cad. Prog. Pós-Grad. Ci. Inf., Rio de Janeiro, v.2, n. 2, p. 67-72, jul./dez. 1996. Disponível em: < http://ibict.phlnet.com.br/anexos/costav2n2.pdf >.	UFRJ IBICT
	THIESEN, Icléia. Informação, memória e História: a instituição de um sistema de informação na corte do Rio de Janeiro. In: Encontros Bibli : Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. esp., 1º sem. 2006.	UNB
MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de.	MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros , São Paulo, n. 34, p. 9-24, 1992.	UFPB
	MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de	UFPB

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de.	transformações. In: SILVA, Zélia Lopes da. (Org.). Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas . São Paulo: UNESP; FAPESP, 1999. p. 11-29.	
	MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). Arquivos, patrimônio e memória . São Paulo: Editora UNESP/FAPESP, 1999, p. 11-30.	UNB
	MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. Estudos históricos , Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, 1998.	UNB
GALINDO, Marcos.	GALINDO, Marcos. Tragédia da Memória. Massangana , Recife, v. 2, n. 1, p. 57-62, 2005.	UFPB
	GALINDO, Marcos. Patrimônio memorial e instituições públicas no Brasil. In: Antonio Motta Barrio, Mário Hélio Gomes. (Org.). Inovação Cultural, Patrimônio e Educação . Recife: Massangana, 2009, p. 251-264.	USP
	GALINDO, Marcos. Tragédia da Memória. Massangana , Recife, Massangana, nº 1, p. 57-62, 2005.	USP
HUYSSSEN, Andreas.	HUYSSSEN, Andreas. Seduzidos pela memória . Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.	UFPB
	HUYSSSEN, Andreas. Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos e mídia . trad. Sérgio Alcides. 2. ed.. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2004.	UNESP
DODEBEI, Vera Lúcia Doyle Louzada de Mattos.	DODEBEI, Vera. O Sentido e o significado de documento para a memória social . Rio de Janeiro, 1997 (Tese) Escola de Comunicação – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.	UFPB
	DODEBEI, Vera. Memória, circunstância e movimento. In: GONDAR, Jô, DODEBEI, Vera. O que é memória social? Rio de Janeiro: 2005. p. 43-54. Contracapa,	UFPE
	DODEBEI, Vera. Patrimônio, Informação e memória digital. Morpheus , n. 6, 2006. Disponível em www.unirio.br/morpheusonline	UFPE
	DODEBEI, Vera. Informação, memória, conhecimento: convergência de campos conceituais . In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2010. ANAIS... Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.	UEL
GARCIA GUTIÉRREZ, Antônio.	GARCIA GUTIÉRREZ, António. La memoria subrogada: mediación, cultura y conciencia en la red digital . Granada, Editorial Universidad de Granada, 2002.	UFPB
	GUTIÉRREZ, Antonio García. Otra memoria é possível: estratégias descolonizadoras do arquivo digital . São Paulo: Vozes, 2008.	USP
MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda; PICKLER, Maria Elisa Valentin.	MONTEIRO, Silvana Drumond; PICKLER, Maria Elisa Valentin. A Ciência da Informação, Memória e Esquecimento. DataGramZero - Revista de Ciência da Informação - v.9, n.6 dez 08. Artigo 02. Disponível em: http://dgz.org.br/	UEL
	MONTEIRO, S. D.; CARELLI, A. E.; PICKLER, M. E. V. A Ciência da Informação, memória e esquecimento. DataGramZero : revista de ciência da informação, Rio de Janeiro, v.9, n.6, dez. 2008.	UFPB
POMIAN, Krzysztof.	POMIAN, Krzysztof. Memória. In: GIL, Fernando. Sistemática. (Enciclopédia Einaudi, v. 42). Porto: Imprensa Nacional, Casa	UFRJ IBICT

	da Moeda: 2000. p. 507- 516.	
	POMIAN, Krzysztof. Memória. In: Enciclopédia Einaudi . Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2000. vol. 42. p. 507-516.	UFMG
SANTOS, Myriam Sepúlveda dos.	SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. Memória coletiva e teoria social . São Paulo: Annablume, 2003.	UEL
	SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. Memória Coletiva e Teoria Social . São Paulo, Annablume, 2003.	UFMG
SARLO, Beatriz.	SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva . trad. Rosa Freire d'Águilar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.	UNESP
	SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva . São Paulo, Companhia das Letras; Belo Horizonte, UFMG, 2007.	UFMG
YATES, Frances A.	YATES, France A. A arte da memória . Campinas, SP: Unicamp, 2007.	UFPB
	YATES, Frances A. A arte da memória . Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.	UNESP

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Com este levantamento, percebeu-se que muitas das obras estão referenciadas de forma diferente ou irregular na bibliografia, variando de acordo com os programas das disciplinas, mas não atingindo em sua grande maioria as instruções recomendadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), para a transcrição e apresentação de referências bibliográficas, documentos e fontes de informação, recomendações estas que constam no documento intitulado “NBR 6023: informação e documentação – referências – elaboração”.

Uma boa coleta de dados para a análise de citações depende também de que esses dados estejam disponibilizados apropriadamente em benefício da pesquisa. Sendo assim, para o levantamento das referências bibliográficas dos 20 autores mais mencionados nas bibliografias, buscou-se no acervo do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade Federal de Pernambuco, onde a pesquisa foi realizada, bem como em livrarias locais na cidade de Recife e artigos ou obras disponibilizadas para acesso na internet.

De posse dessas obras, as categorias temáticas foram identificadas a posteriori, com base nas concepções de memória encontradas nos livros e artigos analisados. Uma leitura flutuante das ementas das disciplinas permitiu identificar a menção de cinco tipos de memória: memória cultural, memória organizacional, memória social, memória individual e memória coletiva. Contudo, a leitura das obras dos 20 autores mais mencionados revelou outros tratamentos dados a Memória, apresentados aqui conforme um modelo proposto por Bardin (2011).

Quadro 3 – Autorias e suas concepções de Memória nas principais obras referenciadas nos PPGCIs

AUTORES	CONCEPÇÕES	CATEGORIAS
LE GOFF, Jacques.	<p>O conceito de memória é crucial. A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem podem atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (2013, p. 387)</p> <p>Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (2013, p. 390)</p> <p>O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora atrasada, ora adiantada. (2013, p. 390)</p> <p>[...] preferir-se-á reservar a designação de memória coletiva para os povos sem escrita. Notemos, sem insistir, mas sem esquecer a importância do fenômeno, que a atividade mnésica fora da escrita é uma atividade constante, não só nas sociedades sem escrita como nas que a possuem. (2013, p. 391)</p> <p>A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das</p>	<p>Memória individual Memória coletiva Memória social Esquecimento Identidade</p>

LE GOFF, Jacques.	sociedades de hoje, na febre e na angústia. (2013, p. 435)	
HALBWACHS, Maurice.	<p>Para que nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. (2006, p. 39)</p> <p>[...] a representação das coisas evocada pela memória individual não é mais que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionada às mesmas coisas” (2006, p. 61)</p> <p>Que importa que os outros estejam ainda dominados por um sentimento que outrora experimentei com eles e que já não tenho? Não posso mais despertá-lo em mim porque há muito tempo não há mais nada em comum entre mim e meus antigos companheiros. Não é culpa da minha memória nem da memória deles. Desapareceu uma memória coletiva mais ampla, que ao mesmo tempo compreendia a minha e a deles (2006, p. 39)</p> <p>Diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que este mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. (2006, p. 69)</p>	<p>Memória individual Memória coletiva</p>
NORA, Pierre.	A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à	<p>Memória coletiva Memória social Lembrança Esquecimento</p>

<p>NORA, Pierre.</p>	<p>dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações” (1993, p. 09).</p>	
<p>BOSI, Ecléa.</p>	<p>Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação. (2007, p. 410)</p> <p>Por muito que deva a memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum. (2007, p. 411)</p> <p>“[...] uns e outros sofrem de um processo de desfiguração, pois a memória grupal é feita de memórias individuais. Conhecemos a tendência da mente de remodelar toda experiência em categorias nítidas, cheias de sentido e úteis para o presente. Mal termina a percepção, as lembranças já começam a modificá-la: experiências, hábitos, afetos, convenções vão trabalhar a matéria da memória.” (1994, p. 419)</p> <p>Quando um acontecimento político mexe com a cabeça de um determinado grupo social, a memória de cada um de seus membros é afetada pela interpretação que a ideologia dominante dá desse acontecimento. Portanto, uma</p>	<p>Memória individual Memória coletiva Memória social Memória institucional</p>

<p>BOSI, Ecléa.</p>	<p>das faces da memória pública tende a permear as consciências individuais. (2003, p. 21)</p> <p>Para Bosi (2003, p. 23), a memória pode ser cooptada por estereótipos que nascem ou no interior da própria classe ou de instituições dominantes como a escola, a universidade que são instâncias interpretativas da História.</p>	
<p>RICOEUR, Paul.</p>	<p>“[...] A permanente ameaça da confusão entre rememoração e imaginação, que resulta desse tornar-se imagem da lembrança, afeta a ambição de fidelidade na qual se assume a função veritativa da memória. [...] (2007, p .26)</p> <p>E, no entanto, nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu antes de formarmos sua lembrança” (2007, p. 26).</p> <p>“[...] não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela.” (2007, p. 40).</p> <p>“[...] o exercício da memória é o seu uso; ora, o uso comporta a possibilidade do abuso. Entre uso e abuso insinua-se o espectro da “mimética, incorreta. É pelo viés do abuso que o alvo veritativo da memória está maciçamente ameaçado.” (2007, p. 72).</p> <p>Para Ricoeur (2007, p. 72), as múltiplas formas de abuso da memória salientam a vulnerabilidade fundamental da memória, que resulta da relação entre a ausência da coisa lembrada e sua presença na forma de representação, de modo que a problematização dessa relação representativa</p>	<p>Memória humana Memória individual</p>

RICOEUR, Paul.	com o passado é essencialmente evidenciada por todos os abusos da memória.	
POLLAK, Michael.	<p>No que diz respeito à memória, penso sobretudo no livro de Pierre Nora, <i>Les lieux de la mémoire</i>, que é uma tentativa de encontrar uma metodologia para apreender, nos vestígios da memória, aquilo que pode relacioná-los, principalmente, mas não exclusivamente, com a memória política. Finalmente, no caso das diversas pesquisas de história oral, que utilizam entrevistas, sobretudo entrevistas de história de vida, é óbvio que o que se recolhe são memórias individuais, ou, se for o caso de entrevistas de grupo, memórias mais coletivas, e o problema aí é saber como interpretar esse material. (1992, p. 200)</p> <p>A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (1992, p. 201)</p> <p>Se destacamos essa característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis. (1992, p. 201)</p> <p>Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou</p>	<p>Memória individual Memória coletiva Memória social Lugares de memória</p>

<p>POLLAK, Michael.</p>	<p>coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. (1992, p. 201)</p> <p>Para Pollak (1992, p. 201), a memória é constituída por pessoas, personagens encontradas no decorrer da vida, personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa. Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que</p>	
-------------------------	---	--

<p>POLLAK, Michael.</p>	<p>permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. (1992, p .202)</p> <p>Locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo. (1992, p. 202)</p> <p>A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado. (1992, p. 203)</p> <p>A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada. (1992, p. 204)</p> <p>“[...] a memória é um fenômeno construído. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização.” (1992, p. 204)</p> <p>Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social</p>	
-------------------------	---	--

<p>POLLAK, Michael.</p>	<p>e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. (1992, p. 204)</p> <p>Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (1992, p. 204)</p> <p>“[...] memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. (1992, p. 204)</p> <p>Se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos. (1992, p. 204)</p> <p>“[...] cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização. (1992, p.206)</p> <p>Para Pollak (1989, p. 9), a memória como uma operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de</p>	
-------------------------	--	--

<p>POLLAK, Michael.</p>	<p>pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes.</p> <p>Para Pollak (1989, p. 10), o trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história e o que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo.</p> <p>Vê-se que as memórias coletivas impostas e defendidas por um trabalho especializado de enquadramento, sem serem o único fator aglutinador, são certamente um ingrediente importante para a perenidade do tecido social e das estruturas institucionais de uma sociedade. Assim, o denominador comum de todas essas memórias, mas também as tensões entre elas, intervêm na definição do consenso social e dos conflitos num determinado momento conjuntural. (1989, p. 11)</p>	
<p>BERGSON, Henri.</p>	<p>Enunciemos de imediato as consequências que decorreriam de nossos princípios para a teoria da memória. Dizíamos que o corpo, colocado entre os objetos que agem sobre ele e os que ele influencia, não é mais que um condutor, encarregado de recolher os movimentos e de transmiti-los, quando não os retém, a certos mecanismos motores, mecanismos estes determinados, se a ação é reflexa, escolhidos, se a ação é voluntária. Tudo deve se passar, portanto como se uma memória independente juntasse imagens ao longo do tempo à medida que elas se produzem, e como se nosso corpo, com aquilo que o cerca, não fosse mais que uma</p>	<p>Memória do corpo Imagens Lembrança</p>

<p>BERGSON, Henri.</p>	<p>dessas imagens, a última que obtemos a todo momento praticando um corte instantâneo no devir em geral. (2010, p. 83)</p> <p>[...] a operação prática e conseqüentemente ordinária da memória, a utilização da experiência passada para a ação presente, o reconhecimento, enfim, deve realizar-se de duas maneiras. Ora se fará na própria ação, e pelo funcionamento completamente automático do mecanismo apropriado às circunstâncias; ora implicará um trabalho do espírito. Que irá buscar no passado, para dirigi-las ao presente, as representações mais capazes de se inserirem na situação atual. (2010, p. 84)</p> <p>[...] poderíamos representar-nos duas memórias teoricamente independentes. A primeira registraria, sob forma de imagens-lembranças, todos os acontecimentos de nossa vida cotidiana à medida que se desenrolam [...] (2010, p. 88)</p> <p>[...] todo um passado de esforços armazenado no presente é ainda uma memória, mas uma memória profundamente diferente da primeira, sempre voltada para a ação, assentada no presente e considerando apenas o futuro. [...] Dessas duas memórias, das quais uma imagina e a outra repete, a segunda pode substituir a primeira e frequentemente até dar a ilusão dela. (2010, p. 89)</p> <p>[...] a repetição não tem de modo algum por resultado converter a primeira na segunda; seu papel é simplesmente utilizar cada vez mais os movimentos entre si e, montando um mecanismo,</p>	
------------------------	---	--

<p>BERGSON, Henri.</p>	<p>criar um hábito do corpo. Esse hábito, aliás, só é lembrança porque me lembro de tê-lo adquirido; e só me lembro de tê-lo adquirido porque apelo à memória espontânea, aquela que data os acontecimentos e só os registra uma vez. Das duas memórias que acabamos de distinguir, a primeira parece portanto, ser efetivamente a memória por excelência. A segunda, aquela que os psicólogos estudam em geral, é antes o hábito esclarecido pela memória do que a memória propriamente. (2010, p. 91)</p> <p>A memória do corpo, constituída pelo conjunto dos sistemas sensório-motores que o hábito organizou, é, portanto, uma memória quase instantânea à qual a verdadeira memória do passado serve de base. (2010, p. 178)</p> <p>A memória tem, portanto, graus sucessivos e distintos de tensão ou de vitalidade, certamente difíceis de definir [...] (2011, p. 56)</p> <p>[...] as lembranças pessoais, exatamente localizadas e cuja série desenharia o curso de nossa existência passada, constituem, reunidas, o último e mais amplo invólucro de nossa memória. Essencialmente fugazes, só se materializam por acaso [...] (2011, p. 59)</p> <p>[...] esses dois estados extremos, um de uma memória totalmente contemplativa que só apreende o singular na sua visão, o outro, de uma memória totalmente motora que imprime a marca da generalidade à sua ação, só se isolam e se manifestam plenamente em casos</p>	
------------------------	---	--

<p>BERGSON, Henri.</p>	<p>excepcionais. (2011, p. 65)</p> <p>Segundo Bergson (2011, p. 87), a memória quando recobre com uma camada de lembranças um fundo de percepção imediata e também quando contrai uma multiplicidade de momentos, constitui a principal contribuição da consciência individual para a percepção, o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas.</p>	
<p>JEUDY, Henri-Pierre.</p>	<p>Ao tornar-se marco e finalidade de um vasto programa, a memória não pode mais ser tratada, como tem sido, pela lógica dos Monumentos históricos. Ela assume esse aspecto enigmático para todos e não mais apenas para os profissionais da história e da conservação. Torna-se arqueologia social. Em contrapartida, e a duras penas, essa concepção da memória e de sua apreensão pode modificar as relações de percepção com os Monumentos históricos. (1990, p. 16)</p> <p>A memória coletiva é trabalhada em meio à ameaça de seu próprio desaparecimento. Uma quantidade singular de traços pode ser preservada, ainda mais quando os últimos representantes da época apaixonam-se pela reconstituição da sua própria vida social e cultural. As memórias subjetivas, individuais convergem; forjam um estranho edifício da memória coletiva. Os relatos, os documentos tornam-se mais essenciais do que os lugares ou os objetos. (1990, p. 16)</p> <p>A questão fundamental</p>	<p>Memória coletiva Memória subjetiva Memória individual Identidade</p>

<p>JEUDY, Henri-Pierre.</p>	<p>continua sendo a dos atributos da memória. Todos sabem que uma memória não se amolda necessariamente a uma ordem cronológica, que ela pode ser irruptiva, projetiva, confusa, contraditória... As funções culturais das memórias ditas coletivas não correspondem senão a uma maneira possível, dentre outras, de estabelecer uma ordem dinâmica dos traços mnésicos. [...] Mas as diferentes modalidades de abordagem das memórias não chegam a enfraquecer as manifestações complexas de todos os tipos de memórias. (1990, p. 19)</p> <p>A memória não deixa de brincar com a identidade, embora mantenha um pacto com ela. (1990, p. 19)</p>	
<p>JARDIM, José Maria.</p>	<p>Recorre-se atualmente, com muita frequência, à temática da memória, expressão de interesses e paixões e objeto de um campo interdisciplinar. Diversos termos tendem a ser associados à memória: resgate, preservação, conservação, registro, seleção etc. Neste sentido, a memória parece visualizada sobretudo como dado a ser arqueologizado e raramente como processo e construção sociais. (1995, p. 1)</p>	<p>Memória social Resgate Preservação Conservação Registro Seleção</p>
<p>THIESEN, Icleia.</p>	<p>Uma instituição pode ser vista como forma fundamental de saber-poder, que se reproduz em práticas sociais, as quais constituem hábitos que, por sua vez, se nutrem de memórias. As instituições selecionam os discursos que fazem circular como verdadeiros: o que deve ser produzido, selecionado, preservado, recuperado, bem como aquilo que deve permanecer em silêncio. (COSTA, 1996, p. 70)</p>	<p>Memória institucional Memória social Documento</p>

<p>THIESEN, Icleía.</p>	<p>[...] as instâncias confinadas no passado se impõem ao presente por força do tempo. A memória institucional parece invadir as fronteiras do quadro temporal, para suscitar questões do vivido. O que ontem era ocultado, silenciado, segregado, pode hoje se apresentar como realidade a ser (re)vista no campo institucional. (COSTA, 1996, p. 70)</p> <p>O conceito de informação, se relacionado ao fenômeno da memória, pode ser entendido como estímulos, impressões que integram o quadro mais geral das lembranças que compõem o acervo de experiências dos indivíduos. Nesse sentido,</p> <p style="padding-left: 40px;">A informação é um conjunto de elementos selecionados pelos indivíduos, dentre uma imensa variedade de itens existentes no mundo exterior. Como um embrião, a informação forma e contém (informação). A repetição dessas impressões [conservadas], ao longo do tempo, encarrega-se de transformar itens selecionados de informações em marcas, traços que constituem o que, convencionalmente, chamamos de memória. A memória então conserva as informações que vão sendo retidas num processo de seleção. [...] Nesse sentido, as informações retidas, que passaram pelo filtro individual (que é também social) são organizadas e recriadas no presente, dentro de um processo dinâmico. (COSTA, 1997, p.124)</p> <p>No processo de reconstrução do passado, que se dá em instâncias do tempo presente, somos impelidos a lançar mão dos mecanismos que dão suporte à memória e</p>	
-------------------------	--	--

<p>THIESEN, Icleía.</p>	<p>vamos buscar as lembranças onde quer que estejam registradas: seja na consciência, no inconsciente, nos materiais da memória – os documentos, arquivos, relatos de outras pessoas que tenham partilhado experiências comuns. (COSTA, 1997, p. 131)</p> <p>O documentar precede o documento, o que significa dizer que todo documento tem uma intencionalidade, razão pela qual é recomendável, em nossas práticas de pesquisa, investigar suas condições de produção. Isto porque o documento é também um elemento substantivo na organização das bases da memória social, constituindo uma expressão da verdade e da lei, ao longo da história. Na medida em que o documento é utilizado pelas instâncias do poder tem ainda forte potência de reprodução nos grupos sociais, gerando e alimentando uma memória coletiva produtora de identidades. (2006, p. 18)</p> <p>Uma memória institucional é produzida e reproduzida nos registros que integram diferentes arquivos. São informações fragmentadas que podem, a qualquer tempo, de acordo com o seu grau de organicidade e de recuperabilidade, ser utilizadas como elemento identificatório [...] (2006, p. 23)</p>	
<p>MENESES, Ulpiano T. Bezerra de.</p>	<p>A caracterização mais corrente da memória é como mecanismo de registro e retenção, depósito de informações, conhecimento, experiências. Daí com facilidade se passa para os produtos objetivos desse mecanismo. A memória aparece, então, como algo</p>	<p>Memória social Memória individual Memória coletiva Memória nacional</p>

<p>MENESES, Ulpiano T. Bezerra de.</p>	<p>concreto, definido, cuja produção e acabamento se realizaram no passado e que cumpre transportar para o presente. Diz-se, também, que a memória corre o risco de se desgastar, como um objeto friável submetido a uma ação abrasiva; por isso é que precisa não só ser preservada, mas restaurada na sua integridade original. (1992, p. 10)</p> <p>[..] as distinções entre as diversas categorias propostas para a memória, segundo seu eixo de atribuições, têm presença eventual. Não, porém, que elas sejam secundárias. Ao contrário, convém acentuar alguns traços diferenciais de muita consequência. (1992, p. 14)</p> <p>[..] evidencia-se como imprópria qualquer coincidência entre memória e história. A memória, como construção social, é formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional. Não se confunde com a história, que é forma intelectual de conhecimento, operação cognitiva. (1992, p. 22)</p>	
<p>GALINDO, Marcos.</p>	<p>Não mantemos uma relação de respeito para com os recursos de nossa memória, se não temos fidelidade com o passado, certamente não teremos a comisseração do futuro. Fidelidade com a história é um ato de preservação, fixador da identidade, e se não construímos nossa identidade histórica, teremos, em breve, que buscar em outrem a identidade que não ousamos tomar do nosso passado. A memória histórica é um patrimônio público universal</p>	<p>Memória histórica Identidade</p>

GALINDO, Marcos.	que, no presente, tomamos por empréstimo, e do qual teremos que prestar contas ao futuro. (2005, p. 6)	
HUYSEN, Andreas.	[...] as atuais culturas críticas de memória, com sua ênfase nos direitos humanos, em questões de minorias e gêneros e na reavaliação dos vários passados nacionais e internacionais, percorrem um longo caminho para proporcionar um impulso favorável que ajude a escrever a história de um modo novo e, portanto, para garantir um futuro da memória. (2000, p. 34)	Memória cultural
DODEBEI, Vera Lúcia Doyle Louzada de Mattos.	<p>Especificamente, nosso interesse está voltado à memória social, representada pelo conjunto de ações temporais, da oralidade à escrita, da pré-história aos dias atuais. (1997, p. 45)</p> <p>Se tomarmos o conceito de memória como a faculdade de reter fatos, então bastariam os arquivos e as bibliotecas que têm por missão a salvaguarda da memória. Não é o caso dos museus, propriamente, pois a estes cabe a função da recontextualização dos objetos recolhidos, doados ou comprados para sua existência. Assim, os museus fazem muito mais história que memória, se considerarmos a memória como a virtualidade do social. Portanto, ainda tem sentido uma discussão sobre a neutralidade do objeto de memória, uma vez que todos os objetos que retemos ou re-descobrimos são passíveis da representação de culturas. (1997, p. 49)</p> <p>Sem dúvida, a preservação de objetos que são a representação dos modos de viver de uma população, de</p>	<p>Memória social Memória cultural Memória virtual Memória informacional Identidade Documento</p>

<p>DODEBEI, Vera Lúcia Doyle Louzada de Mattos</p>	<p>uma cultura - fragmentos, evidências ou provas - permite reavaliar nossas ações no presente, uma vez que é a partir desse confronto memória/projeto que a(s) identidade(s) se estabelecem. Esse é o sentido de memória essencial à identidade do ser no mundo, sendo clara a constatação da mobilidade e flutuação do conceito de bem cultural, o que reforça também a nossa terceira proposição, a significação. (1997, p. 65)</p> <p>A distinção entre memória social e memória cultural fica, assim, determinada. Memória social é a memória virtual, potencial. Memória cultural é aquela que, imbuída de valores de determinada (s) cultura (s), opera no campo da seleção. Portanto, memória cultural é sempre resultado de uma interferência seletiva da memória social, podendo ser, neste caso, igualada à memória institucional. Desta forma, os objetos, em sentido amplo, operam no campo da memória social, os documentos, na memória cultural. (1997, p. 162)</p> <p>Embora o documento escrito seja ainda dominante nos estoques de informação de instituições de memória, essa tecnologia vem sendo abalada em sua hegemonia pelas facilidades que as tecnologias da informação e da comunicação proporcionam à sociedade. (2006)</p> <p>No ciberespaço a acumulação do conhecimento se dá no domínio coletivo no qual a informação é permanentemente construída e reconstruída. Mas, se o processamento contínuo de novas informações gera uma economia de espaço de</p>	
--	--	--

<p>DODEBEI, Vera Lúcia Doyle Louzada de Mattos.</p>	<p>armazenamento, ele causa em reverso, a sua reformatação. Essa reformatação, representada pela fusão, complementação e descarte de informações da memória que as está processando impede a recuperação dos formatos originais de ingresso. Daí dizer-se que as memórias informacionais geridas e gerenciadas em ambiente virtual não são mais bancos de dados, nem bases de dados, mas centros de conhecimento. Do mesmo modo, dizemos que só a informação é passível de ser transferida, pois o conhecimento é processado no interior desses centros, cujo modelo é, sem dúvida, o da memória quer seja ela individual ou coletiva. (2006)</p> <p>Ao ingressar no ciberespaço o documento se transforma em recurso informacional e passa a fazer parte do estoque informacional que constitui a memória virtual da web. Assim é que sua nomenclatura muda; de documento para recurso, no caso do acesso, e de documento para objeto informacional, no caso de sua representação digital. (2006)</p> <p>O ciberespaço é uma dimensão da natureza da velocidade, em que não há garantia de acumulação da informação e, portanto, das memórias virtuais. Nele, os objetos se criam, circulam, são assimilados e se recriam tal qual o clássico modelo do <i>círculo da informação</i> aponta, com a diferença de que a percepção (humana) não acompanha o trajeto de seus movimentos em todas as intensidades. (2006)</p> <p>Embora cientes dessa quase impossibilidade de preservação da informação em</p>	
---	---	--

<p>DODEBEI, Vera Lúcia Doyle Louzada de Mattos.</p>	<p>meio digital, os esforços da humanidade se dirigem para a transformação dos objetos no mundo atual em agregados de valor informacional, na tentativa de dotar a memória virtual do ciberespaço com capacidades próximas da tecnologia da escrita com seu sentido acumulador de informação, em oposição ao pólo da oralidade mítica, no qual a narrativa é o elo de transmissão de informação de geração em geração. Essa comparação quer demonstrar que se nada fizermos para preservar nossos patrimônios eles naturalmente desaparecerão ou se adaptarão a novos volumes de informação mais hegemônicos e, tal como o processo da transferência de informação mítica, a memória nem mais seletiva seria, configurar-se-ia apenas como uma massa processual atual, sem recursos de busca retrospectiva. (2006)</p> <p>[...] selecionar (esquecer) é uma condição determinante no processo de construção da memória, seja ela individual, coletiva, documentária concreta ou virtual. (2010, p. 2)</p> <p>É curioso observar que utilizamos durante muito tempo os conceitos de informação, conhecimento e memória de forma isolada, mas o século XX veio a nos propor certa convergência conceitual, substituindo-os pela idéia de meios ou mídia. Muito embora tenhamos acompanhado, no âmbito da Ciência da Informação, as discussões sobre as diferenças entre informação e conhecimento, a introdução do conceito de memória é uma apropriação relativamente recente para a Ciência da Informação. (2010, p. 5)</p>	
---	---	--

<p>DODEBEI, Vera Lúcia Doyle Louzada de Mattos.</p>	<p>Alem da Informação e da Memória parece que outro conceito de natureza polissêmica como os anteriores vem antecipar uma convergência de pensamento. Esse conceito – Cultura - navega por entre fronteiras de disciplinas e, analisado na contemporaneidade, atravessa o ambiente das mídias ou é atravessado por elas. (2010, p. 14)</p> <p>A memória é um fator de ligação psíquica coletiva em uma sucessão que visa neutralizar os efeitos da interrupção de uma trama; só quando a memória se torna objeto de uma gestão cultural é que pode produzir a aparência de ordem. Instituir, portanto, é ordenar. Mas a memória possui também algo de acidental, de circunstancial, já que não é apenas um meio de consagrar a continuidade, a duração, ou ainda de criar vínculos. (2005, p. 48)</p>	
<p>GARCIA GUTIÉRREZ, António.</p>	<p>No mundo vivo, memória indica processo de recuperação de lembranças ao mesmo tempo que depósito de recordações, embora pareça demonstrado que um tal depósito não existe no cérebro senão como complexas gramáticas contingentes entre o hipocampo, para a memória de curto prazo, e determinadas zonas do córtex para a inscrição de longo prazo. (2008, p. 50)</p>	<p>Memória individual Lembrança Recordação</p>
<p>MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda; PICKLER, Maria Elisa Valentin.</p>	<p>[...] parece haver, com o aparecimento da escrita, uma tendência em “<i>separar</i>” os fatos que devem ser registrados em suportes e ali permanecer por tempo indeterminado, conservando uma memória registrada pela escrita com durabilidade maior,</p>	<p>Memória material Memória virtual Temporalidades da memória Esquecimento na Ciência da Informação Preservação na Ciência da Informação</p>

<p>MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda; PICKLER, Maria Elisa Valentin.</p>	<p>mais objetiva, fiel, e, portanto, mais confiável e, por esse motivo, tão associada à memória de longo alcance ou, ainda, à memória semântica, que consiste na memória do conhecimento. Pela fixidez do signo e do suporte os quais atribuem a esse tipo de memória o caráter de materialidade, a relação da memória impressa com a preservação se faz quase que de forma sinônima, instaurando na práxis biblioteconômica o mesmo paradigma.</p> <p>Por causa disso, essa área esqueceu-se que o esquecimento é a outra face da moeda, ou seja, da memória. Assim como alguns discursos escritos, são retomados, são considerados “<i>esquecimentos</i>”, as bibliotecas tradicionais possuem seus nichos de esquecimentos, uma vez que nunca conseguiram, nem conseguirão reunir em um só espaço uma biblioteca universal. (2008, p. 10)</p> <p>[...] Para Monteiro, Carelli e Pickler, (2008, p. 13) a categoria proeminente de estudo da memória recai sobre a preservação. Esta categoria, evidentemente, é muito importante para o profissional da informação, sobretudo porque as tecnologias da informação e da comunicação têm uma relação estreita com o conceito de memória, porque a preservação é a garantia de guarda e recuperação da memória. Nesse contexto, a preservação dos suportes de informação sempre esteve em evidência na Ciência da Informação. Os documentos são organizados e armazenados para que possam ser encontrados e, por conseqüência, a Ciência da</p>	
--	---	--

<p>MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda; PICKLER, Maria Elisa Valentin.</p>	<p>Informação não opera com o esquecimento. É comum encontrar, na literatura da área, o termo “memória” com o sentido de preservação de documentos, muitas vezes, até, como sinônimo de bibliotecas. As bibliotecas, os arquivos e os museus constituem a memória de um povo. E a própria noção de memória consiste em uma analogia da memória humana, responsável por reter informações na mente e recuperá-las quando necessário.</p> <p>[...] podemos pensar que, se a Ciência da Informação sempre teve como prioridade a preservação da memória, para posterior recuperação e uso, com o advento das tecnologias da Internet que possibilitaram o surgimento do ciberespaço, a preservação, como a conhecemos, já não é possível. O ciberespaço, com seus devires e possibilidades, veio instaurar na Ciência da Informação uma categoria ainda não aceitável ou perceptível nessa área: o esquecimento. (2008, p. 14)</p> <p>A memória virtual no ciberespaço, de uma maneira geral, estaria mais ligada ao pensamento, à produção sógnica de múltiplas semióticas, e aos esquecimentos do que às possibilidades físicas de conservação da produção humana, como nos registros impressos. Uma memória engendrada nela mesma, em tempo real e em contínua transformação. (2008, p. 15)</p> <p>Se a preservação como permanência do signo, fortemente ligada à memória escrita (de longo alcance), foi a principal categoria de</p>	
--	---	--

<p>MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda; PICKLER, Maria Elisa Valentin.</p>	<p>apropriação ou mesmo de compreensão da memória em algumas áreas, percebe-se que há a necessidade de, neste momento de emergência das mídias digitais, buscar outras categorias que expliquem sua natureza, a fim de poder repensar as velhas práticas e, quem sabe, postular novas possibilidades paradigmáticas e pragmáticas para a memória. É, no momento, um dos grandes desafios da Ciência da Informação, ao qual se soma a compreensão teórica das múltiplas semióticas, por parte dos profissionais da informação. O fato é que estamos, na contemporaneidade, construindo outro tipo de memória. (2008, p. 15)</p>	
<p>POMIAN, Krzysztof.</p>	<p>Todo o animal é, a partir de um determinado grau de organização, portador de muitas memórias. A memória da espécie, que todos os seres vivos possuem; esta, graças à estrutura desdobrada do material genético em que está inscrita, garante que a forma inicial seja replicada e, por consequência, se reproduza, a menos que uma mutação, origem de algo de novo e imprevisto, venha perturbar este processo. A memória representada pelo sistema de defesa imunológica, a qual conserva a lembrança de como o organismo é ameaçado por vários agentes patogênicos, lembrança que permite reagir de maneira adequada a novos assaltos de inimigos já conhecidos. A memória individual, cuja entidade, velocidade e acúmen progridem a pari e passu do desenvolvimento e da complexidade do sistema nervoso; esta memória permite imitar certos comportamentos</p>	<p>Memória humana Memória individual Memória coletiva</p>

<p>POMIAN, Krzysztof.</p>	<p>aprendidos quando se apresenta uma situação a que estes comportamentos estão associados. Este último tipo de memória adquire no homem dimensões e possibilidades novas pelo facto de ele procurar objectos e comunicar com os seus semelhantes e com o mundo não apenas através dos órgãos dos sentidos, mas também através da linguagem. (2000, p. 507)</p> <p>Toda a memória é em primeiro lugar uma faculdade de conservar os vestígios do que pertence já em si a uma época passada. Trata-se, tanto nos animais como no homem, de estados do sistema nervoso provocados pelo contacto com seres, objectos ou acontecimentos, que subsistem ainda quando o elemento que os originou desapareceu há um período de tempo mais ou menos longo. (2000, p. 507)</p> <p>[...] a memória é também a capacidade, essa sim exclusiva dos seres vivos – ou de criações do homem concebidas propositadamente para esse fim -, de reconstruir uma situação mais ou menos análoga a já verificada no momento em que o ser ou o objecto, agora presente sob a forma de resíduo, possuía ainda toda a sua completude originária. No caso de um animal, é a capacidade para imitar um comportamento associado a uma situação que já experimentou e na qual volta a encontrar-se. No caso de um ser humano, é igualmente a capacidade para repetir os comportamentos aprendidos, mas também de ressuscitar as impressões ou os sentimentos já vividos ou de os descrever oralmente; é além disso a capacidade para descrever os</p>	
---------------------------	---	--

<p>POMIAN, Krzysztof.</p>	<p>seres, os objectos ou os acontecimentos vistos ou observados no passado. (2000, p. 508)</p> <p>A memória é, em suma, o que permite a um ser vivo remontar no tempo, relacionar-se, sempre mantendo-se no presente, com o passado: conforme os casos, exclusivamente com o seu passado, com o da espécie, com o dos outros indivíduos. (2000, p. 508)</p> <p>[...] a memória colectiva é considerada como sendo capaz de transformar, em determinadas condições, uma recordação, uma imagem ou uma relíquia, numa presença real, de efectuar mais do que uma reevocação: uma ressurreição do passado. (2000, p. 513)</p>	
<p>SANTOS, Myriam Sepúlveda dos.</p>	<p>[...] nem a memória é um atributo meramente individual, nem ela é capaz de recuperar um passado original e finito; é necessário associar os fenômenos relacionados à memória a estruturas e práticas sociais intersubjetivas e ocorridas no presente. (2003, p. 71)</p> <p>Por memória coletiva podemos compreender uma gama razoável de definições, de representações coletivas, no sentido durkheimiano do termo, a situações traumáticas, em que a relação da memória com o passado é considerada a partir apenas de seu lado ético e moral e não epistemológico. (2003, p. 185)</p>	<p>Memória individual Memória coletiva</p>
<p>SARLO, Beatriz.</p>	<p>O passado é sempre conflituoso. A ele se referem, em concorrência, a memória e a história, porque nem sempre a história consegue acreditar na memória, e a memória</p>	<p>Memória individual Memória coletiva Memória social</p>

<p>SARLO, Beatriz.</p>	<p>desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança (direitos de vida, de justiça, de subjetividade). Pensar que poderia existir um entendimento fácil entre essas perspectivas sobre o passado é um desejo ou um lugar-comum. (2007, p. 9)</p> <p>No meio século que vai do fim da Segunda Guerra Mundial até o presente, a memória ganhou um estatuto irrefutável. É certo que a memória pode ser um impulso moral da história e também uma de suas fontes, mas esses dois traços não suportam a exigência de uma verdade mais indiscutível que aquelas que é possível construir com - e a partir de - outros discursos. (2007, p. 44)</p> <p>A memória tem tanto interesse no presente quanto a história ou a arte, mas de modo distinto. Mesmo nesses anos, quando já se exerceu até as últimas consequências a crítica da ideia de verdade, as narrações de memória parecem oferecer uma autenticidade da qual estamos acostumados a desconfiar radicalmente. (2007, p. 67)</p> <p>Para Sarlo (2007, p. 96), estudos da memória desenvolvidos nos últimos anos em quantidades industriais sobre todos os temas e identidades citam a noção de “pós-memória” como se ela possuísse alguma especificidade heurística além do fato de que se trata do registro, em termos memorialísticos, das experiências e da vida de outros, que devem pertencer à geração imediatamente anterior e estão ligados ao pós-memorialista pelo</p>	
------------------------	--	--

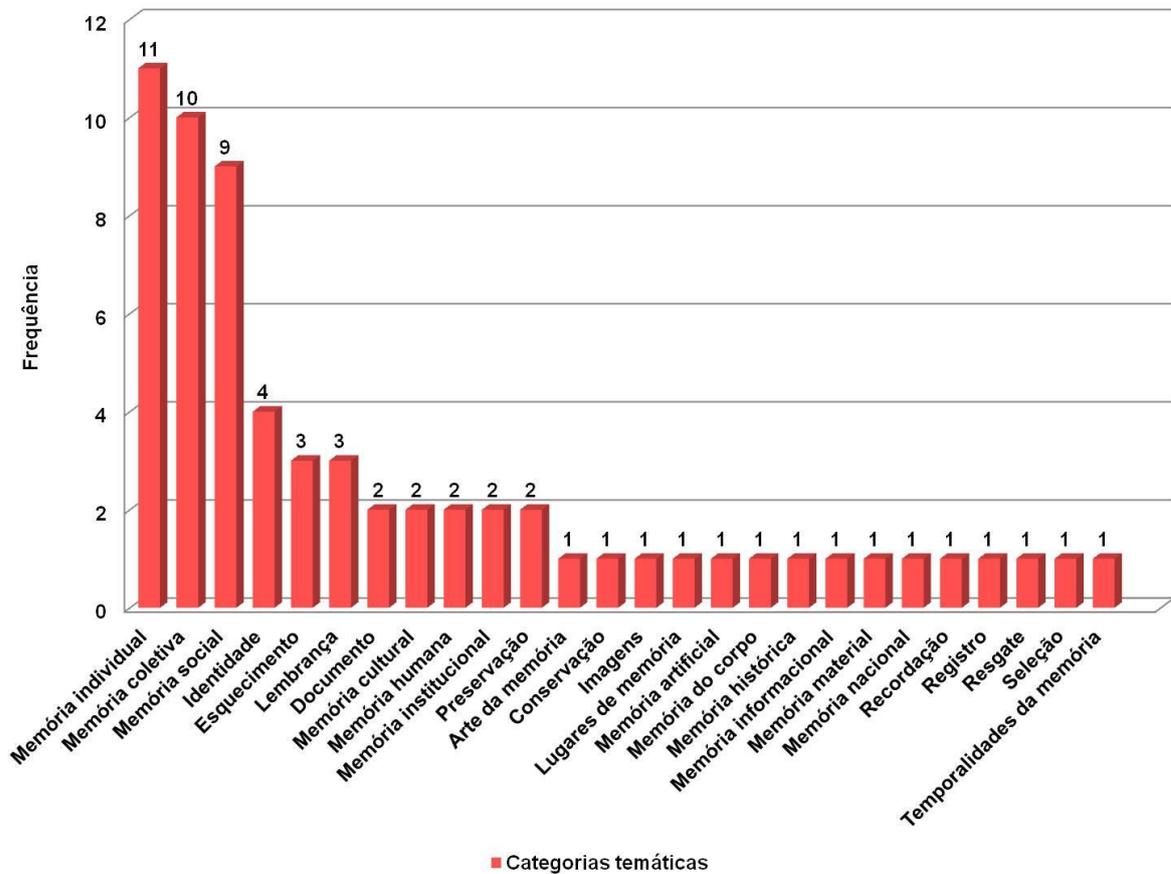
SARLO, Beatriz.	parentesco mais estreito.	
YATES, Frances Amelia	A arte da memória é um caso claro de tema marginal, não reconhecido como parte de nenhuma disciplina corrente, omitido por não ser atribuição de ninguém. Mas ela acabou por se tornar, em certo sentido, atribuição de todos. A história da organização da memória toca em questões vitais da história da religião, da ética e moral, da filosofia e psicologia, da arte e literatura, do método científico. A memória artificial como uma parte da retórica pertence à tradição da retórica, e a memória como faculdade da alma se relaciona a teologia. Quando refletimos sobre essas profundas associações de nosso tema, começa a não ser mais surpresa que o seu estudo tenha aberto novas perspectivas a respeito de algumas das grandes manifestações da nossa cultura. (2007, p. 481)	Arte da memória Memória artificial

Fonte: Dados da pesquisa (2014)

No quadro foram apresentadas 91 citações, distribuídas entre os 20 autores analisados. A grande maioria são citações literais das obras consultadas e apenas oito citações são indiretas, mantendo-se o sentido original dos pensamentos dos autores. Considerando-se que o universo pesquisado é formado pelos programas de pós-graduação em CI, que objetivam proporcionar aos alunos o aprofundamento do saber que lhes permita o alcance de elevado padrão de competência científica, este quadro pode ser comparado com a análise de Oliveira (2010, p. 106), sobre o levantamento de autores referenciados nas teses e dissertações sobre memória nos PPGCIs. Nesse levantamento, Oliveira mostra Jacques Le Goff, Pierre Nora, Ecléa Bosi, Maurice Halbwachs, Michael Pollack, Henri-Pierre Jeudy, Henry Bergson e Ulpiano Bezerra de Menezes. Esses oito autores identificados no levantamento de Oliveira aparecem entre os mais referenciados nas bibliografias das disciplinas sobre memória nos PPGCIs. Essa comparação permite interpretar que os autores

clássicos e os autores com contribuições pontuais de relevância recomendados nas disciplinas são, de fato, utilizados nas pesquisas dos alunos nos PPGCI's.

Gráfico 6 – Categorias temáticas das concepções de memória nas bibliografias



Fonte: Dados da pesquisa (2014)

O gráfico acima foi elaborado para permitir uma melhor visualização das sínteses temáticas evidentes nas bibliografias analisadas. Entre as concepções teóricas mais visualizadas na análise, encontram-se as adjetivações de memória nos aspectos individual, coletivo e social. A ordem decrescente com que essas três adjetivações aparecem próximas nas colunas não nos parece uma coincidência na representação gráfica, visto que essas três concepções de memória estão diretamente relacionadas em suas teorias.

Entre as adjetivações de memória que foram encontradas anteriormente nas ementas das disciplinas e apresentadas na construção do mapa conceitual, na figura 1, a única adjetivação que não foi visualizada na análise das bibliografias mais recomendadas foi a memória organizacional. No entanto, ressalva-se que Icléia Thiesen, uma das autoras presentes na análise, já escreveu sobre as organizações e instituições em sua tese de doutorado, defendida em 1997 na Universidade

Federal do Rio de Janeiro. Sua tese não foi referenciada nas bibliografias, mas os artigos referenciados foram escritos durante o seu doutoramento ou decorrentes de sua tese.

Para além do conjunto dos meios que caracterizam uma organização, é importante identificar uma instituição, definida por um conjunto de práticas finalizadas, com suas normas e suas regras. Assim, a memória organizacional poderia ser vista como um conjunto de meios, através dos quais o conhecimento do passado é recuperado em atividades do presente, determinando maior ou menor eficácia organizacional. As atividades que estão em jogo dizem respeito as diferentes formas de administração de tais organizações. (THIESEN, 1997, p. 51)

Quando se comparam as memórias identificadas nas ementas das disciplinas e sabendo-se que cada instituição de ensino ou PPGCI apresenta as suas particularidades, concorda-se aqui com a afirmação de Thiesen (1997, p. 73), quando, ao estudar a memória institucional, menciona as

[...] diversas maneiras de serem analisados os fenômenos da memória, e suas relações com as instituições, pois não há apenas o modelo representativo disponível na literatura e/ou circulando no imaginário social. Precisamos quebrar as cadeias da representação, tarefa imprescindível na elaboração de conceitos. Mesmo quando se trata da construção de um conceito que tem como base a memória: memória institucional. (THIESEN, 1997, p. 73)

Assim, outras memórias são identificadas em menor relevância de frequência, mas não são menos relevantes quanto a sua importância e colaboração nas perspectivas de ensino e pesquisa da memória na CI.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim com a própria CI, a evidência da memória quanto à questão de sua interdisciplinaridade na área é perceptível, a partir da identificação dos nove PPGCIs, ao percebermos que as disciplinas tratam a memória em contextos específicos e que se diferenciam as disciplinas umas das outras, em razão das áreas de concentração ou das linhas de pesquisa às quais elas pertencem. Nesta análise foram identificadas cinco adjetivações de memória: social, individual, coletiva, organizacional e cultural.

O procedimento de análise dos conteúdos presume que o material empírico selecionado revele os conceitos e fundamentos teóricos supostamente considerados necessários pelos professores das disciplinas para que os estudantes adquiram o domínio necessário ao conceito de memória.

Deste modo, a análise das bibliografias revela uma maior variedade de adjetivações, quando se compara com as que foram identificadas nas disciplinas, nas quais foram identificadas também mais oito adjetivações: memória humana, memória institucional, memória artificial, memória do corpo, memória histórica, memória informacional, memória material e memória nacional.

Quanto à produção científica, a principal observação refere-se aos periódicos mais citados. Nesta análise, a área de História mostrou-se como a mais influente entre os periódicos e artigos recomendados para as disciplinas, tanto no que se refere ao título do periódico mais citado, quanto na análise das áreas de conhecimento de todos os periódicos.

Sobre as três concepções teóricas da memória mais visualizadas nas bibliografias, a memória individual, a memória coletiva e a memória social, considera-se que são concepções diretamente relacionadas, daí a sua proximidade visualizada no gráfico 6. As reflexões sobre a memória social são indissociáveis das considerações sobre a coletividade e essa abrange as memórias individuais dos sujeitos inseridos em uma comunidade, grupo ou cenário cultural.

Ao se considerarem os resultados deste estudo, entende-se que as disciplinas, por meio de suas bibliografias, podem ser elementos de transmissão de conteúdos, favorecendo a compreensão dos conhecimentos em sala de aula. O livro é o tipo de material mais referenciado nos programas das disciplinas e em seguida os artigos de periódicos, o que tem sido evidenciado em outros trabalhos sobre as áreas de ciências humanas e sociais. Embora as publicações de pesquisas em

periódicos sejam uma importante forma de comunicação e divulgação da pesquisa no meio científico, o seu percentual mostra uma diferença considerável em relação aos livros. Assim, se faz relevante uma futura análise sobre o uso das bibliografias pelos professores e estudantes, para constatar se os livros são de fato mais utilizados do que os artigos de periódicos como referencial teórico.

Constata-se que sociólogo francês Maurice Halbwachs e o historiador francês Jacques Le Goff são os autores mais influentes para o ensino do tema Memória na área de CI, pois são os mais frequentes nas bibliografias de todos os PPGCIs. Halbwachs se apresenta como o autor dominante por ser o mais referenciado.

Percebe-se que os textos indicados pelos professores são selecionados a partir de um repertório pessoal, mas se voltam à construção coletiva de um currículo, em meio à cultura na qual se destacam autores dominantes, alvos de unanimidade no *corpus* constituído pelas disciplinas. Isso porque, na composição do currículo, estas disciplinas dependem da organização de um referencial teórico condizente com a proposta institucional.

Considera-se que a presente pesquisa ainda abre possibilidades para a sua continuidade, visando a complementação das análises de todas as bibliografias que foram identificadas, ao incluir-se futuramente as obras dos autores referenciados em uma única disciplina ou em um único PPGCI.

Outras possibilidades de grande relevância para aprofundamento desta pesquisa e de suas reflexões incluem pesquisas que busquem identificar a relação entre os alunos e os professores das disciplinas com as bibliografias recomendadas, o grau de afinidade das bibliografias com as áreas de concentração e linhas de pesquisa de cada PPGCI, a proximidade do conteúdo das bibliografias com as propostas presentes nas ementas e a participação dos professores responsáveis pelas disciplinas em grupos de pesquisa afins com o tema da memória.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. Chicletes eu misturo com bananas? Acerca da relação entre teoria e pesquisa em memória social. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Org.). **O que é memória social?** Rio De Janeiro: Contracapa, 2005, pp. 27-42

APPLE, Michael. **Trabalho docente e textos:** economia política das relações de classe e de gênero em educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes teóricas da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.38, n. 3, p. 192-204, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n3/v38n3a13.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2015.

_____. Fundamentos da ciência da informação: correntes teóricas e o conceito de informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 57-79, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pgc/article/view/19120>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023:** informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Os Agregados de informação - Memórias, esquecimento e estoques de informação. **Datagramazero:** revista de ciência da informação, v.1, n.3, jun. 2000. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/jun00/Art_01.htm>. Acesso em: 28 jan. 2015.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória:** ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BERGSON, Henri. **Memória e vida.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Materiais didáticos:** concepções, produções, usos. [S.l.]: Mimeo, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BRAMBILLA, Sônia Domingues Santos; STUMPF, Ida Regina Chitto. Planos de ensino do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: estudo bibliométrico de referências. **Transinformação**, Campinas, v. 18, n. 1, p. 37-47, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v18n1/04.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2015.

BUFREM, Leilah Santiago. Configurações da pesquisa em Ciência da Informação. **Datagramazero**: revista de ciência da informação, Rio de Janeiro, v. 14, n. 6, p. 1, dez. 2013. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez13/Art_04.htm>. Acesso em: 27 jan. 2015.

BUFREM, Leilah Santiago. **Editoras universitárias no Brasil**: uma crítica para a reformulação da prática. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

BUFREM, Leilah Santiago. Relações construídas no campo de conhecimento da Ciência da Informação no Brasil: a literatura periódica científica em foco. **Informação & Informação** (UEL Online), v. 18, p. 68-97, 2013. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2014/12/pdf_707a8ea1da_0014089.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2015.

BUFREM, Leilah Santiago; BRENDA, Sônia Maria. A presença do binômio educação superior e pesquisa em artigos da Revista Brasileira de Educação (1995-2004). In: GARCIA, Tânia Maria Figueiredo Braga; BUFREM, Leilah Santiago; BAIBICH-FARIA, Tânia Maria. (Org.). **Saberes e práticas no ensino superior**. Ijuí: UNIJUÍ, 2008. (coleção Cultura, Escola e Ensino; volume 2)

BUFREM, Leilah Santiago; PRATES, Yara. O saber científico registrado e as práticas de mensuração da informação. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 34, n. 2, p. 9-25, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n2/28551>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia Brasileira**: perspectiva histórica. Brasília, DF: Thesaurus, 2000.

CÂMARA, Rafael Silva da; BUFREM, Leilah Santiago. O uso de mapas conceituais como proposta para a organização e representação do conhecimento nos estudos sobre memória na ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE

PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 14., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2013.

COLL, Cesar. **Psicologia e currículo**: uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar. Ática, 2007.

CUNHA, Lélia Galvão Caldas da; FIGUEIREDO, Laura Maia de. **Curso de bibliografia geral**: para uso dos alunos das escolas de biblioteconomia. Rio de Janeiro: Record, 1967.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Para saber mais**: fontes de informação em ciência e tecnologia. Brasília: Briquet de Lemos, 2001.

DAHLBERG, Ingetraut. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/viewFile/1680/1286>>. Acesso em: 05 jul. 2013.

DIAS, Eduardo José Wense; PITELLA, Mônica Cardoso; PONTELLO, Anália das Graças Gandini. Literatura utilizada no ensino de graduação em biblioteconomia no Brasil: produtividade institucional. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 1, n. 2, jul./dez. 1996, p. 157-176. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/638>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

DIAS, Eduardo Wense; NAVES, Madalena Martins Lopes. **Análise de assunto**: teoria e prática. Brasília: Thesaurus, 2007.

DODEBEI, Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos. Informação, memória, conhecimento: convergência de campos conceituais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: IBICT, 2010.

DODEBEI, Vera Doyle. Memória e patrimônio: perspectivas de acumulação/dissolução no ciberespaço. **Aurora**, n. 10, 2011. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/4614/3473>>. Acesso em: 04 nov. 2014.

DODEBEI, Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos. Novos meios de memória: livros e leitura na época dos weblogs. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação. Florianópolis, n. esp., p. 129-143, 1. sem. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2009v14nesp1p129>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

DODEBEI, Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos. **O Sentido e o significado de documento para a memória social**. Rio de Janeiro, 1997 (Tese) Escola de Comunicação – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

DODEBEI, Vera Lucia Doyle Louzada de Mattos; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill. Informação e memória: um modelo conceitual possível. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2012.

_____. Memória e informação: construindo o campo teórico-metodológico de conhecimentos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília. **Anais...** Brasília: UNB, 2011.

FACHIN, Gleisy Regina Bóries; SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos; RODRIGUES, Rosângela Schwars. Comunicação científica e ontologias: uma pesquisa no Library and Information Science Abstracts. **Transinformação**, Campinas, v. 22, n. 1, p. 77-91, jan./abr., 2010. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/486>>. Acesso em: 16 mar. 2015.

FIGUEIREDO, Nice. **O ensino de biblioteconomia no Brasil**: relatório de equipe de pesquisa sobre o status quo das escolas de biblioteconomia e documentação, com ênfase na situação do pessoal docente. Brasília: CAPES, 1978.

FORQUIN, Jean Claude. As Abordagens Sociológicas do Currículo: Orientações Teóricas e Perspectivas de Pesquisa. **Educação & Realidade**, v. 21, n.1, p.187-198, jan-jun 1996.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Artes Médicas, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GALINDO, Marcos. Patrimônio memorial e instituições públicas no Brasil. In: Antonio Motta Barrio, Mário Hélio Gomes. (Org.). **Inovação Cultural, Patrimônio e Educação**. Recife: Massangana, 2009, p. 251-264.

GALINDO, Marcos. Tragédia da Memória. **Massangana**, Recife, v. 2, n. 1, p. 57-62, 2005.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GIUSTINA, Osvaldo Della. **Reflexões sobre a educação**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1989.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis : Vozes, 2009.

GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva, memória social. **Morpheus**: revista eletrônica em ciências humanas, rio de Janeiro, ano 8, n. 13, 2008. Disponível em: <<http://www4.unirio.br/morpheusonline/numero13-2008/jogandar.htm>>. Acesso em: 05 jan. 2014.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Org.). **O que é memória social?**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

GARCÍA GUTIÉRREZ, Antonio. **Outra memória é possível**: estratégias descolonizadoras do arquivo digital. São Paulo: Vozes, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HOLANDA, Adriana Buarque de. Memória e esquecimento na Ciência da Informação: um estudo exploratório. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília. **Anais eletrônicos...** Brasília: UNB, [2011 ou 2012]. Disponível em: <<http://www.farejadoc.com.br/enancib/document/?view=618>>. Acesso em: 25 out. 2012.

HOLANDA, Adriana Buarque de; SILVA, Fábio Mascarenhas e. Memória e esquecimento para além dos suportes materiais de registro da informação: a cibercultura no ciberespaço. **Datagramazero**: revista de ciência da informação, v.13, n. 5, out., 2012. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/out12/Art_01.htm>. Acesso em: 25 jan. 2015.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 1-13, 1995. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/03/pdf_cfb64eeaa1_0008801.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2015.

JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

KRUMMEL, Donald William. **Bibliografías: sus objetivos y métodos**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1993.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

LIMA, Gercina Ângela Borém. Mapa Conceitual como ferramenta para organização do conhecimento em sistema de hipertextos e seus aspectos cognitivos. In: **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.9, n.2, 2004. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/355/164>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

MANZO, Abelardo J. **Manual para la preparación de monografías: una guía para presentar informes y tesis**. Buenos Aires: Humanistas, 1971.

MCGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação: uma análise introdutória**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MEIRELES, Magali Rezende Gouvêa; CENDÔN; Beatriz Vadalares. Aplicação prática dos processos de análise de conteúdo e de análise de citações em artigos relacionados às redes neurais artificiais. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 77 - 93, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/4884/6993>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em Ciências Sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; GOMES, Suely Ferreira Deslandes Romeu (orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p.9-29.

MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda; PICKLER, Maria Elisa Valentin. A ciência da informação, memória e esquecimento. **Datagramazero**:

revista de ciência da informação, v. 9, n. 6, 2008. Disponível em:
<http://www.dgz.org.br/dez08/Art_02.htm>. Acesso em: 27 jan. 2015.

MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda; PICKLER, Maria Elisa Valentim. Representação e memória no ciberespaço. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 115-123, set./dez., 2006. Disponível em:
<<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/704/596>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

MORAIS, Marielle Barros de; ALMEIDA; Marco Antônio de. Mediação da informação, ciência da informação e teorias curriculares: a transdisciplinaridade na formação do profissional da informação. **Informação & informação**, Londrina, v. 18, n. 3, p. 175-198, set./dez. 2013. Disponível em:
http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/12349/pdf_10. Acesso em: 28 jan. 2015.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em:
<http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html>. Acesso em: 28 jan. 2015.

MOREIRA, Marco Antonio. **Mapas conceituais e aprendizagem significativa**. Porto Alegre: UFRGS, 1997. Disponível em:
<<http://www.if.ufrgs.br/~moreira/mapasport.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2015.

_____. **Mapas conceituais e diagramas v**. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Disponível em:
<http://www.mettodo.com.br/ebooks/Mapas_Conceituais_e_Diagramas_V.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2015

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 34, p. 9-24, 1992. Disponível em:
<http://www.ieb.usp.br/publicacoes/doc/rieb34_1349118861.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2015.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares de memória**. Projeto história, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em:
<<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>>. Acesso em: 27 jan. 2015.

OLIVEIRA, Eliane Braga de. **O conceito de memória na ciência da informação no Brasil: uma análise da produção científica dos programas de pós-graduação**. 2010.

196 p., il. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em:
<http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/7466/1/2010_ElianeBragaOliveira.pdf>
. Acesso em: 27 out. 2012.

OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg. O conceito de memória na Ciência da Informação: análise das teses e dissertações dos programas de pós-graduação no Brasil. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 311-328, mar. 2011. Disponível em:
<<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/416/298>>. Acesso em: 27 out. 2012.

_____. As concepções de memória na Ciência da Informação no Brasil: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 3, n. 3, p. 216-239, set./dez. 2009. Disponível em:
<<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3613/2745>>. Acesso em 27 jan.2015.

PARASKEVA, João Menelau. Michael W. Apple e os estudos [curriculares] críticos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 2, n. 1, p. 106-120, 2002. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol2iss1articles/paraskevaconf.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2015

PEREIRA, Edmeire Cristina; BUFREM, Leilah Santiago. Fontes de informação especializada: uma prática de ensino-aprendizagem com pesquisa na Universidade Federal do Paraná. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 197-206, jul./dez. 2002. Disponível em:
<<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/408>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Gênese da Ciência da Informação ou sinais anunciadores da nova área. In: **O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades**. João Pessoa, UFPB, 2002. P.61-86

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da ciência da informação. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 13-48, jan./jun. 2005 p.13-47. Disponível em:
<<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/51/1521>>. Acesso em: 27 jan. 2015

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro: FVG, v.5, n.10, p.200-212, 1992. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2015.

PAIM, Elison Antonio; RABELO, Giani; COSTA, Marli de Oliveira (Orgs.). **História, educação e cultura escolar**. Chapecó: Argos, 2012.

RICARDO, Elio Carlos. Implementação dos PCN em sala de aula: dificuldades e possibilidades. **Física na Escola**. Florianópolis, v.4, n.1, 2003. Disponível em: <<http://www.sbfisica.org.br/fne/Vol4/Num1/a04.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2015.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

ROSTAING, Hervé. **La bibliométrie et ses techniques**. Toulouse: Sciences de la Société, 1996.

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que planejar? Como planejar?**: currículo, área, aula. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo, Annablume, 2003.

SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos; KOBASHI, Nair Yumiko. Bibliometria, cientometria, infometria: conceitos e aplicações. **Tendências da pesquisa brasileira em ciência da informação**, Brasília, v.2, n.1, p.155-172, jan./dez. 2009. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/21/43>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em ciência da informação**, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun.1996. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/08/pdf_fd9fd572cc_0011621.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2015.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9. ed. Campinas, SP. Autores associados, 2005.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo, Companhia das Letras; Belo Horizonte, UFMG, 2007.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia Maria Braga; HORN, Geraldo Balduino. (Org.). **Diálogos e perspectivas de investigação**. Ijuí: UNIJUÍ, 2008. (coleção Cultura, Escola e Ensino; volume 1)

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. IN: BRESCINI, Stella; NAXARA, Marcia (orgs.). **Memória e (res) sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ligiane Aparecida da; LIMA, Rosilene de. Jacques le goff: estudo de conceitos em história da educação. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE., 9., 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3122_1893.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVEIRA, Murilo Artur Araújo da; BAZI; Rogério Eduardo Rodrigues. As referências nos estudos de citação:algumas questões para discussão. **Datagramazero**: revista de ciência da informação, v.10, n.4, ago. 2009. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/ago09/Art_04.htm>. Acesso em: 26 jan. 2015.

SCALCON, Suze. O pragmatismo epistemológico e a formação do professor. **Revista Percursos**, Florianópolis: UDESC, v. 9, n. 2, ano 2008, pág. 35-49, 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1576/1390>>. Acesso em: 04 jan. 2014.

TEIXEIRA, Rosane de Fátima Batista. **A experiência do professor com livros didáticos**. In: IX ANPED SUL: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/3091/575>>. Acesso em: 07 jun. 2014

THIESEN, Icléia. Informação, memória e História: a instituição de um sistema de informação na corte do Rio de Janeiro. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, n. esp., p. 15-26, 1º sem. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2006v11nesp1p15/383>>. Acesso em: 28 jan. 2015.

THIESEN, Icléia. **Memória institucional**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

_____. **Memória institucional**: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. 161 p., il. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Disponível em: <<http://tede-dep.ibict.br/bitstream/tde/39/1/icleiacosta1997.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2015.

_____. Memória institucional e representação: do mundo das formas (árvore) ao universo do pensamento (rizoma). **INFORMARE: cadernos do programa de pós-graduação em ciência da informação**, Rio de Janeiro, v.2, n. 2, p. 67-72, jul./dez. 1996.

VANZ, Samile Andréa de Souza; CAREGNATO, Sônia Elisa. Estudos de citação: uma ferramenta para compreender a comunicação científica. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 295-307, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/75/35>>. Acesso em 27 jan. 2015.

WEITZEL, Simone da Rocha. Fluxo da informação científica. In: POBLACION, Dinah Aguiar; WITTER, Geraldina Porto; SILVA, José Fernando Modesto da. (Org.). **Comunicação & produção científica**: contexto, indicadores e avaliação. São Paulo: Angellara. 2006.

WERSIG, Gemot; NEVELING, Ulrich. The phenomena of interest to information science. **Information Scientist**, v. 9, p. 127-140, 1975.

YATES, Frances Amelia. **A arte da memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Instituições, disciplinas e bibliografias sobre Memória nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil.....	104
APÊNDICE B – Disciplinas dos PPGs interdisciplinares com a CI cadastrados no portal da ANCIB com o termo “Memória” nos títulos.....	123
APÊNDICE C – Área de concentração dos PPGCIs que apresentam disciplinas com o termo “Memória” nos títulos.....	124

APÊNDICE A – Instituições, disciplinas e bibliografias sobre Memória nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil

PPGCI UFPB

Disciplina: **Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação**

Ementa: Preservação da memória. Representação de informação e de conhecimento. Web semântica. Acessibilidade, usos e impactos da informação.

Bibliografia sobre Memória:

BERGSON, Henri. **Matéria e memória:** ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BRITO, Mariliza E. **Memória e cultura.** Rio de Janeiro: Centro de Memória da Eletricidade no Brasil, 1989.

CAMARGO, Célia Reis. A construção da memória na sociedade global. Identidades sociais: local x global. **Patrimônio e Memória**, v.2, n. 2, p. 1-9, 2006.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade.** São Paulo: Contexto, 2011.

CATROSA, Fernando. **Memória, história e historiografia.** Lisboa: Quarteto, 2001.

DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica: memória, identidade e representação.** Bauru, SP: EDUSC, 2002. Cap. 5.

GALINDO, Marcos. Tragédia da Memória. **Massangana**, Recife, v. 2, n. 1, p. 57-62, 2005.

GONDAR, Jô. Lembrar e esquecer: desejo de memória. In: COSTA, Icléia Thiesen Magalhães e GONDAR, Jô (org.) **Memória e espaço.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. (Orgs). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria; Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

GUTIÉRREZ, António Garcia. **La memoria subrogada:** mediación, cultura y

conciencia en la red digital. Granada, Editorial Universidad de Granada, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Nova tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p.423-553.

JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Florence Universitária, 1990.

LEROY-GOURHAN, André. **O gesto e a palavra: 2 – Memória e ritmos**. Lisboa, Edições 70, 1965.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 34, p. 9-24, 1992.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações. In: SILVA, Zélia Lopes da. (Org.). **Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas**. São Paulo: UNESP; FAPESP, 1999. p. 11-29.

MONTEIRO, Silvana Drumond; PICKLER, Maria Elisa Valentin. A Ciência da Informação, Memória e Esquecimento. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação - v.9 n.6 dez 08**. Artigo 02. Disponível em: <http://dgz.org.br/>

NORA, Pierre. Entre memória et histoire: la problématique des lieux. In: NORA, Pierre (dir.). **Les Lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 2008.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História**. São Paulo, n. 10, p. 07-28, dez. de 1993.

PÊCHEUX, Michel. **Papel da Memória**. In: ACHARD, Pierre (et.al.) **Papel da Memória**. Trad.: José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15**.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: UNICAMP, 2007.

SEGALL, Maurício. Memória: museu. **Revista Teoria e Debate**, n. 29, jun./jul./ago. de 1995. Entrevista em 30/08/1995.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. Movimentos sociais, memória e história. **Revista Universidade e Sociedade**, Distrito Federal, v.18, n. 42, p. 185-193, jun. de 2008.

THIESEN, Icleia. Informação, memória e história: a instituição de um sistema de informação na corte do Rio de Janeiro. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. esp., 1º sem. 2006.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. **Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento**: o exemplo do centro de memória da UNICAMP. Disponível em: < <http://www.lite.fae.unicamp.br/revista/vonsimson.html>>.

PPGCI UFPB

Disciplina: **Memória e Identidade**

Ementa: Categorização dos conceitos de memória; aspectos simbólicos da memória; informação, memória e documento; memória enquanto semiótica da informação; informação, espaços de memória e identidade.

Bibliografia sobre Memória:

ARISTOTELES. Da memória e da Reminiscência. In: _____. Parva naturalia. São Paulo: Edipro.

BERGSON, Henri. Matéria e memória. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. Memória e vida. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CATROGA, Fernando. Memória, história e historiografia. Coimbra: Quarteto Editora, 2001.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. O que é memória social. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2011.

HALBWACHS, Maurice. Lescadressesociaux de lamémoire. Paris: LesPressesuniversitaires de France, 1952.

_____. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990. (BibliotecaVértice, Sociologia e Política).

YATES, France A. A arte da memória. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

CANDAU, Joël. Antropologia da memória. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.

NORA, Pierre (Org.) Leslieux de mémoire. Paris: Quarto Gallimard, 2008. 3v.

LEGOFF Jacques. História e memória. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 1996.

CANDAU, Joël. Memória e identidade. São Paulo: Contexto, 2012.

MORAES, Nilson Alves de. Memória e mundialização: algumas considerações. In: LEMOS, Maria Teresa Toríbio Brittes; MORAES, Nilson Alves de (Orgs.) Memória e construção de identidades. Rio de Janeiro: 7letras, 2000. P. 92-101.

RICOEUR, Paul. A memória, a história e o esquecimento. Campinas: UNICAMP, 2007.

DODEBEI, Vera. O Sentido e o significado de documento para a memória social. Rio de Janeiro, 1997 (Tese) Escola de Comunicação – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

HUYSSSEN, Andreas. Seduzidos pela memória. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

METZ, J. B. Por uma cultura de la memoria. Barcelona: Anthropos editorial, 1999.

PPGCI UFPE

Disciplina: **Informação, Memória e Sociedade**

Ementa: A disciplina apresenta elementos para a compreensão acerca da evolução dos sistemas de informação e documentação na sociedade. A História, as Ciências Sociais, os Estudos Culturais e as Tecnologias contribuem para o desenvolvimento teórico da Ciência da Informação e proporcionam diálogos atualizados sobre o lugar, a acessibilidade, e a socialização desenvolvidos no campo da produção, da preservação e da memória, da circulação, da distribuição, da inovação e do uso da informação. Conceitos-chave são abordados de forma crítica.

Bibliografia sobre Memória:

LE GOFF, J. **História e memória:** escrita e literatura. Campinas: Ed, Unicamp, 2003.

PPGCI UFPE

Disciplina: **As novas mídias e a memória cultural**

Ementa: 1. Identificar os diversos modos de escrever a memória, no mundo contemporâneo, detectando as visões de mundo que embasam tais práticas historiográficas. 2. Reconhecer a importância do arquivamento e analisar sua repercussão no processo de apreensão/ compreensão da memória social. 3. Pesquisar o caráter de cientificidade da historiografia da memória enquanto uma prática (uma disciplina) e um resultado (um discurso). 4. Identificar no ofício do gerenciador de informação a mediação do discurso na inteligibilidade do histórico: a experiência esclarecida pelo esforço conceitual. Como definir o material histórico – o que, efetivamente, seria matéria de memória social? [Um enigma que pede seu Édipo]. Ou: só temos um discurso que constrói uma versão plausível do passado. Sobre o fato, a fabulação: no processo seletivo de discursos e imagens (que já é uma interpretação); aqui, autorizada pela pesquisa documental que a subentende e legitima, pelos critérios de cientificidade. Fica, no entanto, um quê de ficcionalização do passado. Texto, material e historicidade: entre o objeto carregado pela semântica social e o pesquisador, o diferencial do documento. A fonte (-- de 1ª, de 2ª mão?) O pesquisador trabalha em liberdade condicionada – pelo documento. À coesão textual que se espera do literato corresponde a coerência factual que se pede ao conservador da memória pública. Porque trata-se de um gerenciamento da memória. Sua função é ajudar na socialização dos indivíduos, dando-lhes coesão social. Uma identidade: um conjunto articulado de traços comuns. Memória e criação na encruzilhada das ciências contemporâneas. 1 Tecnologias e uma outra forma de acesso ao mundo. Percepções que afetam e modelam mentes, corpos, afetos, inteligência – e valores. 2 As novas representações e a permanência das narrativas. A verdade simbólica dos mitos. Narrar é criar, resistir. [a narração em Pessoa e Guimarães Rosa]. 3 Conciliação entre ciências exatas e humanas. Abrangência do conceito de realidade. Distribuição das razões na cultura (alguns momentos exemplares). 4 Os novos saberes e a incandescência: tecnologias e a poesia do possível; o virtual e o real. Internet e democratização das ciências. Conhecimento descritivo e conhecimento procedural. A cibercultura – o universal sem totalidade: o saber literário.

Bibliografia sobre Memória:

Maurice Halbwachs. **A memória coletiva**. SP: Centauro ed, 2004.

Paul Ricoeur. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

Jacques Le Goff. **História e memória: escrita e literatura**. Campinas: Unicamp, 2003.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DODEBEI, Vera. Memória, circunstância e movimento. In: GONDAR, Jô, DODEBEI, Vera. **O que é memória social?** Rio de Janeiro: 2005. p. 43-54. Contracapa,

DODEBEI, Vera. Patrimônio, Informação e memória digital. **Morpheus**, n. 6, 2006. Disponível em www.unirio.br/morpheusonline

PPGCI UNESP

Disciplina: **Gestão do conhecimento: tecnologias da preservação da memória e de bens culturais**

Ementa: Gestão do conhecimento através da preservação da memória e do patrimônio histórico. Tecnologias de preservação para os suportes bibliográficos e digitais. Políticas de proteção de bens culturais público e o privado.

Bibliografia sobre Memória:

SILVA, L. S. (org.) **Arquivos, patrimônio e memória**: trajetórias e perspectivas. São Paulo: Ed. UNESP: FAPESP, 1999.

PPGCI UNESP

Disciplina: **Imagens e Memória**

Ementa: A disciplina abordará imagens fixas e em movimento como documentos imagéticos, sua historicidade e linguagem. Discutirá o conceito de memória compreendendo sua historicidade e as relações que estabelece com as imagens, a sociedade a partir das unidades de informação.

Bibliografia sobre Memória:

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

JEUDY, H-P. **Memória do social**. Rio de Janeiro: Forense, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. trad. de Laurent Leon Schaffer. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** trad. Bernardo Leitão et al.: Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

O DIREITO À MEMÓRIA : patrimônio histórico e cidadania. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. São Paulo:SPH/SMC, 1991.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. **Memória, história, historiografia.** São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1992/93, n.25/26.

RICOEUR, Paul. **La mémoire, l'histoire, l'oubli.** Paris :Éditions du Seuil, 2000.

TRAVERSO, Enzo. **Le passé, modes d'emploi :** histoire, mémoire, politique. Paris :La Fabrique éditions, 2005.

VESENTINI, Carlos Alberto. **A teia do fato:** uma proposta de estudo sobre a memória histórica. São Paulo: Editora Hucitec.

PPGCI UNESP

Disciplina: **Memória e patrimônio em unidades de informação**

Ementa: A disciplina abordará e discutirá os conceitos de memória e patrimônio documental e histórico compreendendo sua historicidade e as relações que estabelece com a sociedade a partir de arquivos, bibliotecas e museus.

Bibliografia sobre Memória:

BIAVASCHI, Magda Barros; LÜBBE, Anita; MIRANDA, Maria Guilhermina (orgs).

Memória e preservação de documentos: direito do cidadão. São Paulo:LTr, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo:T.A.Queiroz, 1979.

BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.). **Memória e (res)sentimento:** indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

FENELON, Déa Ribeiro (et all). **Muitas memórias, outras histórias.** São Paulo: Editora Olho d'Água, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** trad. de Laurent Leon Schaffer. São Paulo: Vértice, 1990.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos e mídia. trad. Sérgio Alcides. 2. ed.. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2004.

JEUDY, H-P. **Memória do social**. Rio de Janeiro: Forense, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. trad. Bernardo Leitão et al.: Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

NORA, Pierre. **Les Lieux de mémoire**. Paris: Éditions Gallimard, 1997.

O DIREITO À MEMÓRIA: patrimônio histórico e cidadania. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. São Paulo: SPH/SMC, 1991.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. **Memória, história, historiografia**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1992/93, n.25/26.

RICOEUR, Paul. **La mémoire, l'histoire, l'oubli**. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SILVA, Zélia Lopes da (org.). **Arquivos, patrimônio e memória**: trajetórias e perspectivas. São Paulo: Editora UNESP:FAPESP, 1999.

SPENCE, Jonathan D. **O palácio da memória de Matteo Ricci**. trad. Denise Bottmann. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

TRAVERSO, Enzo. **Le passé, modes d'emploi**: histoire, mémoire, politique. Paris: La Fabrique éditions, 2005.

VESENTINI, Carlos A. **A teia do fato**: uma proposta de estudo sobre a memória histórica. São Paulo: Editora Hucitec.

YATES, Frances A. **A arte da memória**. trad. Flavia Bancher. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

Disciplina: Tópicos especiais – Tecnologia & Memória

Ementa: Objetivos: Debater as contribuições teóricas que questionam noções de memória, que colocam o investigador diante de novas metodologias e de novos mecanismos de funcionamento. Para os fins desta disciplina, serão exploradas as fronteiras com outras disciplinas e as múltiplas maneiras em que a memória dá forma ao presente e é moldado pelas percepções atuais. Essa abordagem permite formular uma larga escala de perguntas com foco na evolução da cultura, da preservação, do acesso e da gestão da informação em instituições de memória. Busca-se entender o papel da memória em culturas modernas e a influência das novas mídias na formação dos conceitos reconstruídos do conhecimento. Justificativa: Os conceitos de memória variam tanto quanto os seus proponentes. A aplicação do termo, por razões naturais, invoca-nos de pronto a idéia "praeterita". O senso se faz mais forte no trato de disciplinas como a História, a Arqueologia, e a Arquitetura, entre outras, onde a noção sedimentou-se desde longo tempo, firmando tal conotação. Para a Ciência da Informação (CI), locus a partir de onde perspectivamos nossa observação, o passado revela apenas parte da semântica, e esta aplicada a circunstâncias muito específicas. Em CI, a noção de memória aproxima-se mais do conotativo de estoque de informação, invocando a condição de registro memorial da herança cultural humana. Cabe à CI não a reconstituição do passado histórico memorial, antes busca entender a natureza dos registros e os fenômenos que envolvem a criação, o tratamento e o uso social da informação. Conteúdo: Apresentação e análise de tópicos específicos em pesquisas em memória e tecnologia com ênfase nas reflexões contemporâneas acerca da herança cultural em suas múltiplas dimensões, especialmente do patrimônio registrado em meio digital. Propõe-se debater as contribuições teóricas que questionam noções de memória, que colocam o investigador diante de novas metodologias, de novos mecanismos de funcionamento.

Bibliografia sobre Memória:

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Os Agregados de informação - Memórias, esquecimento e estoques de informação. In: DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação - v.1 n.3 junho de 2000.

BERGSON, Henri. Matéria e Memória. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BELL, Gordon e GEMMELL, Jim. Futuro da Memória: Total Recall. Tradução de Ricardo Bastos Vieira. Campus, 2010.

DUBY, Georges; LARDREAU, Guy. A memória e o que ela esquece: a história da memória. In: In: DUBY, Georges, DURHAM, Eunice. Texto II In: ARANTES, Antonio A. (Coord.) Produzindo o passado: estratégias para a construção do patrimônio cultural. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1984.

GALINDO, Marcos. Patrimônio memorial e instituições públicas no Brasil. In: Antonio Motta Barrio, Mário Hélio Gomes. (Org.). Inovação Cultural, Patrimônio e Educação. Recife: Massangana, 2009, v. , p. 251-264.

GALINDO, Marcos. Tragédia da Memória. Massangana, Recife, Massangana, nº 1, p. 57-62, 2005.

GARCÍA GUTIÉRREZ, Antonio. Outra memória é possível: estratégias descolonizadoras do arquivo digital. São Paulo: Vozes, 2008.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990. (Biblioteca Vértice, Sociologia e Política).

JEUDY, Henri-Pierre. Memórias do social. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. (Coord.). Memória e história. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984a, p. 95-106. (Enciclopédia Einaudi, 1.)

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. (Coord.) Memória e história. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984b. p. 11-51. (Enciclopédia Einaudi, 1).

NAMER, Gérard. Memoire et société. Paris: Méridiens Kincksieck, 1987. (Collection Société).

NORA, Pierre. Les lieux de mémoire. Paris: Gallimard. 1984. v. 1.

Total Recall: How the E-Memory Revolution will Change Everything
<http://www.youtube.com/user/ComputerHistory>

PPGCI UFF

Disciplina: **Informação, Cultura e Memória**

Ementa: A relação entre informação – seus loci de estocagem seletiva e formas de acesso e circulação de registros – e memória social problematiza-se diante da diversidade de abordagens dos dois conceitos. Desta diversidade resultam amplas possibilidades de articulação entre aspectos identitário-culturais, políticos e institucionais envolvidos com a informação, permitindo a análise dos processos sociais que se consubstanciam em políticas de memória, co-memoração, monumentalização e patrimonialização, de intensas relações com o âmbito cultural.

Bibliografia sobre Memória:

ACHARD, Pierre *et al.* **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHAGAS, Mário de Souza. Memória e Poder: dois movimentos. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, n.19, 2002.

COSTA, Icléia T.M.; ORRICO, Evelyn G. (orgs.). **Memória, cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

GONÇALVES, José Reginaldo S. Autenticidade, memória e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.264-275, 1988.

GONZÁLES DE GÓMEZ, M.N.; ORRICO, E.G.D. (Org.) **Políticas de memória e informação**: reflexos na organização do conhecimento. Natal: Editora da UFRN, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HJORLAND, Birger. Documents, memory institutions and Information Science. **Journal of Documentation**, London, v. 56, n. 1, p. 27-41, jan. 2000.

JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. **Ciência da Informação**, Brasília, v.25, n.2, 1995. Disponível em:
<<http://www.ibict.br/cienciadainformacao/viewarticle.php?id=480&layout=abstract>>.

LE GOFF, Jacques. Memória. *In*: **Enciclopédia Einaud**. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. p.11-50. (Brasil: História e Memória, Campinas, Unicamp, 2005.)

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: FVG, v.5, n.10, p.200-212, 1992. Disponível em:
<<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/>>.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, v.3, p.3-15, 1989. Disponível em:< <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/>>.

SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio

Histórico. **O direito à memória:** patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992.

PPGCI IBICT – UFRJ

Disciplina: **Informação e Memória**

Ementa: Estudar na perspectiva teórico-epistemológica a informação e a memória social entendidas como fenômenos construídos histórico e socialmente. A informação atuando como código de transmissão e tem como base principal a leitura e a escrita do mundo e da palavra; e a memória atuando como suporte sociocultural. Ambas se comportam de acordo com as flutuações, transformações e mudanças socioculturais constantes ao longo do processo histórico da humanidade.

Bibliografia sobre Memória:

ASSMANN, Jan. Communicative and Cultural Memory. In: MEUSBURGER, Peter; HEFFERNAN, M.; WUNDER, E. (Eds.) The Geographical Point of View. Series: Knowledge and Space, Vol. 4, 1ªed. Dordrecht: Springer, 2011. pp. 15-28.

BERGSON, Henri. Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. [2ª ed.], São Paulo: Martins Fontes, 1999. [aula expositiva] Disponível em: <<http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/Mat%C3%A9ria-e-Mem%C3%B3ria-Bergson.pdf>>. Acesso em 06 jul. 2013.

BUNDSGAARD, Inge. The question of access: the right to social memory versus the right to social oblivion. In: BLOUIN Jr., Francis X.; ROSENBERG, William G. (Eds.) Archives, documentation and institutions of social memory – Essays from the Sawyer Seminar. Michigan: University of Michigan Press, 2006. pp. 114-120. Disponível em: <<http://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015063318805;view=1up;seq=124>>. Acesso em 06 jul. 2013.

COSTA, Icléia Thiesen M. Memória institucional e representação: do mundo das formas (árvores) ao universo do pensamento (rizoma). Informare - Cad. Prog. Pós-Grad. Ci. Inf., Rio de Janeiro, v.2, n. 2, p. 67-72, jul./dez. 1996. Disponível em: <<http://ibict.phlnet.com.br/anexos/costav2n2.pdf>>.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2004.

LATOUR, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: BARATIN, Marc. JACOB, Christian. (dir.) O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

POMIAN, Krzystof. Memória. In: GIL, Fernando. Sistemática. (Enciclopédia Einaudi, v.42). Porto: Imprensa Nacional, Casa da Moeda: 2000. p. 507- 516.

PRADO, M. Geraldo. Biblioteca Municipal: um espaço de informação e memória. [Relatório de Pesquisa do CNPQ]. CNPQ, 2012.

ROBIN, Régine. La mémoire saturée. (col. Un ordre d'idées) Paris: Stock, 2003.

ROSSI, Paolo. A memória artificial e o método da nova ciência: Ramo, Bacon, Descartes. In: _____. A chave universal: artes da memorização e lógica combinatória desde Lúlio até Leibniz. Bauru, SP: EDUSC, 2004. pp. 201-254.

TODOROV, Tzvetan. A conservação do passado. In: _____. Memória do mal, tentação do bem: indagações sobre o século XX. São Paulo: Arx, 2002. pp. 133-156.

PPGCI UEL

Disciplina: **Memória Organizacional e Informação**

Ementa: Aspectos da utilização da memória organizacional e individual para a estratégia da organização. A memória individual como recurso de conhecimento nas organizações.

Bibliografia sobre Memória:

ALMEIDA, M. B. **Um modelo de ontologias para representação da memória organizacional**. Belo Horizonte: UFMG, 2006. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2006.

DODEBEI, V. L. D. L. de M. **Informação, memória, conhecimento: convergência de campos conceituais**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2010. ANAIS... Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

EUZENAT, J. **Corporate memory through cooperative creation of knowledge bases and hyperdocuments**. 1996. Disponível em: <<http://ksi.cpsc.ucalgary.ca/KAW/KAW96/euzenat/euzenat96b.html>>. Acesso em: 11 jul. 2010.

KUHN, O.; ABECKER, A. **Corporate memories for knowledge management in industrial practice: prospects and challenges**. *Journal of Universal Computer Science*, v. 3, n. 8, p. 929-954, 1997.

LASPISA, D. FREDERICK. **A influência do conhecimento individual na memória organizacional: estudo de caso em um call center**. Florianópolis: UFSC, 2007.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2007.

LE GOFF, J. **História e memória**. 5.ed. Campinas: UNICAMP Editora, 2003.

LEHNER, F.; MAIER, R. K. How can organization memory theories contribute to organizational memory systems? **Information Systems Frontiers**, v.2, n.3/4, p.277-298, 2000.

MONTEIRO, S. D.; CARELLI, A. E.; PICKLER, M. E. V. A Ciência da Informação, memória e esquecimento. **DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.9, n.6, dez. 2008.

MORESI, E. A. D. **Memória organizacional e gestão do conhecimento**. In: TARAPANOFF, K. (Org.). Inteligência, informação e conhecimento. Brasília: IBICT; UNESCO, 2006. 453p.

SANTOS, M. S. dos. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SASIETA, H. A. M.; BEPPLER, F. D.; PACHECO, R. C. dos S. **A memória organizacional no contexto da engenharia do conhecimento**. DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v.12, n.3, ago. 2011. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/ago11/F_I_aut.htm>. Acesso em: 10 set. 2011.

SPILLER, A.; PONTES, C. C. C. Memória organizacional e reutilização do conhecimento técnico em uma empresa do setor eletroeletrônico no Brasil. **RBGN**, São Paulo, v.9, n.25, p.96-108, set./dez. 2007.

STEIN, E.W. Organizational Memory: review of concepts and recommendations for management. **International Journal of Information Management**, v.15, n.1, p.17-32, 1995.

TOTINI, B.; GAGETE, E. **Memória empresarial, uma análise da sua evolução**. In: NASSAR, P. (Org.). Memória de empresa: história e comunicação de mãos dadas, a construir o futuro das organizações. São Paulo: ABERJE, 2004. p.113-126

VITORIANO, M. C. de C. P. **Obrigação, controle e memória**: aspectos legais, técnicos, e culturais da produção documental de organizações privadas. São Paulo: USP, 2011. 356 f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade de São Paulo. USP. 2011

YAGUI, L. M. **Memória organizacional**: proposta para implantação em uma instituição de ensino superior. Florianópolis: UFSC, 2003. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

PPGCI UNB

Disciplina: **Memória e Informação**

Ementa: A informação como mediadora e/ou estimuladora das memórias individuais e coletivas; o papel/lugar da memória na contemporaneidade (privilégio da rapidez, da eficácia e da eficiência da informação; super valorização da informação X obsolescência dos meios de disseminação); o papel das instituições de memória (arquivos, museus, centros de documentação e bibliotecas; os espaços virtuais) na constituição, sedimentação e disseminação dessa memória; discussão sobre a possibilidade de autonomia dos indivíduos e grupos sociais organizados na construção/elaboração de suas memórias.

Bibliografia sobre Memória:

ALBERCH FUGUERAS, R. Archivos, memoria y conocimiento. In: ALBERCH FUGUERAS, R. et al. Archivos y cultura. Asturias, Espanha: Ediciones Trea, S. L., 2001, p. 13-26.

BARROS, Myriam M. L. Memória e família. In: Estudos Históricas, v. 2, n.3, p. 29-42, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1989. <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/>

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz editor/EDUSP, 1987.

COLOMBO, Fausto. Os arquivos imperfeitos: memória social e cultura eletrônica. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

COOK, Terry. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 129-150, 1998. Acessível em <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/>

FELIZARDO, Adair; SAMAIN, Etienne G. A fotografia como objeto e recurso de memória, in Discursos Fotográficos, Londrina, v. 3, n. 3, p. 205-220, 2007.

GOMES, Sandra L. Rebel. Lugares de memória e informação: os arquivos e centros de documentação sobre trabalho, trabalhadores e suas organizações. 1996. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – IBICT/UFRJ, Rio de Janeiro,

1996.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

INFORMARE. Cadernos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (Informação, Memória e Sociedade). Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, jul./dez. 1998.

IZQUIERDO, Ivan. Memória. Porto Alegre: Artmed, 2002.

JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. In: Ciência da Informação, Brasília, v. 25, n. 2, p. 1-13, 1995.

MANINI, Miriam P. Imagem, memória e informação: um tripé para o documento fotográfico, in Domínios da Imagem, Londrina, ano 4, n. 8, p. 77-87, 2011.

MATOS, Júlia S. Memória (lembança), esquecimento e representação em uma cinebiografia do século XX: "Nós que aqui estamos por vós esperamos", in Revista Tempo, Espaço e Linguagem, v. 2, n. 1, p.67-76, jan./abr. 2011.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). Arquivos, patrimônio e memória. São Paulo: Editora UNESP/FAPESP, 1999, p. 11-30.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, 1998.

MONTORO, Tânia. Memórias afetivas e pertencimento no documentário contemporâneo. In GAWRYSZRWSKI, Alberto (Org.). Olhares sobre narrativas visuais. Niterói: Editora da UFF, 2012, p. 243-255.

MURGUIA, Eduardo I. Historiografia e memória no filme Nós que aqui estamos por vós esperamos, in: Estudos de História, Franca: Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP, v. 11, n. 2, 2004, p. 85-102.

NÓBREGA, Nanci Gonçalves da. Acervos como memória do mundo (e sobre sua dinamização). Informare, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p.42-58, jan./jun. 1999.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Trad. Yara

Aoun Khoury. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História, São Paulo, PUC, p. 7-28, v. 10, dez. 1993.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: Estudos Históricos, v. 2, n. 3, p. 3-15, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1998. <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/>

REVISTA ComCiência. Revista eletrônica de jornalismo científico. Especial "Memória", n. 52, março de 2004.
<http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/16.shtml>

RICOEUR, Paul. A memória, a História, o esquecimento. Campinas: Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Georgete Medleg. Memória e esquecimento ou a solidão informacional do homem contemporâneo: metáfora do filme Amnésia. Em questão, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 137-152, jan./jun. 2005. www.fgr.br/emquestao.

SILVA, Terezinha E. Montag e a memória perdida: notas sobre Fahrenheit 451 de François Truffaut, in Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 78-87, jan./jun. 2003.

THIESEN, Icléia. Informação, memória e História: a instituição de um sistema de informação na corte do Rio de Janeiro. In: Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. esp., 1º sem. 2006.

VIDAL, Laurent. Acervos pessoais e memória coletiva – alguns elementos de reflexão. In: Patrimônio e Memória, Assis, v. 3, n. 1, 2007 p. 1-11.

FORMAGGINI, Beth. Memória para uso diário. Brasil, 2007. (Filme, 94').
PARENTE, José Inácio. Rio de memórias. Brasil, 1987. (Filme, 33').

PPGCI UFMG

Disciplina: **Patrimônio, Memória e Identidade**

Ementa: Conceitos: patrimônio, memória e identidade. Especificidades e distinções no contexto das instituições da cultura: arquivos, bibliotecas e museus. Inter-relações entre cultura, patrimônio, memória e identidade. Informação como aporte para o patrimônio, a memória e a identidade.

Bibliografia sobre Memória:

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembrança de velhos.SP,T.A.Queiroz,1979,reimpressão 1983.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. 2ª.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. **Ciência da Informação**, vol. 25, nº 2, 1995. p. 1-13.

MARANON, Eduardo Ismael Murguía (Org.). **Memória: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus**. São Carlos: Campacta, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POMAN, Krzysztof. Memória. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2000. vol. 42. p. 507-516.

SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. **Memória Coletiva e Teoria Social**. São Paulo, Annablume, 2003.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo, Companhia das Letras; Belo Horizonte, UFMG, 2007.

TELES, Janaina de Almeida. Entre o luto e a melancolia: aluta dis familiares de mortos e desaparecidos políticos no Brasil. p. 151-156. In: SANTOS, Cecília Macdowell; TELES, Edson; TELES, Janaina de Almeida. (Org.). **Desarquivando a ditadura: memória e justiça no Brasil**. Volume 1. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores. p. 340.

PPGCI UFMG

Disciplina: **Cultura, Memória e Sociedade**

Ementa: Memória: múltiplas faces culturais e sociais. A gestão cultural e a memória como 'objeto'. Os signos da memória e o problema da atribuição de significados.

Bibliografia sobre Memória:

BARBOSA, M. Senhores da memória. INTERCON. Revista Brasileira de Comunicação. São Paulo. V.18. n.2, 1995.

DUBY, G. A memória e o que ela esquece. In: __. Diálogos sobre a história. Lisboa: Don Quixote. 1989.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Vértice. Ed. Dos Tribunais. 1990.

JEUDY, Henri-Pierre. Memórias do social. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1990.

LE GOFF, J. História e Memória. Campinas: UNICAMP. 1992.

NORA, P. Mémoire collective. In: LE GOFF et al. La nouvelle histoire. Paris: Retz. 1978.

APÊNDICE B – Disciplinas dos PPGs interdisciplinares com a CI cadastrados no portal da ANCIB com o termo “Memória” nos títulos

Instituição	Programa de Pós-Graduação	Nome da disciplina	Ementa completa disponível no site?
UNIV. FED. DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)	Mestrado e Doutorado em Comunicação e Informação	Memória, Comunicação e Práticas Culturais	Não
UNIV. FED. DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)	Mestrado e Doutorado em Memória Social	Estudos em Memória Social I (mestrado)	Não
		Estudos em Memória Social II (doutorado)	Não
		Memória Social e Instituição (mestrado) PLANO 2013	Sim
		Memória e Patrimônio (mestrado - Código:02P4M09 e doutorado - Código: 02P4D02)	Não
		Memória e Espaço (mestrado - Código: 02P4M10 e doutorado - Código: 02P4D03)	Não
		Memória e Linguagem (mestrado - Código: 02P4M11 e doutorado - Código: 02P4D04)	Não
		Memória e Diferença (mestrado - Código: 02P4M12 e doutorado - Código: 02P4D05)	Não
		Tópicos Especiais I - Memória e Patrimônio (mestrado e doutorado) Código 2P4D10	Não
		Tópicos Especiais II - Memória e Espaço (mestrado e doutorado) Código 2P4D11	Não
		Tópicos Especiais III - Memória e Linguagem (mestrado e doutorado) Código 2P4D12	Não
		Tópicos Especiais IV - Memória, Subjetividade e Criação (mestrado e doutorado) Código 2P4D13	Não
		Tópicos Especiais V – Memória Social (mestrado e doutorado) Código 2P4D24	Não

Fonte: O autor (2013)

APÊNDICE C – Área de concentração dos PPGCIs que apresentam disciplinas com o termo “Memória” nos títulos

PPGCI	Área de concentração
UFMG	Produção, Organização e Utilização da Informação
UFPB	Informação, Conhecimento e Sociedade
UFPE	Informação, Memória e Tecnologia
UnB	Gestão da Informação
UNESP	Informação, Tecnologia e Conhecimento
USP	Cultura e Informação
UEL	Organização, acesso e apropriação da informação e do conhecimento
UFRJ-IBICT	Informação e Mediações Sociais e Tecnológicas para o Conhecimento
UFF	Dimensões contemporâneas da informação e do conhecimento

Fonte: O autor (2015)